



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

Luiza Herrera Braga

**Ciência e religião em *The Strange Case of dr. Jekyll and mr. Hyde*, de
R. L. Stevenson**

Campinas,
2021

Luiza Herrera Braga

Ciência e religião em *The Strange Case of dr. Jekyll and mr. Hyde*, de R. L. Stevenson

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Teoria e História Literária na área de História e Historiografia Literária.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano.

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Luiza Herrera Braga e orientada pelo Prof. Dr. Jefferson Cano.

Campinas,
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

B73c Braga, Luiza Herrera, 1993-
Ciência e religião em The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde, de R. L. Stevenson / Luiza Herrera Braga. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Jefferson Cano.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Stevenson, Robert Louis, 1850-1894. O médico e o monstro. 2. The Cornhill Magazine. 3. Literatura inglesa. 4. Pecado original. I. Cano, Jefferson, 1970-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Science and religion in The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde, by R. L. Stevenson

Palavras-chave em inglês:

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894. The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde

The Cornhill Magazine

English literature

Sin, Original

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Mestra em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Jefferson Cano [Orientador]

Mário Luiz Frungillo

Karin Volobuef

Frungillo, Mário Luiz

Volobuef, Karin

Data de defesa: 05-03-2021

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8282-7583>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5944462953482324>



BANCA EXAMINADORA:

Jefferson Cano

Mario Luiz Frungillo

Karin Volobuef

**IEL/UNICAMP
2021**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

É uma história sobre desejo. Sobre o que é lícito desejar. Sobre a dúvida a respeito do
que é de fato desejável no desejo.
(**L. Bueno, *O nascimento de um mito literário***)

Consequently, if a person can not be happy without remaining idle, idle he should
remain.
(**R.L. Stevenson, *An apology for idlers***)

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela outorga do processo nº 2018/16464-0, concedendo o apoio financeiro integral e tão necessário para que esta dissertação pudesse ser devidamente desenvolvida.

Agradeço ao Prof. Jefferson Cano pela paciência, tempo e orientação direcionados para esta pesquisa, bem como as demais desenvolvidas sob sua orientação durante a minha formação.

Agradeço aos professores Mário Frungillo e Marcos Lopes, presentes na banca de qualificação, pela disposição em participar da pesquisa, bem como pelos comentários.

Agradeço a atual banca de defesa, professor Mário Frungillo e professora Karin Volobuef, pelos mesmos motivos.

Por fim, agradeço aos meus familiares, amigos, colegas e cães pelo carinho e apoio emocional dedicados a mim em todo o processo.

Resumo

A pesquisa aqui proposta pretende analisar a obra de Robert Louis Stevenson, *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde*, a partir da presença da ciência e da religião como elementos estruturantes do conflito central do romance. O trabalho tem início com a análise da produção do autor no periódico *The Cornhill Magazine*, visando discutir sua maturidade autoral, que culmina na obra citada. Em seguida, considerando os trabalhos sobre a psique humana contemporâneos de Stevenson, discutem-se as relações entre o trabalho do autor e as teorias científicas do período que se encontram em artigos científicos publicados no mesmo periódico com o qual Stevenson colaborava. Por fim, o problema será abordado levando em consideração a formação calvinista do autor e a tradição literária que dialoga com as ideias religiosas por meio do tema do conhecimento proibido, proporcionado pela discussão sobre o limite do domínio da ciência no comportamento ético humano.

Palavras Chave: Literatura inglesa; O médico e o monstro; *The Cornhill Magazine*; R.L. Stevenson; Pecado original.

Abstract

The research proposed here intends to analyze the work of Robert Louis Stevenson, *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde*, by focusing on the presence of science and religion as structuring elements of the novel's central conflict. The study begins with the analysis of the author's production in the journal *The Cornhill Magazine*, aiming to discuss his authorial maturity, which culminates in the cited work. Then, considering the works on human psyche contemporaneous with Stevenson, we discuss the relationship between his production and the scientific theories of the period that are found in scientific articles published in the same journal which Stevenson collaborated with. Finally, the problem will be approached by taking into account the author's Calvinist background and the literary tradition that dialogue with religious ideas through the theme of forbidden knowledge, provided by the discussion about the limit of the domain of science in human ethical behaviour.

Keywords: English literature; Jekyll and Hyde; *The Cornhill Magazine*; R.L. Stevenson; Original sin.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 - Stevenson e a Cornhill Magazine	16
Capítulo 2 - Ciência e Sanidade: temáticas de uma época	44
Capítulo 3 - O conhecimento proibido na tradição literária	72
Considerações finais	95
Fontes e bibliografia	99

Introdução

Nascido em lar escocês, em 1850, Robert Louis Stevenson principiou a sua carreira literária em 1871. Após quebrar uma tradição familiar ao abandonar os estudos em engenharia com o consentimento do pai, tendo em vista sua saúde incompatível com o ofício, e ingressar na faculdade de direito da Edinburgh University, o autor passou a colaborar com o periódico da instituição. Desde então, publicou os relatos de viagens provindos de sua busca por um clima que melhor acomodasse sua saúde; romances, dentre os quais se sobressai *Treasure Island* (1883), que proporcionou notabilidade ao autor, mas não total reconhecimento no campo; além dos contos e críticas que constituíram a sua colaboração com mais de dezoito periódicos diferentes no período que antecedeu a publicação de *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde*, que o consolidou como autor, em janeiro de 1886.

Como anuncia o título, a obra conta a relação entre o doutor Henry Jekyll e seu protegido, Edward Hyde. Visto o primeiro ser um homem respeitável de sociedade e o segundo um libertino conhecido tanto por atos recriminatórios quanto por provocar o desgosto de seus interlocutores, a intimidade entre os dois é um dado de preocupação para o amigo e advogado de Jekyll, mr. Gabriel Utterson, que passa a temer por Jekyll, visto que seu testamento faz de Hyde seu herdeiro universal em caso de morte ou desaparecimento. Visando o bem-estar de Jekyll, Utterson se incube de uma investigação sobre Hyde, mas os eventos a que vem conhecer, somando o insólito à violência, reforçam o desgosto e preocupação, com a investigação particular se associando a um caso de polícia quando Hyde passa a ser reconhecido como o assassino do parlamentar Sir Danvers Carew.

Sendo agora procurado, a fuga de Hyde traz algum alívio para Utterson, que encontra Jekyll afirmando o rompimento de sua relação com o criminoso. Contudo, o fim da tranquilidade é tão repentino quanto foi sua retomada, posto novo afastamento de Jekyll aos círculos e encontros sociais. Agora, o isolamento do médico se dá mesmo entre seus funcionários, confinando-se no prédio anexo da propriedade que constitui o seu laboratório, chamando-os quando em caso de necessidade. Um destes casos se dá com a insistência pela compra de uma determinada substância, não identificada, cuja apelação levanta o temor entre seu pessoal, que envia o mordomo à procura de Utterson. Este, atendendo ao pedido do funcionário, solicita o encontro com o amigo, porém, tendo sua entrada negada, força a passagem e se depara com o corpo de Hyde, inerte e cheirando a amêndoas, ao lado de uma carta, escrita por Jekyll, que encerra o mistério: Jekyll e Hyde não estavam conectados por relações sociais de proteção e posses, mas pela divisão de corpo e alma.

A narrativa de *The strange case...* foi elaborada, inicialmente, visando à participação do autor em uma tradição de fim de ano na qual histórias de terror eram altamente consumidas nas proximidades do natal. O texto tinha sido idealizado para ser comercializado em dezembro de 1885¹, contudo, o ano já estava com um fluxo grande de publicações e a impressão da obra foi postergada para o início do ano seguinte com o intuito de evitar a competição de vendas. As consequências dessa estratégia são facilmente reconhecidas até hoje, pois o romance se transformou em uma das histórias mais conhecidas da literatura, sendo reimaginado, re combinado e reinterpretado em narrativas contemporâneas, como mostra o artigo de Sebastian Domsch, *Monsters against Empire: the politics and poetics of neo-victorian metafiction in League of Extraordinary Gentlemen*².

Neste o autor aponta essa história em quadrinhos de Alan Moore³ como uma enciclopédia da ficção fantástica vitoriana em que há a transposição anacrônica dos motivos do século XX em super heróis do período inglês. Vale notar que Domsch ainda ressalta a fragilidade da morte ficcional, visto que a morte das protagonistas nos textos originais deixa uma pós-vida tumultuosa em formas de adaptações intermináveis, continuações não oficiais e paródias, por exemplo. O pesquisador ainda aponta a participação de alguns personagens, como Drácula, Sherlock Holmes e Jekyll & Hyde na nossa mitologia cultural. Quanto a isso, podemos verificar a veracidade da afirmação uma vez que o uso dos nomes “Jekyll & Hyde”, como expressão da língua inglesa, para designar uma pessoa cuja personalidade apresenta oscilação entre duas características muito distintas⁴ atesta a assimilação cultural do mote narrativo. Vale notar que essa mitologia cultural também se atesta em Jekyll & Hyde com o enfoque sobre a transformação de um homem respeitável em um ser de natureza deturpada como resultado de um experimento científico, que tanto instaura a autoridade das ciências naturais sobre a vida humana quanto margeia a temática cultural do cientista maluco, que se dissemina ao longo do século XX até a contemporaneidade.

¹ Trabalho realizado entre setembro e outubro de 1885. Informação disponível em RLS Website.

² DOMSCH, S. *Monsters against Empire: The Politics and Poetics of Neo-Victorian Metafiction in The League of Extraordinary Gentlemen*, em *Neo-Victorian Gothics: Horror, Violence and Degeneration in the Re-Imagined Nineteenth Century*. Brill & Rodopi, 2012. p. 97- 121.

³ *League of Extraordinary Gentlemen* é uma série de histórias em quadrinhos escrita conjuntamente por Alan Moore (roteiro) e Kevin O’Neill (desenho), publicada pela DC Comics entre 1999 e 2009, e reúne personagens de clássicos da literatura de terror e aventura. Entre estes estão Jekyll e Hyde, Tom Sawyer, Capitão Nemo, Dorian Gray, Mina Harker, personagem responsável pela reunião dos múltiplos relatos do romance *Drácula*, transformada em vampira, entre outros. A adaptação para o cinema de 2003 conta com Sean Connery no papel de Allan Quatermain. Disponível em <<https://topico42.com.br/filmes/a-liga-extraordinaria-e-seus-personagens-literarios/>>.

⁴ Cambridge Dictionary. Disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/jekyll-and-hyde>>.



Hyde and Go Tweet (Piu-piu, o Monstro), 1960

Em seu clássico estudo sobre a literatura fantástica, Todorov define o fantástico a partir da incerteza diante da natureza dos acontecimentos narrados. Em suas palavras “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”⁵. Essa hesitação acontece não apenas por parte do personagem, mas também do leitor, que se integra no mundo dos personagens e compartilha com eles uma percepção ambígua dos acontecimentos narrados. Entretanto, vale observar outra abordagem sobre o fantástico como resultado da ambiguidade dos eventos proposta pelo autor.

No artigo recente de May⁶, por exemplo, o desdobramento da questão recai no uso do recurso *doppelgänger*. Este se define como referente ao fenômeno do duplo, em que a duplicidade consiste na reprodução imagética de outro, sem que as figuras estejam biologicamente relacionadas. Para a autora, a função deste na obra de Stevenson se dá pela re-estruturação do passado gótico na veiculação das dúvidas do fim do século e incertezas

⁵ TODOROV, T. Definição de Fantástico. In: *Introdução à literatura fantástica (cap. 1, 2 e 3)*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 31.

⁶ MAY, W. S. Through the Cheval- Glass: the Doppelgänger and Modernist Terror in ‘The Strange Case of dr. Jekyll and mr. Hyde’. *Supernatural Studies*. V. 5, n° 1 (2018). p. 121 - 135.

quanto à modernidade, tipificando as ansiedades de um período não necessariamente vitoriano, nem definitivamente moderno⁷.

Esta dissertação visa discutir a obra literária a partir das possíveis relações históricas que se estabelecem entre a representação literária e o universo de referências comuns a autor e leitor. Assim, a pesquisa leva em consideração a concepção de história literária apresentada por Jauss⁸, que a reconstituição do sistema de referências existente no momento de aparecimento da obra. De acordo com a reflexão de Jauss, a obra literária não se vincula apenas a seu passado através da tradição em uma perspectiva diacrônica, mas também se insere sincronicamente no que ele denomina como horizonte de expectativa. A partir deste, o historiador da literatura procura se colocar na posição do leitor contemporâneo da obra, fundamentando seu juízo segundo sua posição na sequência histórica de leitura da obra, na medida em que a literatura oferece uma questão para o leitor de cada época de forma a se renovar.

Tendo isso em vista, as publicações contemporâneas de Stevenson se mostram como fonte relevante para o trabalho de reconstituição e, entre os periódicos com os quais Stevenson colaborou ativamente, salta aos olhos a participação do autor na *Cornhill Magazine*, uma das mais influentes revistas do fim do século XIX, cuja parte literária combinava críticas e romances seriais⁹, contando com mais de vinte de seus textos, entre contos e resenhas¹⁰. Dessa forma, o levantamento e leitura das publicações de Robert Louis Stevenson na *Cornhill Magazine* no período anterior à publicação de *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde* será o ponto de partida da presente pesquisa.

A revista foi criada em 1859 por George Murray Smith¹¹ como um ramo da firma de publicações Smith, Elder & Co., fundada por seu pai e por Alexander Elder, e teve sua primeira publicação em janeiro de 1860. Revolucionando o formato do veículo ao apresentar uma miscelânea de 128 páginas a baixo custo, as vendas excederam as expectativas,

⁷ A pesquisa de O'Dell compartilha desse contexto de ideias ao situar a ficção gótica do fim da era vitoriana como palco das condições para concepção de funcionamento das personagens, sendo que as funções repousariam menos na personalidade da identidade ficcional do que na capacidade de posicionamento e resposta destas ao complexo social, político e econômico, de forma que representam uma questão social. Em Jekyll e Hyde, especificamente, o contexto científico que a obra faz uso, segundo o artigo, seria bruma para a natureza superficial da posição social ilustrada pela teia de relações sociais. O'DELL, B. D. Character Crisis: hegemonic negotiations in Robert Louis Stevenson's 'Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde'. *Victorian Literature and Culture*, 2012, n° 40, p. 509 - 521.

⁸ JAUSS, H.R. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

⁹ The Victorian Web. R.G. Cox, August, 2005. Disponível em <<http://www.victorianweb.org/periodicals/cornhill/cornhill.html>>.

¹⁰ Trabalhos dispostos cronologicamente em RLS Website. 2016. Disponível em <<http://robert-louis-stevenson.org/>>.

¹¹ SCHMIDT, B. Q. Introduction: 'The Cornhill Magazine': Celebrating Success. *Victorian Periodicals Review*. Vol.32, N°3 (Fall 1999). p. 202-208

expandindo o número de leitores da classe média em expansão devido ao contexto pós-revolução industrial. Segundo Barbara Schmidt, o crescimento econômico decorrente da revolução industrial teria incutido na população o interesse por maior acesso à qualidade de vida, sendo esse o apelo inicial da revista. Tendo em vista que a conquista desse acesso requer familiaridade com pensamentos, ideias e distinção de classe, sendo dependente de educação, renda, poder e relações de afeto, o periódico contou com a combinação de histórias e críticas, mas também continha artigos de interesse geral.

O fundador, procurando oferecer o que o público procurava, determinou como primeiro editor chefe W. M. Thackeray, visto que este era um literato proeminente e com ideias compatíveis com a posição social ascendente, que aceitou a proposta de editar uma revista para cavalheiros. Os esforços unidos saciaram os desejos da classe média, mas enquanto Thackeray defendia a revista como equivalente a um jantar familiar, Smith reconheceu que a variedade de autores famosos como contribuidores convidados desenhariam os leitores. Entre esses sobressaem nomes como os de Henry James, Thomas Hardy e Arthur Conan Doyle¹², todos eles participantes da rede de contatos literários de Stevenson, cuja estreia na revista iria datar de 1874, com um texto crítico sobre os romances de Victor Hugo, se estendendo até 1882, com o conto *The Merry Men* que, dada a sua extensão, ocupou dois números.

De acordo com Schmidt, uma segunda fase da revista pode ser identificada pela mudança de editor. Durante o intervalo entre setembro de 1871 e dezembro de 1882, período marcado por uma grande atividade de Stevenson no periódico, este passou para o comando de Leslie Stephen a partir da intenção de Smith de direcionar a revista para um olhar acadêmico. A autora ainda ressalta que, nessa etapa, tanto o próprio editor como Stevenson, entre outros, contribuíram com excelentes ensaios para a revista de Londres. Podendo contar com mais três fases importantes¹³, a *Cornhill Magazine* teve mais de um século de publicação¹⁴ e vários dos textos de Stevenson que tiveram nela sua primeira aparição foram reunidos posteriormente em coletâneas. Portanto, sua leitura demonstra grande relevância para a dissertação e, para

¹² The Victorian Web.

¹³ A saber, uma fase sob comando de James Payn, romancista que buscava atrair a audiência interessada em entretenimento, transferindo a edição para John St. Loe Strachery, que iria capitalizar o crescente entusiasmo nacionalista, ao falhar no projeto. Entre suas decisões, consta a rejeição de Sherlock Holmes, perdendo a participação de Arthur Conan Doyle e ajudando a impulsionar o crescimento da *The Strand Magazine*. A última fase da revista foi sob comando do enteado de Smith, Reginald John Smith, que buscou o estilo inicial da revista, mas sem o mesmo espírito. Com sua morte, em 1916, a firma foi vendida, mas manteve a publicação até 1975, sofrendo com alterações em sua extensão e valor. SCHMIDT, op. cit.

¹⁴ A primeira edição data de 1860, e a última de 1975. Informação acessada em The Online Books Page. Disponível em <<http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=cornhill>>.

sua realização, foi efetuada uma pesquisa na plataforma virtual *Internet Archive: Digital Library*, em busca dos volumes em que se encontram essas publicações. A pesquisa não se concentra exclusivamente nos textos ficcionais de Stevenson, mas também visa abranger seus textos críticos de forma a pensá-lo a partir de sua posição como leitor. Além disso, pela leitura da revista teremos contato com textos de divulgação científica, como é o caso do artigo publicado sem assinatura no volume XL, de 1879, “The influence of the mind on the body”, que permite compreender algumas noções de fisiologia e de psicologia que circulavam entre os leitores de Stevenson.

Além disso, a investigação sobre o conhecimento prévio da temática presente na obra de Stevenson remete à questão do pecado pela obtenção do conhecimento proibido, que é percebido anteriormente na trágica figura de Fausto, que se rendeu ao pecado por ambição pelo conhecimento. Tendo em vista a inserção na tradição faustiana, a pesquisa segue para a leitura de suas fontes, principalmente em sua versão inglesa, de Christopher Marlowe, visando à análise aprofundada da articulação entre ciência e religião na problemática do confronto entre o bem e o mal. Para isso, serão pesquisadas as referências de onde se origina o embate da natureza ambígua da alma.

Capítulo 1

Stevenson e a *Cornhill Magazine*

Durante sua extensa atividade em periódicos, Stevenson teve a oportunidade de desenvolver seu estilo e temas, entre eles, a investigação sobre a alma humana e a preocupação com seu destino após a morte, ambos provenientes da criação calvinista que recebeu de sua família, como podemos perceber nos contos *Thrawn Janet* e *The Merry Men*, publicados primeiramente na *Cornhill Magazine*. Sendo esses temas eixos centrais de seus escritos, percebemos em Stevenson uma tendência a encaminhá-los de forma a criar uma ambientação inquietante, tendo a produção de *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde* como a maior referência dessa tendência, pela complexidade que se revela tanto na condução da narrativa quanto na problemática que aborda em seu conflito central.

Sendo Stevenson um autor que carrega em seus escritos uma preocupação comum a respeito do destino da alma humana, a maioria dos estudos acerca de sua obra consiste em uma análise de sua perspectiva a respeito do fim inescapável da morte, partindo desde a crença religiosa, inserida já cedo em sua criação, até um fundamento nos estudos clássicos, a partir de obras de Ovídio e Aristóteles, e mesmo a procura por uma resposta aplicável cientificamente, dado que é conhecido o engajamento do autor nas pesquisas de sua época. O presente trabalho, contudo, busca analisar a obra de Stevenson de forma a encontrar a tensão entre as duas perspectivas principais trabalhadas em sua leitura, a religiosa e a científica, a partir da análise prévia dos seus trabalhos para a *Cornhill Magazine* e da análise de *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde*.

A leitura da publicação prévia do autor em periódicos constitui dado de extrema importância para situá-lo como autor e leitor, inserindo-o dentro de seu contexto histórico. Para isso, foi efetuada uma pesquisa na plataforma virtual *Internet Archive: Digital Library*, em busca dos volumes em que se encontram essas publicações. A base digital permite o acesso ao acervo de bibliotecas no exterior, como o da Biblioteca de Toronto, no Canadá, de forma que, a partir do material disponibilizado, foi possível reunir os diversos volumes do periódico e acessar os textos publicados pelo autor, como segue a tabela:

Título	Volume e Data	Paginação
Victor Hugo's Romances	30: Agosto, 1874	179-194

Forest Notes	33: Maio, 1876	545-561
Walking Tours	33: Junho, 1876	685-690
Virginibus Puerisque	34: Agosto, 1876 ¹⁵	169-176
On falling in love	35: Fevereiro, 1877	214-220
An apology for idlers	36: Julho, 1877	80-86
François Villon, Student, poet and housebreaker	36: Agosto, 1877	215-234
Will o' the Mill	37: Janeiro, 1878	41-60
Crabbed age and youth	37: Março, 1878	351-359
Aes Triplex	37: Abril, 1878	432-437
The English Admirals	38: Julho, 1878	36-43
Child's Play	38: Setembro, 1878	352-359
Truth of Intercourse	39: Maio, 1879	585-590
Some Aspects of Robert Burns	40: Outubro, 1879	408-429
Yoshida-Torajiro	41: Março, 1880	327-334
Henry David Thoreau: his character and opinions	41: Junho, 1880	665-682
The Pavilion on the Links	42: Setembro, 1880 Outubro, 1880	307-327 430-451
Et Tu in Arcadia Viristi	43: Fevereiro, 1881	191-192
Samuel Pepys	44: Julho, 1881	31-46
Thrawn Janet	44: Outubro, 1881	436-443
Talk and Talkers	45: Abril, 1882 46: Agosto, 1882	410-418 151-158
The Foreigner at Home	45: Maio, 1882	534-541
The Merry Men	45: Junho, 1882 46: Julho, 1882	676-695 56-73

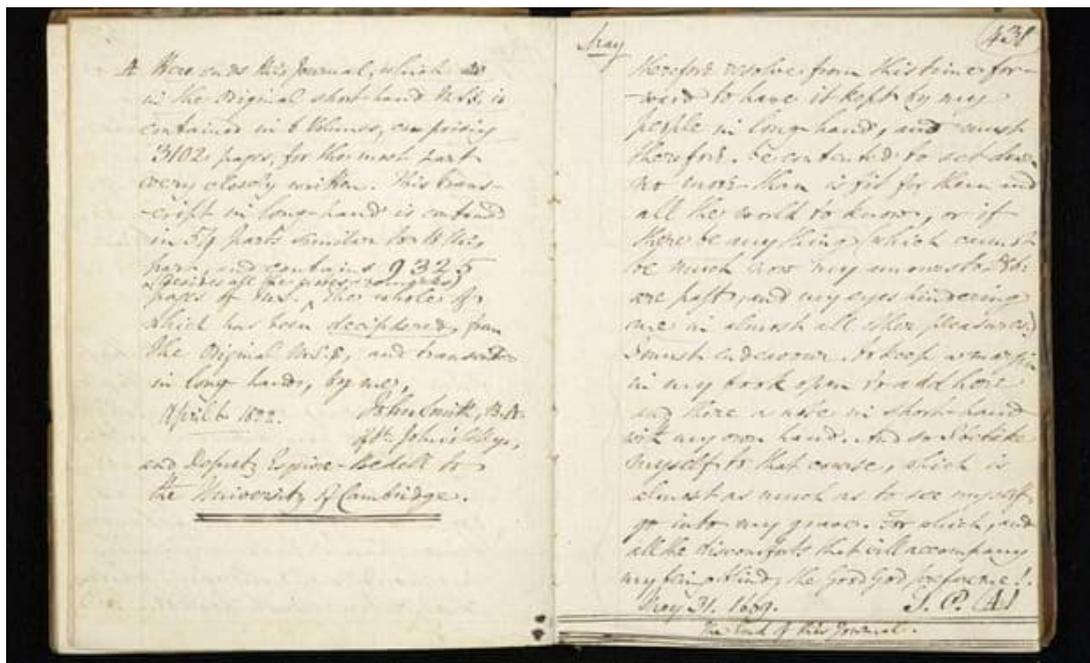
¹⁵ Os volumes número 33 e 34 estavam incompletos, não permitindo o acesso ao texto que Stevenson teria publicado em dezembro de 1876, segundo a informação encontrada em RLS Website.

A leitura dos textos levantados revelou duas posturas do autor, leitor e escritor, entrando em acordo com o que foi elucidado anteriormente. A partir desses dois posicionamentos, Stevenson se divide em crítico e biógrafo, ensaísta, poeta e contista.

Contudo, ainda que através da leitura de *Et tu in Arcadia Viristi* seja possível verificar parte da formação de Stevenson como leitor a partir de sua inserção nos estudos clássicos¹⁶, para a presente pesquisa, seu trabalho como poeta apresenta uma dificuldade. Esse poema é a única amostra de sua atividade nesse campo, sendo, portanto, insuficiente para aprofundamento na questão, de modo que não será tratado na dissertação.

1.1 - Crítico e biógrafo

Tendo em vista a estreita relação entre os papéis de leitor e autor, Stevenson revela em seus textos críticos um forte interesse por autores como Samuel Pepys e Victor Hugo. Estes, mais do que os demais autores que leu, criticou e biografou para a *Cornhill*, se mostram mais presentes na discussão que se segue em *The Strange Case...* bem como na própria maturação de Stevenson como autor.



Transcrição do diário de Pepys por John Smith, capitão da Marinha Real Britânica

A partir da leitura de seu texto biográfico sobre Samuel Pepys, podemos perceber como este se mostra importante para a novela que Stevenson publicaria alguns anos mais tarde. A estrutura do trabalho tem início com o apontamento de novidades trazidas por outros

¹⁶ Sobre a formação clássica do autor, ver BURRISS, E. E. *The Classical Culture of Robert Louis Stevenson*. *The Classical Journal*, Vol. 20. No. 5 (Feb, 1925). p. 271-279.

biógrafos, mas também oferece alguns elementos da obra do próprio Pepys. Vale notar que, quanto à organização do texto, este revela a metodologia seguida por Stevenson, com a leitura e levantamento dos dados oferecidos pelos trabalhos de seus contemporâneos, bem como a leitura da fonte primária. Esta se dá pela publicação exclusiva de um relato de memórias que Pepys manteve durante sua atuação como oficial e parlamentar. Dessa forma, nota-se que, com esse texto, Stevenson oferece ao leitor um trabalho de pesquisa segundo o protocolo acadêmico praticado atualmente.

Entretanto, não é nas informações sigilosas do reinado de James II que consiste o foco da análise do autor. Em seu lugar, os dados apresentados nesse documento para os quais Stevenson direciona sua atenção, e possivelmente tomaria mais tarde inspiração para a criação de Jekyll, são as confissões de Pepys sobre sua vida dupla. Como funcionário do rei, Pepys estava inserido em um contexto político no qual não poderia se dar ao luxo de ter a prática de seus vícios divulgada entre os súditos, algo que ele mesmo assume em suas memórias. Sendo uma figura pública, seu nome estava atrelado ao da monarquia, das leis e da moral e, portanto, a má conduta que contradiz a todos esses aspectos não poderia vir ao conhecimento público. Uma vez que Jekyll, como mostra a narrativa, é herdeiro de uma tradicional e proeminente família, ocupando uma posição social que o situa como figura pública, pode-se notar o compartilhamento entre a personagem e Pepys da experimentação de uma vida de dissimulações. Isto se dá pela apresentação destes de uma imagem pública a partir da formação de uma postura respeitável que não é sustentada quando em contato com as próprias vontades. Vale apontar que estas, segundo Stevenson, são narradas por Pepys majoritariamente não com arrependimento, mas em padrão formal e lamurioso. Porém, Stevenson consegue identificar arrependimento legítimo em algumas dessas anotações, pois encontraria notas de melhora.

Também é relevante apontar que, embora o viés biográfico se revele primordial para a formação da personalidade de Jekyll, há a possibilidade de Stevenson ter dado continuidade à relação entre o diário e seu próprio texto ao estender as semelhanças tocantes ao aspecto formal. O capítulo final da obra de Stevenson dá voz ao próprio médico, de forma que seja permitido ao leitor conhecer a história sob o ponto de vista de Jekyll, em contraste com a visão predominante do advogado do médico, Gabriel Utterson. A inclusão do testemunho o situa e autoriza a personagem na posição de protagonista da própria história, assim como o diário faz a Pepys, de forma que ambos os textos se constituem como receptáculos de confissões e arrependimentos. Segundo a leitura que Stevenson apresenta do texto de Pepys, este usava o diário como forma de confessar a má conduta como marido, bem como espaço

para registrar as tentativas de remissão. Ao mesmo tempo, para o Stevenson leitor, existiria neste documento o registro prático de trabalhos virtuosos para compensar e desculpar os maus atos. Nota-se que da mesma forma age Jekyll. Durante o período de fuga de Hyde, consequência do seu ato assassino e que acarreta a decisão do médico pela ruptura de suas relações, a narrativa enfatiza, tanto pelo testemunho quanto pela participação de Utterson, o exercício de Jekyll em obras de caridade e retomada do contato social. Ambas as atitudes do doutor, tendo indícios de existirem antes da aparição de Hyde, teriam sido negligenciadas no momento de maior aproximação entre Jekyll e o protegido. Com isso, torna-se relevante observar que a coincidência entre o desaparecimento de Hyde e o exercício beneficente de Jekyll começam a apontar para a conclusão inevitável de ambos serem a mesma pessoa e que a justificativa dessas novas atitudes consiste na tentativa de remissão de Jekyll por sua má atuação como Hyde.

Porém, sendo um homem natural, Pepys não conhece a divisão que Jekyll, criação ficcional, sofre. Estes compartilham o aspecto da vida dupla, da confissão, arrependimento e busca de redenção, mas a personagem tem mais liberdade de desdobramentos na própria narrativa de crime. Nessa, a ideia de confissão e penitência está presente no testemunho pessoal, mas se estende e abrange a transmissão da última vontade. Através da mudança significativa de seu testamento, beneficiando Utterson no lugar de Hyde em decorrência de sua morte ou desaparecimento, Jekyll apresenta uma grave mudança em seu interior. A primeira versão de seu testamento permitiria o usufruto incondicional de sua fortuna enquanto Hyde, de maneira que o médico deixaria de viver uma vida dupla ao encerrar sua vida primeira, o médico herdeiro com o peso do nome familiar. Entretanto, o resultado da má atuação durante a vivência dúbia apresenta resultados profundos em sua consciência, acarretando uma ruptura em si mesmo, de forma que Jekyll, vislumbrando sua derrocada, enxerga na alteração de seu testamento, portanto de sua vontade, a esperança de redimir não sua alma, mas o mal que causou em vida. Deixando todos os seus bens para Utterson, alguém que sabe ser efetivamente um homem de bem, que estuda esses desígnios através da teologia e permite que cada homem de seu conhecimento faça uso do direito ao livre arbítrio sem julgamentos, o doutor acredita que essa última vontade seja a única forma de consertar o mal causado, finalmente reconhecendo como seus os atos de Hyde.

Ao fazer de Utterson seu herdeiro, Jekyll permite que o amigo tenha todas as ferramentas necessárias para dar continuidade aos bons trabalhos que começou, mas segundo uma motivação legítima de bem comum. Contudo, a decisão gera uma situação com aspectos conflitantes, pois, ao mesmo tempo em que essa atitude pode ser lida como a rejeição do

benefício próprio, ou seja, a própria visão como um homem decente enquanto essa imagem contrapõe a verdade, essa possibilidade fica em suspenso, já que, depois de morto, Jekyll não tem controle sobre o que os vivos fazem (ou pensam) segundo o seu nome. O conflito apenas seria resolvido quando em contato com a afirmação de que Utterson é “the last reputable acquaintance and the last good influence in the lives of downgoing men”¹⁷ e, portanto, permaneceria cuidando de seus interesses ao não revelar a verdadeira natureza do amigo e dando continuidade aos seus trabalhos em seu lugar. Entretanto, reconhece-se a ironia existente na mudança do beneficiário de sua herança, pois a opção por um bom homem para seu herdeiro no momento em que estaria desistindo da sua máscara respeitável em prol da sociedade, permite a perpetuação em morte da condição dúbia vivida, mantendo sua visão de beneficente respeitável entre a sociedade, ocultando desta sua verdadeira existência.

Contudo, igualmente reconhece-se uma problemática acerca da condição de Utterson ao assumir a posição de herdeiro. Ao ter-se como certo que sua índole protegerá a real essência de Jekyll do julgamento alheio, perpetuando sua condição dupla na percepção da sociedade após sua morte, questiona-se a conduta de Jekyll sob outro aspecto. Visto que a decisão se dá quando do descontrole sobre a transformação de uma personalidade para outra, a sensação proveniente do fim pode ser um impedimento para ponderar sobre as consequências morais de sua decisão sobre a vida de seu amigo. Uma vez que a decisão resolve a problemática quanto ao dano causado na sociedade, seu testemunho e testamento dotam Utterson do conhecimento da história oculta do crime. Embora a posse desse saber se efetive quando da ausência de consequências físicas e legais sobre os envolvidos, questiona-se a configuração da herança dotada pela garantia de silêncio como elemento que envolve Utterson como cúmplice dos eventos, visto tanto a desconsideração quanto a impossibilidade de denunciar um crime.

Passando ao texto de Stevenson sobre os romances de Victor Hugo, este é o mais revelador a respeito do próprio autor, tendo em vista que, ao assumir o papel de crítico, Stevenson mostra mais abertamente seu exercício como leitor. Usando outra metodologia para a composição do escrito, partindo exclusivamente da leitura das obras literárias, segundo o autor, entre os cinco grandes romances de Hugo¹⁸, em *Quatre vingt treize* há a culminação das inovações e maturidade do autor francês ao mesmo tempo em que, nesse

¹⁷ “a última relação respeitável e última boa influência nas vidas dos homens em decadência”. Tradução nossa. STEVENSON, R.L. *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2016. p. 1.

¹⁸ Stevenson situa como os grandes romances de Victor Hugo as obras *Notre Dame de Paris*, *Os Miseráveis*, *O Homem que Ri*, *Trabalhadores do Mar* e *Noventa e Três*.

romance, se verifica a continuação de uma longa tradição literária, ou seja, entende-se melhor os romances de Hugo quando pensados como uma prolongação das tendências literárias.

Em demonstração desse argumento, Stevenson o localiza entre uma sequência de autores, pois, em sua visão, Scott, Fielding e Hugo são alelos de uma mesma corrente. Para ele, embora as diferenças entre estes sejam vistas como abismos de pensamentos e sentimentos pela sucessão de gerações, todos os autores discutem as diferentes formas de ver e tratar o homem, sendo que Hugo apresenta um avanço em relação a Scott, isto é, a autoconsciência que, a partir da exploração da pluralidade, dimensiona e sintetiza o gênio do autor. Esse elemento se apresenta como sendo de grande importância, pois “art preceds philosophy and even science. People have notice things and interest themselves in them before they begin to debate upon their causes and influences”¹⁹. Ou seja, a arte é o primeiro registro daquilo que atrai o pensamento do homem e que se desenvolve posteriormente nas outras áreas. Segundo este pensamento, o autor estabelece relação com o próprio período, localizando a exploração da temática da consciência humana na arte antes mesmo do início dos estudos sobre a psique humana.

Segundo a leitura de Stevenson, o gênio de Hugo chama a atenção em razão de poucos terem sido tão conscientes, visto que o francês entende a natureza da mudança autônoma. Seu trabalho, portanto, permite ao homem compreender uma porção maior da vida e ajuda a sentir mais intensamente os interesses pessoais que são conhecidos por todos. A partir desse movimento, acorda-se alguma consciência das relações mais gerais que são invisíveis para o homem de inteligência comum. Em síntese, o trabalho de Hugo “helps to keep man in his place of nature, and, above all, helps him to understand more intelligently the responsibilities of his place in society”²⁰ e a reflexão sobre o homem e o custo social é a intenção moral que o autor localiza em *Les Misérables*. Neste, a denúncia coincidiria com o efeito artístico, pois o peso da civilização sobre o extrato mais baixo da sociedade pressiona a sensibilidade do leitor. Segundo Stevenson, o romance consiste em uma história em que a parte mais alta da sociedade se alegra de fechar os olhos para a imensa quantidade de injustiças legais, o que faz com que a ordem seja fruto do massacre de trabalhadores cansados. Assim, a sensação de horror experimentada seria decorrente da permanente sensação de perseguição e fuga, ambos originados no maquinário legal.

¹⁹ “a arte precede a filosofia e mesmo a ciência. As pessoas têm notado coisas e interesses por si mesmas nestas antes de começarem a debater sobre suas causas e influências”. Tradução nossa. STEVENSON, R.L., Victor Hugo's Romances. *The Cornhill Magazine*, Vol. 30: jul/1874. p. 182.

²⁰ “ajuda a manter o homem em seu lugar natural e, acima de tudo, o ajuda a entender mais inteligentemente as responsabilidades de seu lugar em sociedade”. Tradução nossa, *Ibidem*, p. 193.

O dado da consciência e a sensação de horror presentes nesse romance, ainda que não sendo aquele que Stevenson considera como a grande obra de Hugo, pode ser tomado como fonte de aprendizado para seu trabalho. Tendo em vista a inclusão de *The strange case...* na sombria tradição de final de ano, como já foi dito, nota-se, em sua composição, que a intenção de assombrar o leitor começa a ser moldada desde o início da narrativa a partir da ambientação inicial dos eventos - a porta escondida na rua lateral, um acontecimento insólito e cruel, às três horas da manhã, cercado pela bruma londrina - que remete à tradição gótica²¹, mas destoa de todo o elemento racional que sua sequência assume e pela qual esta se desenrola e finaliza. Dessa forma, a sensação de terror do início passa a assumir todas as características de um suspense que será transmitido ao leitor não a partir do cenário produzido, mas a partir do desencadeamento dos eventos.

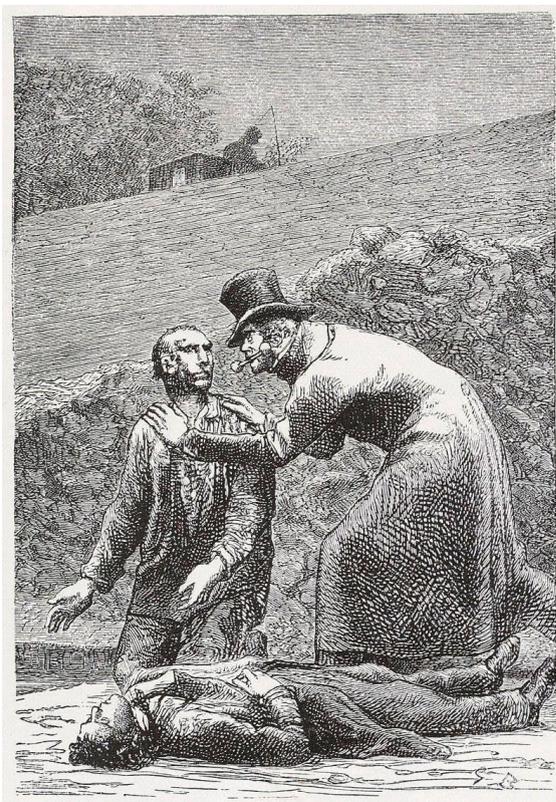
Através da análise do enredo, percebe-se que este se constitui a partir de um ponto cego, característica própria da estrutura da narrativa policial, de onde provém o suspense²², que acarretará no mistério que, por sua vez, propiciará o horror detectado como intenção primeira da trama. Com isso, percebemos que a história permite que um ponto de contato entre duas esferas distintas seja possível. Essas esferas divergentes, a racionalidade e a irracionalidade, entram em comunhão a partir do momento em que este se fundamenta a partir da existência, herdada do romance policial, de toda uma racionalidade por trás dos eventos, ao mesmo tempo em que permite uma abertura para o irracional através da manipulação emocional. Nota-se que o exercício sobre a sensibilidade do leitor através do desenvolvimento da consciência atormentada é o elemento que cria um paralelo entre as obras de Hugo e Stevenson.

De acordo com o texto de Stevenson, Javert, tendo compreendido que a verdade policial é imperfeita, sucumbe ao suicídio. A isso pode-se somar a consciência sendo acusada de seu erro e a incapacidade de reparar a falha com a vítima. O caso de Jean Valjean, preso pelo roubo de um pão, é um peso enorme na consciência de quem tem a empatia de perceber a injustiça de sua condenação, tendo em vista que o valor sobre a vida excede o valor material, assim como o assassinato de Carew, decorrente de seu espancamento por Hyde em um encontro fortuito, o é na sensibilidade de quem reconhece o absurdo existente no prazer que Edward Hyde sente através do exercício da violência.

²¹ HUME, Robert D. "Gothic versus Romantic: A Revaluation of the Gothic Novel". *PMLA*, Vol. 84, nº 2 (Mar., 1969). p. 282-290.

²² Uma consideração a respeito da estrutura narrativa policial é encontrada em TODOROV, Tzvetan. Tipologia do Romance Policial. In: *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 93-104.

Além da indignação causada por essas condições, as obras se tocam pela tensão decorrente das perseguições que as personagens sofrem. Ainda que sob luzes diferentes, pois Valjean é um homem honesto tomado como criminoso enquanto Hyde é um sujeito vil, ambas as narrativas permitem ao leitor o compartilhamento de suas angústias. Após sofrer uma injustiça legal e ter a consciência de seu estado no mundo após ser rotulado como criminoso, Valjean assume outra identidade para escapar das privações sociais garantidas pelo seu histórico na prisão, mas a fuga impede sua tranquilidade de espírito pela ameaça constante de ser encontrado.



Javert reconhece Valjean, por Gustave Brion

Sob outra perspectiva, Hyde é um criminoso procurado pela polícia pelo assassinato de um parlamentar e cuja propensão aos maus atos já era conhecida por alguma parcela da cidade de Londres, além de todos os leitores da narrativa que, logo no primeiro capítulo, traz o episódio da agressão a uma menina. Sendo violento, vulgar, mau e desprezível, de início, a caça que segue ao crime não causa qualquer sentimento na direção da empatia. Contudo, a narrativa registra que esse tipo de crime não é pago com a reclusão permanente do delinquente, mas pela sua retirada definitiva da sociedade através da condenação à morte, opondo-se radicalmente aos interesses de Hyde, pois este tem um imenso amor pela vida.

Muito embora esse amor seja um extremo apego pelos prazeres mundanos, o desejo de viver faz com que a possibilidade de captura seja o maior terror que ele pode experimentar. Assim como “a woman or a lost soul”²³, Hyde se apega à vida e teme a morte, sendo esse choro desconsolado que toca a sensibilidade do leitor. A partir da compreensão do prazer existente na experimentação das possibilidades que a vida oferece e o abismo de finitude que é o encontro com a morte, a angústia e pavor que Hyde não hesita em revelar não é capaz de redimi-lo perante os olhos de qualquer pessoa, mas faz com que sua humanidade se torne palpável e se encaminhe para algo próximo da compaixão.

Retomando a ideia de fuga, mostra-se importante uma reflexão acerca dos elementos que permitem sua efetivação, sendo o espaço urbano um importante dado. Atentando para a existência de uma relação entre a obra e o gênero policial, vale atentar para os apontamentos de Michael Saler²⁴ a respeito das tendências da época para a composição do que ele denomina “reencantamento do mundo”. De acordo com o autor, o mundo dado como moderno sofria com um marcado pessimismo, e seus pilares para a modernidade, racionalismo, urbanismo, secularismo e consumismo, não permitiam qualquer encanto, mas implicavam em serem completamente opostos. Entretanto, na opinião do autor, a criação de Sherlock Holmes seria o bálsamo para o desencantamento, pois este representaria a síntese dos pilares modernos de forma fantástica sem introduzir mágica, sendo que o mais evidente destes, em Holmes, evidentemente, seria a racionalidade, visto sua representação maestral da demanda do período em explicar cada evento.

Porém, como foi dito, a urbanização é o pilar mais relevante para a análise do nosso objeto. Sendo esse conceito compreendido tanto como modo de vida próprio das cidades quanto como a organização das acumulações humanas a partir de técnicas que criem condições adequadas de habitação, vale apontar diferenças de perspectivas sobre esse elemento, aproveitando a percepção que tanto a obra de Conan Doyle quanto a de Stevenson oferecem sobre o tratamento das cidades.

Posto que o enredo de Conan Doyle se baseia na observação e racionalização dos eventos, a cidade não é um dado importante para a verossimilhança ou desenvolvimento dos casos, sendo que, por vezes, a história tem sua chave fora de Londres. Entretanto, em uma visão objetiva do espaço, diferindo do senso comum em que o campo é um lugar mais agradável para se viver do que a cidade, dado que seus campos verdejantes e sorridentes

²³ “uma mulher ou uma alma perdida”. Tradução nossa. STEVENSON, p. 32.

²⁴ SALER, Michael. Clap if you believe in Sherlock Holmes: mass culture and the re-enchantment of modernity, c. 1890-c.1940. *The Historical Journal*, vol. 46, n. 3, 2003. p. 599-622.

passam uma sensação de tranquilidade e paz, Holmes faz um elogio à cidade: “the lowest and the vilest alleys in London do not present a more dreadful record of sin than does the smiling and beautiful countryside”²⁵. Dessa forma, a cidade, com suas organizações e construções, se revela como um ambiente mais seguro para se viver. Concentrando um grande número de pessoas, o crime se torna mais fácil de combater pelo poder de inibição que o olhar do outro exerce sobre as atitudes de um indivíduo.

Quanto a Stevenson, podemos perceber nele uma característica que o aproxima antes do método detetivesco de Poe, cujo olhar se volta para as massas e que se definiria, segundo Araújo, pela união entre as perversões inconscientes, portanto naturais do homem, e as convulsões sociais, aqui especificada através do momento pós-Revolução Industrial.²⁶ Neste momento, em que a realidade passa a ter seu contorno reconfigurado mediante o foco sobre as multidões²⁷, a urbanização se consolida por meio do disfarce das personagens no panorama labiríntico das grandes cidades, fato do qual Hyde tira proveito seja ao caminhar pelos mais variados espaços, não se fazendo conhecer em nenhum, posta a sua fisionomia indefinível que o permite se esconder na multidão.

Os problemas gerados pela metrópole, representada na metáfora do monstro, para a qual Bresciani chama a atenção,²⁸ dada a organicidade fora do comum e o ideal maquinário que devora os homens pela sua degradação consequente do trabalho industrial, embrutecendo a sensibilidade humana e levando ao crime, encaminham para a exposição da interação entre temor e fuga representada por Valjean e Hyde. Com isso, pode-se notar que as obras possuem uma temática em comum, ou seja, a troca de identidade.

Segundo Carlos Ginzburg²⁹, cada sociedade observa a necessidade de distinguir seus componentes, dado que varia segundo tempo e espaço, e que começa a partir do nome, mas a complexidade crescente da sociedade torna esse dado insuficiente. Para exemplificação da situação, o autor cita o Egito greco-romano que, junto ao nome, registrava sumariamente alguns dados físicos acompanhados de sinais particulares, como cicatrizes. Contudo, a

²⁵ “o mais baixo e vil beco de Londres não testemunha um mais terrível registro de pecado que o belo e sorridente interior”. Tradução nossa. CONAN DOYLE, A. *The Adventure of the Copper Beeches*. *The Strand Magazine* (jun/ 1892). p. 618.

²⁶ ARAÚJO, R. *O Fantástico Mundo dos Crimes*. In: *Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 69-90.

²⁷ Um estudo mais aprofundado e completo sobre a função de observador entre os literatos do século XIX, bem como a representação das imagens apreendidas dessa nova configuração de sociedade, pode ser encontrado em BRESCIANI, M.S.M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense.

²⁸ BRESCIANI, M.S.M. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)*. *Revista Brasileira de História*, Vol. 5, nº8/9 (Set. 1984/ Abr. 1985). p. 35-68.

²⁹ GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

margem de erro continua alta sob essas condições e, ainda que a assinatura confira uma segurança à sociedade civil segundo o princípio de particularidade da letra, a possibilidade de falsificação ainda é larga e esse tipo de registro exclui controle sobre a população analfabeta.

A questão da identidade, para Ginzburg, com a complexidade crescente da sociedade, dado o nascimento da grande indústria, que carrega consigo a mobilidade geográfica e social, bem como a luta de classes, se torna um tema devido ao fato de que as “gigantescas formações urbanas alteram radicalmente os dados do problema. Todavia, numa sociedade com tais características, fazer desaparecer os próprios rastros e reaparecer com uma outra identidade era uma brincadeira de criança”³⁰. Dessa maneira, o reconhecimento indelével da identidade aparece como problemático tanto pela sua definição como controle social sobre a criminalidade e os reincidentes quanto pela dificuldade da tarefa. Segundo o autor, dada a respeitabilidade burguesa, o criminoso não poderia mais ser reconhecido pelas marcas ou mutilações estigmatizantes penais do antigo regime, como acontece com Milady pela observação de D’Artagnan, permitindo tanto a Valjean como a Hyde aparecer segundo uma máscara respeitável. Por consequência, o primeiro retorna sob a máscara do prefeito Monsieur Madeleine e o segundo como o médico Henry Jekyll³¹.

Deste modo, pode-se identificar com Hugo a sequência de uma outra cadeia literária paralela ao tratamento humano, isto é, a problemática da identidade em sociedade, em que Stevenson aparece como seguidor. Ao ter apreciado a capacidade de pluralidade nos romances de Hugo, sendo que estes têm a característica de se assemelharem em complexidade a um quebra-cabeça, Stevenson, a partir de sua posição de leitor, identifica e apreende tanto a construção dessas sutilezas quanto o tom correto de uma confissão com Pepys, assimilando elementos da modernidade durante o processo, de forma a construir algo semelhante em grandiosidade. Ainda que ao seu modo, todas as personagens encontram um lugar na trama e esta se encerra sem deixar pontas soltas, mas preserva o triunfo de deixar em aberto tanto a expectativa quanto a interpretação dos leitores a partir de uma forte impressão da criação como um todo.

1.2 - Ensaísta

Em sua atividade como ensaísta, Stevenson apresenta algumas questões sobre o humano e a vida, e as aprofunda de acordo com sua própria forma de pensamento. Com essas

³⁰ Ibidem, p. 172.

³¹ Um levantamento das tentativas de identificação pelo sistema policial é encontrado em COURTINE, J.J., & VIGARELLO, G. Identificar: traços, indícios, suspeitas In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 341-361.

elaborações, desenvolvidas em um tom mais aberto e íntimo do leitor, sua postura e visão positiva sobre a vida se torna mais evidente, bem como registra reflexões sobre o ser humano. Estas se dão sob um aspecto de alta tolerância com a possibilidade de escolha a respeito da diversidade de estilos de vida, de forma que o conteúdo e a construção do texto se equivalem e compõem uma unidade otimista. Nota-se esse aspecto em uma fórmula geral em que, segundo Stevenson, ao partir da visão tolerante com o próximo, a vida se torna mais simples, mais positiva e mais prazerosa, porém, a tarefa está fortemente relacionada com o exercício do autoconhecimento.

Em *Walking tours*, Stevenson defende que a solidão é a essência da liberdade. Tomando como ponto de partida a necessidade de um passeio a pé para melhor se conhecer o interior, ou um país, discorre justamente sobre a importância de estar só. Ao estar acompanhado em uma experiência dessa natureza, esta se altera para assumir um caráter de piquenique e tem sua função comprometida. A partir dessa premissa, o texto consiste em uma teoria do conhecimento do próprio ritmo em que a autoconsciência consola a ausência dos demais, e segue com uma abordagem positiva sobre a solidão, pois é ao encontrar-se nesta condição que o homem é livre para reconhecer as próprias vontades sem as interferências externas e, conseqüentemente, descobre a própria natureza.

O autoconhecimento é extremamente produtivo sob diversos aspectos e a satisfação da vontade muitas vezes é vista como forma de alcançar a felicidade, mas com Jekyll e Hyde o autor estabelece um limite para ambos. O autoconhecimento, segundo essa abordagem, é problemático pela consciência de si entrar em conflito com o que está no exterior. Como exemplo, vemos que Jekyll era lúcido sobre sua natureza, mas lutava contra ela, admitindo tanto sua inclinação por um ânimo alegre quanto a contraposição desta em relação a imagem de seriedade visada quando em frente à sociedade. Dessa forma, verifica-se que o autoconhecimento não é suficiente para a felicidade, pois não há correspondência entre o saber e o agir e, a partir do momento em que Jekyll não age de acordo com o que é, cria a demanda da existência de Hyde. Porém, com isso vemos que seu plano é falho, uma vez que projeta a felicidade individual como resultado da percepção alheia. Vale notar que, sendo homem branco, herdeiro, de família tradicional, Jekyll está naturalmente condicionado ao reconhecimento social. Mesmo sua profissão, nesse contexto, já seria dado de acréscimo para seu status social. Assim, a criação de Hyde se configura como efetivação de uma necessidade ilusória de alguém com percepção deficiente.

Em contraposição, Edward Hyde age exatamente de acordo com quem é, mas o prazer da satisfação de seus desejos é efêmero e logo cria a exigência de um novo deleite, sendo que

essas sempre levam a delitos mais graves, ao ponto de essa euforia ser a causa de fuga e aprisionamento. O prazer tido no espancamento de Carew, extravasando a tensão acumulada no período de reclusão que o impediu de exercer seus prazeres, ao se desfazer, dá margem para o sofrimento posto que, ao fim da adrenalina gerada na libertação da selvageria contida, Hyde se torna o que mais desejava evitar, um prisioneiro. Ainda que essa pena seja mais leve que seu caso receberia pelo crime, pois, segundo o sistema legal, se encontrado pelas autoridades, Hyde seria submetido à mesma condenação que ele auto-impõe no suicídio, é sentida de forma que leva o leitor a notar que tanto o aprisionamento quanto a pena de morte são duas punições que o criminoso encontra não pela submissão às leis, mas pela tentativa de fuga de seu domínio.

Já em *Talk and Talkers*, encontramos um texto dividido em duas partes, sendo que cada uma apresenta a arte da comunicação sob perspectiva própria. Visto que a segunda parte prima pela introspecção, se desenvolvendo sob uma argumentação muito próxima à de *Walking Tours*, fica ao cargo da primeira discorrer sobre a comunicação entre homens em contexto coletivo. Nesta, a distinção do homem em uma conversação é tida como uma ambição pessoal, podendo corrigir erros, declarações públicas e encaminhar o curso da opinião pública. Tendo isso em vista, o texto afirma que a literatura também estaria inserida no contexto da intercomunicação, mas apenas tomando parte nesta como uma sombra da experiência, pois, dada a falta de liberdade e mobilidade que caracteriza a palavra fixa em comparação com o debate ativo, esta possui a característica de lidar apenas com uma parcela da vida. A conversa ativa, portanto, ao abranger maior número de dados sobre o tempo presente, se mostra como sendo mais produtiva por ajudar os homens a aprender sobre sua época e sobre si mesmo. Com isso, a comunicação se mostra como primeiro dever do homem, objetivando não a conclusão, mas o exercício e a experimentação, revelando um traço laboratorial.

É em *An apology for idlers* que o autor apresenta a produtividade presente na experiência da interlocução através de uma justificativa da ociosidade. Para ele, o senso comum de que estar ocioso é sinônimo de estar sem atividade é uma compreensão equivocada do termo, pois estar ocioso é uma atividade séria, e essa forma de pensamento sobre a questão se deve ao seu não reconhecimento pela classe dominante, e deriva do fato de que o ócio não está vinculado ao estudo dos cadernos, mas a coisas mais interessantes. Segundo sua defesa, o ócio, característica que abrange a maioria dos jovens, permite tantas horas instrutivas quanto os livros, mas mais completas e vívidas ao passo que há aulas com períodos completamente sem brilho e preenchidas com cochilos.

Ao contrariar o estudo direcionado, a suposta indolência permite o olhar sobre o hobby alheio e, quando esta atividade é preenchida com prazer, leva o observador a se colocar com indulgência irônica sobre o seu próprio, se tornando receptivo aos diversos tipos de pessoas e opiniões, o que principia o trajeto que leva à tolerância. Em resumo, a intervenção concebe a atividade através do método científico da observação e a define como sendo a “Ciência dos Aspectos da Vida”, sendo esta disciplina aquela que reprova os extremamente ocupados, percebidos através do sintoma de vivacidade deficiente e negligenciamento de diversas outras coisas. Em decorrência dessa ciência, pode-se compreender que, muitas vezes, o exercício do prazer é um compromisso com o aprendizado tanto quanto o próprio dever com os cadernos. Ao apresentar os benefícios que a ociosidade oferece ao homem, sendo este inserido tanto em um contexto plural quanto individual, a defesa da ociosidade é, portanto, uma recusa ao apagamento dos sentidos que conecta o homem com o mundo.

A partir do cunho de laboratório da conversação e a preocupação com os sentidos encontrados aqui, podemos verificar um direcionamento da compreensão de Stevenson sob um viés epicurista. A partir da análise da *Cornhill Magazine*, foi possível entrar em contato com o texto *Anedotes of an Epicure*, publicado sem assinatura no volume XXXV, de 1877, cujo teor encaminha a compreensão de que, durante o século XIX, aquilo que se compreendia por epicurismo estava fortemente relacionado com o conteúdo da obra de Brillat-Savarin, advogado, político, juiz, escritor e chef francês, que via na gastronomia uma reflexão filosófica do comportamento humano³².

Segundo o que nos é apresentado no texto desse autor incógnito, para este homem das leis, o trabalho é importante para o prazer. O anônimo revela este aspecto do pensamento ao citar uma anedota em que Savarin, travando conhecimento com um certo senhor, despreza o homem cuja alimentação se resumia a uma conta aberta por cortesia de um amigo, que lhe garantia jantar em dois dias da semana, sendo os demais dias passados a pão e água. Com essa dieta, podia-se notar que o homem não possuía qualquer desânimo devido à falta de nutrição, mas vivia em constante estado de torpor. Ao manter-se segundo a deferência alheia, a manutenção da vida através da alimentação é encarada com languidez e o prazer que ela incita, por não ser resultado do próprio esforço, possui tanto a potência quanto o efeito reduzidos.

³² BRILLAT-SAVARIN, J. A. *A Fisiologia do Gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O que se pode notar a partir dessa passagem é que nela se encontra a mesma ideia cristã de que “no suor de teu rosto encontrarás o pão”³³, verificando que a afinidade de Savarin com a filosofia de Epicuro não tem apoio completo na perspectiva materialista, mas, a partir dessa ideia moral de vida, o pensamento do autor se encontra em comunhão com aspectos religiosos. Tendo isso em vista, abre-se a possibilidade de compreender Stevenson como um indivíduo inserido nessa cultura sem que haja conflito direto entre filosofia de vida e formação religiosa, cuja importância para o autor pode ser percebida em seus textos.

Para o desenvolvimento da ciência que propõe, Savarin estabelece alguns aforismas, sendo que em um destes indica a existência de um criador de todas as coisas, e do homem, obrigando-o a comer para viver. Para isso, incita o ato pelo apetite, e recompensa o indivíduo através do prazer. Deste modo, podemos perceber que a ideia de prazer não está desassociada da religião, ou seja, o gozo em vida é lícito, pois foi dado por Deus. Porém, visando que a vida é fruto da criação divina, os sentidos se tornam mecanismos de manutenção da vida e sua satisfação, portanto, pode ser tomada não como um ato exclusivamente material, mas também como obediência à ordem divina.

Como desenvolvimento desse aforisma, ao tomar o apetite como exemplo do mecanismo de manutenção que o sentido proporciona, vemos que este, sendo equipamento da Providência, avisa quando há um desequilíbrio entre a força e a necessidade do homem ao indicar a necessidade de comer. Nesse processo, a alma, que se ocupa dos objetos análogos, convoca pela memória a imagem daquilo que agrada ao paladar e, assim, se dá o prazer. Com isso, podemos observar que os sentidos formam um conjunto que obedece a dois propósitos de Deus, isto é, a conservação do indivíduo e a duração da espécie.

Também a sede pode servir de exemplo, pois esta é responsável por indicar o momento de renovar e refrescar os fluidos corporais, restabelecendo o equilíbrio ao compensar a perda gerada durante a transpiração. Entretanto, como Savarin aponta devidamente, a sensação de sede também se associa a um desejo imperioso, como riqueza, poder ou vingança, sendo que um mal-estar e ansiedade terrível é feito sentir naqueles que não possuem a esperança de alívio. Como imagem dessa situação, torna a mente o pranto de Edward Hyde nos momentos finais da narrativa, quando as consequências de suas atitudes ao longo da história se mostram em um crescente que pode ser estabelecido segundo três pontos significativos.

³³ Gn. 3:19.

O primeiro se dá pela sua busca pela polícia, visto que o assassinato que comete não se dá contra um civil, dado que já configura o atentado contra a vida como odioso, mas é dirigido contra um parlamentar. Esse aspecto dá maior profundidade ao crime, já que sua vítima estaria envolvida no contexto político, de forma que sua morte repercute dentro desse contexto e se estende nas demais camadas sociais. Por esse aspecto, temos o segundo ponto significativo, que é a extensão de sua caça dentre os civis. Além de contar com o envolvimento de Utterson na investigação policial, tanto o advogado quanto a sociedade intervêm na causa movidos pela revolta contra sua atitude. Além do choque sobre a brutalidade exercida e das causas que isso provoca na sociedade, vemos que aqui a configuração da urbanização vai de encontro com o elogio sherlockiano da massa como inibidora do crime.

Em vista de sua dupla caça, o terceiro ponto desencadeado de suas consequências, e que desemboca no ápice de seu desespero, é a impossibilidade de se esconder sob a máscara de Jekyll. A frequência, cada vez maior, com que este recorria pela transformação, uma vez abandonada subitamente após a morte de Carew, passa a dar indícios de intoxicação do sistema do médico, visto que este perde o controle sobre a alteração entre suas personalidades, variando de um para o outro sempre que uma sensação de deleite se apodera de seus sentidos, indo dormir como homem livre e acordando como condenado. Além disso, após anos desenvolvendo a fórmula para a libertação, sempre usando o mesmo material em seus experimentos, o fim do lote do cristal não identificado, quando não repostado satisfatoriamente, impedindo o retorno da personalidade principal deste homem dividido, leva à conclusão de uma substância desconhecida como responsável pelos efeitos da metamorfose. Com a somatória desses pontos aproximando-o de sua condenação à morte, e tendo em vista o atestado da culpa tanto pelo testemunho de uma jovem quanto pela notícia do rompimento de sua proteção com Jekyll, seu caso não deixa margem para dúvidas e, portanto, a vida se torna um desejo sem esperança para Hyde.

A partir desse quadro, podemos encaminhar a compreensão de Stevenson de forma que o autor tivesse entendimento de um outro aforisma. Neste, assume-se que aqueles homens que possuem o hábito de se empanturrar ou se embriagar não dispõem da correta compreensão sobre a manutenção do corpo e, assim, não sabem comer nem beber. Tendo em vista que Hyde tem inclinação aos excessos, ainda que seu amor pela vida seja legítimo, podemos entendê-lo como alguém que não se mantém no controle das formas de manutenção da própria existência. Assim, Hyde não é capaz de experimentar uma vida prazerosa, sendo

obrigado a buscar nos vícios a sensação de gozo cuja duração, por ser efêmera, incita o abuso e agrava o sintoma inicial de descontrole.

Segundo o francês, os sentidos são “os órgãos por meio dos quais o homem se põe em relação com os objetos exteriores”³⁴, ou seja, é através das sensações que o indivíduo tem a permissão de conhecer o que está ao seu redor a partir da experiência. Sendo a alma definida como o centro dos sentidos, estes se caracterizam como seus subordinados para serem úteis ao ser e promover seu bem-estar. Dessa forma, podemos ver que o mecanismo da compreensão dos movimentos internos da essência está inserido em uma relação de dependência mútua com a experimentação do que existe no exterior do indivíduo e que visa a gratificação dos seus subordinados. Isto é, ao conhecer o que existe ao redor, é possível identificar aquilo que é útil para suprir uma necessidade interna e, ao satisfazê-la, a informação sobre o objeto de satisfação fica retido na memória e, assim, quando há repetição dessa necessidade, se encontra disponível para a alma acessá-la e restabelecer o equilíbrio. A partir disso, reconhece-se o engenho natural que leva ao bem-estar.

O autor afirma ainda que, a partir do esforço para a satisfação desses suplementos da alma, reconhece-se aquilo que se chama de ciência, podendo essa ser compreendida por aquilo que ele denomina como *gourmandise*. Esta se dá segundo a racionalização daquilo que agrada e determina as preferências pessoais. Desse modo, ela se mostra como inimiga dos excessos por ter a capacidade de determinar o objeto e a medida justa para a supressão do incômodo. Em suma, esta ciência é a consciência racional aplicada sobre a essência, ou seja, a *gourmandise* é o exercício do autoconhecimento associado à correta aplicação dos bens externos para o bom funcionamento do conjunto humano. Esta atividade merece encorajamento, uma vez que a partir dela há a verificação do estado sadio dos órgãos.

Pode-se interpretar o desenvolvimento dessa ideia em Stevenson através da ação de Jekyll. Este identifica uma demanda da alma, praticando o autoconhecimento e se assegurando de sua natureza, ao mesmo tempo em que reconhece ao seu redor os objetos para satisfazer os seus impulsos, de forma que encontra na ciência o meio de atender o desejo pelo qual se reconhecia. Contudo, aqui encontra-se um problema pela ação de Jekyll desconsiderar o aspecto moral que a ciência da *gourmandise* carrega. Sendo que esta procura a justa medida para a satisfação, ela está resignada e submetida aos desígnios divinos, tendo em vista a obediência da ordem de comer para viver, não viver para comer. O doutor, por sua vez, utiliza do laboratório não para a satisfação da medida equivalente de sua necessidade, mas

³⁴ SAVARIN, op.cit, p. 33.

concebe um estratagema que cria mais satisfação do que demanda. Com isso, sua criação encontra um panorama em que é permitido extrapolar os limites, recaindo nos excessos como um glutão.

Como última necessidade dos sentidos, o chef e juiz nos apresenta a morte. Sendo essa a completa aniquilação destes, bem como das forças vitais, sua aproximação consiste em um processo que inicia com a perda da razão, seguido da dissociação das ideias, desenvolvendo a perda gradual da memória, até o momento em que o homem cessa de sentir. Assim, ela nada mais é do que outro mecanismo de manutenção do corpo, que prepara o ser segundo estágios de decrepitude de forma a encaminhá-lo para o descanso final. Com a chegada da insensibilidade, já não há no homem consciência para compreender a finitude que a morte representa e, assim, ela não é mais capaz de inspirar terror.

Dessa maneira, podemos perceber que a disposição positiva em relação ao estágio último da existência é justificável e, além disso, este posicionamento leva à compreensão de que a visão negativa sobre o descanso final se dá quando a juventude e a consciência ainda estão ativas no homem. Nessa situação, o fim precoce é tomado não apenas como o encerramento dos prazeres que a vida oferece, mas o descumprimento de uma sequência natural, já que o processo de decrepitude não é vivenciado e os sentidos ainda estão em pleno vigor e em função da alma. Sendo uma questão de longa e contínua reflexão, Stevenson, através de outros escritos, não se detém na discussão aqui apresentada, mas busca pensar a problemática segundo outras abordagens.

1.3 - Contista

O levantamento de publicações de Stevenson durante esse período revela uma baixa produção de contos quando comparada ao número de ensaios desenvolvidos pelo autor. Destes, sobressaem três que compartilham de uma mesma temática, ou seja, o posicionamento do homem diante do encontro com a própria morte. Porém, os textos demonstram uma diferença de disposição diante dessa ocorrência inevitável da existência.

De acordo com Araújo, nota-se em Stevenson uma característica de Poe chamada “ímpeto da perversidade”, conceito que nomeia um dos contos do americano e que se define como o “fenômeno de poder vislumbrar, diante de um abismo, aquilo que se deve e o que não se deve fazer, e fazer aquilo o que não se deve fazer, ou seja, ficar diante do bem e do mal”³⁵. Em resumo, para Poe, o ser humano é naturalmente condicionado a fazer o mal, dotando

³⁵ ARAÚJO, R. Criptografia e Perversidade: Lógica da Maldade ou Crime como Arte. Ibidem, p.54.

todos os seus personagens com essa característica, apenas variando a profundidade desse ímpeto em cada personalidade. Em contraposição, para Stevenson, a questão do confronto maniqueísta tem raízes mais profundas do que mero impulso instintivo, e resultados mais marcantes na consciência humana, transformando a problemática em uma discussão ética. Assim, percebemos o quanto esse problema se torna característico de sua obra a partir da análise de textos prévios a *The strange case...*, onde se nota que a finitude material liberta a alma para que esta receba o retorno de suas ações acumuladas.

Em *Will o' the Mill*, o enredo se desenrola de forma a encaminhar o leitor para uma conclusão que leva a uma visão positiva da morte. Tendo vivido uma vida de trabalho árduo em casa, a realidade experimentada se opunha ao espírito que desejava viajar, e é na morte que Will se depara com a permissão e meios para explorar o desconhecido. Com a dissociação do espírito viajante do invólucro fixado em um único lugar por diversas limitações, o ancião encontra a liberdade condizente com seus anseios de conhecimento daquilo que extrapola a barreira de sua realidade. Com isso, a morte não é a dissolução definitiva das múltiplas possibilidades, mas se mostra como sendo seu oposto, ou seja, através dela é que se obtém a permissão para conhecer e satisfazer os desejos da alma enclausurados tiranicamente na carne falha.

Todavia, ainda que repleta de margens, a vida também possui sua parcela de felicidade. Ao ter escolhido se manter fiel aos pais e ao trabalho em casa, contrariando o impulso de sair e explorar, a decisão fez com que o menino se tornasse amado e admirado por todos na pequena vila em que vivia até o momento de sua morte tardia. A cada nova tomada de decisão, resistindo aos desejos pessoais, preterindo a satisfação egoísta em prol do auxílio familiar e perpetuação da tradição, mantendo a identidade do vilarejo, Will contribuiu com os valores da comunidade local. Como reação a isso, atraiu para si os bons sentimentos dos que com ele travavam relações constantemente e atingiu a velhice, sendo esse resultado da constância nas atividades domésticas que permitiram que, enquanto rapaz, Will não se expusesse a tantos perigos e incertezas, levando-o à longevidade.



Ilustração do jovem Will, divagando sobre o mundo além da casa, por Amy Sacker

Tendo perdido muitas pessoas amadas durante esse tempo de existência, a chegada da morte mostra mais uma vez seu caráter benevolente. Com o peso dos anos acumulados, para quem espera por ela, sua recepção se dá com a mesma alegria que a de uma amiga que traz um presente, pois é ela quem o levará de volta para as pessoas queridas, promovendo um reencontro há muito desejado. Além disso, ela carrega a cura das dores do corpo, um inconveniente que a experiência e sabedoria não são capazes de remediar, e da alma, que necessita da libertação do seu cárcere material para realizar-se e que permanece em terra sob o frequente tormento da saudade.

Em *Thrawn Janet*, por sua vez, encontramos alguns dados que complementam e alteram a discussão sobre esse tema. Para a construção deste conto, o autor faz uso do cenário, dialeto e folclore escocês, apresentando uma nova perspectiva e um novo contexto de compreensão onde os elementos introduzidos se complementam e reforçam. Segundo Wagner Jr³⁶, é a partir desses que Stevenson desenvolve as peculiaridades do mal escocês, coincidindo com a sua maturidade como autor, que tem como cerne a luta do homem contra a maldade palpável. Tendo em vista o estabelecimento de um narrador que se identifica como um antigo morador do vilarejo, o texto é situado dentro de uma tradição demarcada. A fala se desenvolve ressaltando as características regionais, suplementando a imagem do espaço em que a história está situada e, juntos, esses dados complementam a composição e desenvolvimento do folclore que é explorado de forma a ampliar o efeito da narrativa para o leitor.

Neste conto, a mudança sobre a visão da morte salta aos olhos do leitor. Acompanhando o tom denso da descrição, a passagem de um estado ao outro não se apresenta mais de forma positiva como em *Will o' the Mill*, pois, aqui, a separação da alma

³⁶ WAGNER JR, F.B. *Stevenson's First Scottish Story. Nineteenth Century Fiction*, Vol. 24. N°3. p.335-344.

do corpo não está associada à libertação e realização desta ou ao reencontro com os amados que já partiram, mas encaminha para a temática da possessão demoníaca.

Quando um pregador recém graduado se instala em uma cidade pequena, contrata como assistente doméstica uma mulher de nome Janet, conhecida entre os habitantes por sua suposta ligação com o demônio. Sendo a feitiçaria definida como um trato com o mal, sua atuação consiste na aquisição de privilégios, através de meios escusos, que resultam do trabalho de outrem. Isto é, ao ver os desejos iniciais satisfeitos, o praticante desenvolve interesses cada vez mais audaciosos e, ao buscar atendê-los, o seu bem-estar passa a depender da usura do recurso alheio. A partir da exploração de um igual, prejudicando-o em troca do próprio benefício, o iniciado na arte cede a uma lógica que, além de promover o egoísmo, contraria as leis da caridade.

Um dia, o recém-chegado salva sua funcionária de um ataque cometido contra ela por outras mulheres. Observando a lei que dita que o resultado da prática do mal é o mal em si, as mulheres da vila atentam contra Janet para aliviar a região da atração negativa a que as ações dela podem estar associadas. Aqui se dá a primeira amostra da palpabilidade do mal através de um teste muito popular. A imersão em água da acusada de bruxaria revelaria ou a culpa do crime³⁷, a partir do momento que ela sobrevivesse ao atentado, ou sua inocência, a partir de sua morte. Porém, o resultado não seria outro que não assassinato, logo, a ação do reverendo Soulis, ao intervir, salva tanto a região da atmosfera prejudicial quanto a integridade física da sua contratada. No entanto, a intermediação acaba por condená-la mais do que a tentativa das outras mulheres.

Segundo as lendas escocesas³⁸, seria de conhecimento popular que a torção do pescoço era marca da ação diabólica sobre seus inimigos, mas também poderia acometer aqueles servidores que rejeitassem a fonte de seus privilégios. Dessa forma, ao aconselhar a funcionária a renegar a prática frente às mulheres, usando-as como testemunhas da escolha de uma nova vida, o reverendo crê na possibilidade de redenção de Janet, mas seu conselho não é capaz de ajudá-la, pois a alma desta já estaria condenada. Em consequência de concordar com o conselho do patrão, a criada aparece no dia seguinte com a aparência de um enforcado, com o pescoço torcido e a cabeça caindo lateralmente, revelando mais uma vez o poder tático do mal sobre o homem. O mistério segue até o encontro do pregador com um homem negro nas proximidades da igreja, cuja perseguição leva até o corpo enforcado da mulher, que tinha

³⁷ PARSONS, C. O. *Stevenson's Use of Witchcraft in 'Thrawn Janet'*. *Studies in Philology*, Vol. 43, nº 3 (Jul., 1946). p. 551-571.

³⁸ *Ibidem*.

sido possuído por algum demônio até ser evocado o poder de Deus sobre ele. Ao invés de salvar a mulher, o reverendo a encaminha antecipadamente para o encontro inevitável que esta tinha previamente escolhido para si. Tendo investido poder e dado privilégios a Janet, o Diabo possui domínio sobre a alma da mulher como recompensa pelo seu trabalho. A recusa forçada, portanto, abre margem para mais uma ação do mal sobre a criada, agindo sobre sua carne e levando-a à morte. Com isso, além da obtenção da alma da mulher, o corpo retorcido permite que o Diabo ande incógnito pela vila, disseminando a negatividade atraída pela antiga aliança e atesta a veracidade das acusações feitas pelas mulheres da vila contra Janet.

Também em *The Merry Men* podemos ver a proposta do autor de uma interlocução entre as culturas: aqui o cenário e o folclore escocês se mantêm como em *Thrawn Janet*, acrescentando-se a questão da linguagem, que explora o uso do dialeto local.³⁹ O jovem recém-formado na Edinburgh University, Charles Darnaway, viaja ao encontro dos únicos familiares que possui, o tio e a prima, moça com quem pretende se casar, na ilha em que vivem. Porém, ao chegar, descobre um panorama diverso de sua expectativa, observando riquezas dentro da casa, mas atribui o fato a algum naufrágio nas proximidades cuja riqueza teria sido trazida pelo conjunto de ondas conhecido como “homens alegres”, pois seu ruído seria semelhante ao de risadas.

Com a confirmação do naufrágio por intermédio da prima, o jovem sai em uma caça ao tesouro, mas se depara com uma cova fresca, tomando-a como mau presságio, e desiste da aventura. Na volta para casa, avista o navio de um grupo de estrangeiros cuja presença assusta o tio, fazendo com que o rapaz compreenda que a cova fresca foi fruto de um assassinato cometido pelo parente, que sai em disparada. Ambos saem em meio a uma tempestade e presenciam o momento em que o navio é tragado pelas ondas. Não distante está o homem negro que a consciência culpada do tio Darnaway faz acreditar que seja o fantasma do homem que matou. Enlouquecido, é persuadido pelo estranho a penetrar na chuva em direção ao mar, que os traga tal qual o navio dos estrangeiros sob o testemunho do rapaz.

Esse dado permite que a construção do tio seja dada como uma pessoa apegada aos significados locais, fazendo com que a presença de um homem negro dialogue diretamente com sua crença supersticiosa. Em acréscimo a isso, a posição distante da metrópole permite que as crenças regionais falem mais alto e se dirijam mais a este comportamento do que ao do sobrinho, ainda muito contaminado pela racionalidade metropolitana. No entanto, nesta

³⁹ O autor faz uma análise comparativa das características literárias existentes entre as tradições inglesa e escocesa a partir da leitura da produção do poeta Robert Burns. Para mais ver STEVENSON, R.L. Some Aspects of Robert Burns. *The Cornhill Magazine*. Vol. 40 (Out/ 1879). p. 408 - 429.

história, é a superstição que se mostra realista, pois, segundo as lendas, o demônio se manifesta em terra sob a figura de um homem negro e, aqui, é este personagem que viabiliza a punição dos crimes do tio. Warner Jr afirma, em seu artigo *Stevenson's First Scottish Story*, a possibilidade de ambas as histórias serem consideradas como contos escoceses, sendo que a classificação viria do uso de personagens, cenários e mesmo do dialeto escocês pelo autor; assim, é fácil estabelecer uma relação entre os contos e o folclore local, que afirma a ocorrência da aparição do demônio sob a forma de um homem negro⁴⁰. Dessa maneira, em *The Merry Men*, pode-se compreender que o diabo se revela em terra para buscar o tio por suas más ações.

Ao contrário de Janet, seu crime não consiste em uma aliança suspeita, mas sua maldade é demonstrada pelo prazer em ver a embarcação afundar e não pela falta de prestação de auxílio. Tendo em vista que o cuidado com o próximo é um gesto de amor, é justo que o homem se coloque à disposição do auxílio de seu irmão, contudo, quando a possibilidade de exercer ajuda se encontra vetada pelas circunstâncias, a condição já está dada e não se pode contra isso, porém, o sentimento em relação à degradação é discutível.



Delírio do tio Darnaway ao testemunhar o naufrágio

⁴⁰ Nota-se que, em *The strange case...* Henry Jekyll percebe a sua falta de controle sob a transformação quando, ao acordar, não se depara com sua mão *clara* de bom samaritano, mas com a mão *escura* do criminoso Edward Hyde. Para mais informações sobre o uso do folclore nos contos citados acima, em especial do elemento da bruxaria em *Thrawn Janet*, ver PARSONS, op. cit.

Em meio à tempestade, não havia meios que pudessem salvar a vida dos marujos, e arriscar a própria vida na empresa apenas acarretaria a morte de mais pessoas. Dessa forma, a permanência em terra, onde o tio ocupava mero papel de observador, não é condenável. Todavia, essa posição é mal direcionada, tendo em vista que, ao invés de se sensibilizar com os temores das vítimas e encomendar o bem às suas almas, o espetáculo de morte é apreciado como um divertimento e encarado como a possibilidade de enriquecimento. Dado o naufrágio, as mercadorias e bens da embarcação não estariam mais obrigados a um dono anterior, saindo da lógica mercantil, e permitindo que quem as encontre reclame-as como sua propriedade.

Sendo que um acidente anterior já tinha decorado a propriedade familiar com objetos sofisticados, a desventura de iguais implica na posse livre de materiais e faz com que o prazer com a cena seja resultado da ganância que inverte a noção dos valores, levando o homem a acreditar que a matéria seja mais significativa do que a vida. Dessa forma, verifica-se uma desvalorização da alma e da lei do amor ao próximo a partir da escolha de uma trajetória que se rende aos impulsos mundanos e não à obediência de leis imutáveis. Com isso, o espírito individual se inclina para os erros e, ao sucumbir ao pecado, condena a própria existência. Ao se entregar sem resistência, o tio Darnaway falha na luta contra o mal e, assim, ao encontrar o negro em suas terras, prevê a chegada de sua punição.

As narrativas, em suma, possuem diferentes concepções sobre o encontro do homem com a consequência mais natural de sua existência, isto é, a morte. Contudo, por mais tentador que seja a hipótese de afirmar que o pensamento do autor sofreu alterações a respeito desse momento, parece mais proveitoso atentar para o fato de que a postura em relação à morte está relacionada com a forma de agir das personagens que com ela se depara. Nota-se das histórias que as diferentes disposições acompanham as ações das protagonistas. Enquanto o menino do moinho cresce suprimindo desejos egoístas, dando preferência aos cuidados e manutenção de seu lar, permanecendo na vida regrada e com o trabalho árduo, desviando das escolhas que levam à satisfação de seus desejos efêmeros e imediatos, de forma a crescer em afeto, amor e reconhecimento, Janet e o tio Darnaway possuem a própria vontade como elemento legitimador das ações praticadas.

Tendo em vista as diferentes expectativas de mortalidade que os textos indicam, os contos entram em contato com um texto apresentado em novembro de 1878, no volume XXXVIII, sob a assinatura abreviada C.E.S., intitulado *The Fear of Death*. Neste, é exposto que a matéria apresenta sensações de amargura e solidão pelo fato de poucos se sentirem

confortáveis de falar sobre o assunto, dado que a morte é evento individual, porém aponta para o fato de que não é necessário enfrentar o medo desse encontro sozinho.

Sendo que o medo da morte é indissociável do medo do além, a expectativa sobre esse momento é um dos elementos que a fazem ser mais ou menos bem-vinda. Para o relator, o sentimento encontra fundamento para variações nos campos social, físico e religioso. Para tanto, mostra que, entre ricos e pobres, o fim se apresenta para o segundo grupo com uma potência anestesiadora, posta a rigidez com que a vida se apresenta para eles, diminuindo a sensação de perda que leva ao lamento antecipado característico da reflexão sobre o momento.

Em decorrência desse pensamento, a ideia de “anestesia” abrange o campo físico ao ser eco da visão de Savarin⁴¹, em que a morte é positiva, dada a necessidade da morte para o descanso do corpo. Com isso, o debate se abre para incluir a questão da oportunidade ou não dessa chegada e como ela se relaciona com a sensação de aflição. Quando se é jovem, por exemplo, a constituição não atingiu o seu vigor, fazendo com que direcionar um olhar sereno para esse encontro é mais um esforço da vontade do que a união feliz entre as condições físicas e mentais que requerem trégua.

No caso de Will, vemos a concomitância entre as duas perspectivas. Tendo vivido uma vida de labor, a vida se mostrou nua e dura para o rapaz e, embora não tenha sido insuportável, já que permitiu a permanência do menino nessas condições, a passagem para o além não se mostra na narrativa como algo penoso, mas esperança de usufruto de um prazer não permitido mundanamente. A isso soma-se que, ao chegar no estágio avançado da vida, a decrepitude mental aparece sob forma diversa da tradicional. Visto que o velho Will se encontra tão lúcido quanto era quando jovem, o atordoamento dessa função se desloca ao se apresentar não como doença, mas como saudade daqueles que já se foram.

Entretanto, o texto ressalta que, quando há dedicação religiosa, o quadro sofre alterações importantes, pois ao seguir esse prisma, aceita-se que a fé é capaz de incutir oportunidade a todo desfecho, tornando-os tranquilos. Visto que no caso de Will a morte se dá como porta para prazeres desconhecidos durante a vida, essa premissa se confirma, mas no caso de Janet e do tio Darnaway há inclusão de novos elementos para esse debate. Tendo em vista que tanto um quanto o outro agem com base em um sistema de crenças próprio, o que é posto ao leitor é a discussão sobre o culto correto. Enquanto Janet se insere em um contexto que, dada a presença do reverendo, está fundado nos princípios justos, seu fim turbulento é

⁴¹ BRILLAT-SAVARIN, op. cit.

consequência do fato de que suas decisões seguiram leis em sentido oposto ao dos pilares felizes. Por sua vez, o tio Darnaway apresenta uma outra complicação pelo fato de sua fé não estar fundamentada em nenhuma base além da superstição folclórica, que não apresenta nenhum ensinamento sobre conduta de forma a constituir um culto ineficiente, visto que não tranquiliza o homem sobre o destino da alma nem evita a aflição do fim.

Sendo que ambos se desviam de alguma forma da religião, pode-se ver a relação com o texto *A witch trial in the fourteenth century*, publicado na *Cornhill Magazine*, sem autoria identificada, em setembro de 1874. Neste, há a reconstituição do julgamento de duas mulheres acusadas de bruxaria pelo envenenamento de um homem e sua esposa. Notando que a religião medieval incute o padecimento do cativo, estava justificado na época que ambas as mulheres, Margot e Marion, durante o processo, que conta dez dias de julgamento, permanecessem presas, respondessem diversos interrogatórios e passassem por algumas sessões de tortura, sendo esse o procedimento que consegue extrair a confissão das mulheres.

Este consiste no relato de Marion que, tendo sido abandonada do ponto de vista afetivo e financeiro pelo amante, descobrindo que o homem está noivo de outra mulher e a pouca distância da realização das bodas, teria confessado os sentimentos para a companheira que intercede por ela. Lançando um feitiço em uma guirlanda, Margot instrui a moça a depositar o adereço no casamento sob o disfarce da festa. Com sua saída, a senhora conjura o demônio, este sendo descrito fisicamente como quase idêntico à forma do inimigo representado no gênero teatral dos mistérios medievais, com a exceção dos chifres, segundo a intenção de fazê-lo servir à sua causa, isto é, reparar o mal causado a Marion obrigando-o a retornar ao casal.

Visto que as conjuras são transcritas no corpo do texto, é de interesse notar que parte do ritual consiste em clamar pelo inimigo sob o poder do nome da Trindade, deturpando o sentido religioso, convertendo-o a uma causa própria, visando um bem pessoal à custa de um malefício ao próximo, consistindo em um procedimento ilícito segundo as leis da fé. Da mesma forma, quando requisitada para acompanhar a enfermidade da recém esposa, acometida logo após a celebração, Margot, a acusada mais velha, sob interrogatório, diz ter aplicado um remédio produzido através do manuseio de ervas, afirmando poder livrá-la do mal com a ajuda dos Céus. Desta afirmação, ainda que não sendo evidência conclusiva para o caso, extrai-se a compreensão do crime de cura através de benzimentos e rezas, isto é, de rituais exteriores ao do sacerdócio.

Isto posto, o dado da conjura ao inimigo através do uso de uma força divina parece de próxima relação com a atuação do demônio sobre Janet quando esta recusa seus serviços em

nome de Deus, tendo em vista que ambas as atuações acarretam na atração do mal, até então direcionado para o outro, para quem dessa forma procede. O retorno pode ser visto dado que Janet encontra sua condenação pela mesma força que usufruía, tendo seu pescoço torcido, enquanto as mulheres tiveram a paga na fogueira, tanto pela prática direta quanto pela cumplicidade com o gesto. O mesmo pode ser dito do tio Darnaway que, assim como Marion, foi cúmplice das credices a partir de seus atos, mas diferindo dela ao visar o enriquecimento material, não a vingança pessoal, em detrimento da tripulação, sentindo prazer na expectativa desse retorno a partir da terrível visão de morte do naufrágio.

Sendo que o livre-arbítrio, como dom divino, torna lícito que o indivíduo tenha domínio sobre a própria alma, entende-se que tanto Janet quanto o velho Darnaway optam por condenar suas existências. Assim, Janet escolhe obedecer a inclinação aos serviços contrários ao da moral ética e benfeitora que o seu patrão, o reverendo Soulis, ensina, servindo as más artes, prejudicando os próximos em benefício pessoal, atraindo negatividade para a região e condenando seu espírito. De forma semelhante age o supersticioso. Atribuindo um valor não correspondente aos bens e privilégios materiais e à vida, inverteu as noções daquilo que se deve amar. Ao agirem dessa forma, a condenação destas almas é a não possibilidade de redenção, sendo essa reforçada pela presença do Diabo em terra para levá-los consigo. Logo, como resultado de suas ações, se deparam com a paga dos seus pecados da forma como ditam os desígnios da religião, isto é, a morte espiritual resultado das más escolhas.

Capítulo 2

Ciência e Sanidade: temáticas de uma época

A história de *The strange case...* torna possível um ponto de contato entre as esferas do racional e do irracional através do uso da ciência que resulta em uma transformação tanto de corpo quanto de personalidade. Para pensar essa questão, é importante a contribuição do trabalho de Stiles sobre a teoria do cérebro duplo no século XIX, apresentado no artigo *Robert Louis Stevenson's 'Jekyll and Hyde' and the double brain*.⁴² Fundamentando-se em questões anatômicas, já que o cérebro é formado por dois hemisférios, essa teoria propunha que cada hemisfério funcionaria de forma individual, atuando satisfatoriamente quando isolados, diferindo as habilidades e, por vezes, sendo capazes de exibir desejos e inclinações morais contrastantes. Segundo Stiles, acreditava-se que um hemisfério seria responsável pelo racional, enquanto o outro se reportaria ao emocional. O esquerdo, sendo racional, seria o regente dos gestos dos homens (brancos), pois estes seriam os representantes do auge da evolução. O hemisfério direito, porém, se ocupando das emoções, predominaria nos cérebros femininos, infantis, selvagens e criminosos, portanto, abaixo do anterior na linha evolutiva. Essa definição explicaria a caracterização dos personagens, desde suas descrições físicas. Como o momento valorizava o racionalismo, o primeiro se aplicaria a Jekyll, homem alto, bonito e elegante, de distinta família, culto, gentil e sensato. Em tudo, este difere de Hyde, feio, escuro, baixo e detestável, que apresenta algo em sua fisionomia que é capaz de causar repulsa. Além disso, Hyde vive segundo seus impulsos, que o levam sempre a algum vício ou prazer indigno⁴³, chegando à selvageria. Em suma, Edward Hyde é um escravo de seus sentidos.

Quanto à transformação de Jekyll em Hyde, esta seria o resultado de um desequilíbrio entre os hemisférios do cérebro do médico.⁴⁴ Desta maneira, compreende-se a dicotomia da personalidade de Jekyll a partir de um fator biológico – o mesmo que justificaria os atos e impulsos de seu igual – ao afirmar que “With every day, and from both sides of my intelligence, the moral and the intellectual, I thus drew steadily nearer to that truth, by whose partial discovery I have been doomed to such a dreadful shipwreck: that man is not truly one,

⁴² STILES, A. Robert Louis Stevenson's 'Jekyll and Hyde' and the double brain. *Studies in English Literature*. 1500-1900, Vol.46. No.4 The Nineteenth Century (Autumn, 2006). p. 879-900.

⁴³ Quanto aos prazeres aos quais Hyde se entrega, nunca são explicitados na obra, deixando sempre a critério do leitor defini-los. Dessa forma, o autor convida o leitor a descobrir em si qual o pior crime moral que este considera ser possível cometer.

⁴⁴ STILES, op. cit

but truly two”.⁴⁵ A ironia da obra estaria, portanto, em sua aproximação de um estudo de caso clínico, como o título já anuncia, confundindo o médico com o paciente, o observador com o observado. O conflito interno que constitui o dilema da alma humana se descortinava ainda quando Jekyll distingue seus atos dos de Hyde, mas confessa que a origem dos desejos de um é a mesma que a do outro. Assim, a narrativa, por vezes, confessa os crimes de um através das ações do outro⁴⁶ e o desejo de fazer o mal controlado pela necessidade de fazer o bem.

Uma outra perspectiva interessante é apresentada por Jackson⁴⁷ em cujo artigo entende-se a duplicidade do personagem como referência explícita à condição dos gêmeos, com a contemplação do bem e do mal por Jekyll se dando através de uma polaridade gêmea de consciência. A autora, assim como Stiles, chama a atenção para os estudos científicos contemporâneos a Stevenson, mas muda seu foco para a crescente pesquisa da gestação de múltiplos e o significado da gemelaridade que diminuíram os sentimentos sensacionalistas da era vitoriana, expressados em *freak shows*, em relação ao nascimento dessas crianças⁴⁸.

Marcando a diferença entre o duplo, que é por ela definido como um evento inexato, que sugere ação sobrenatural, podendo ser produzido e reconhecido como simbolicamente idênticos, e a presença dos gêmeos, que possuem uma exatidão física real, são duas as questões a esse respeito que serão defendidas como próximas e aparentes no texto, sendo a primeira delas as dúvidas a respeito dos siameses, e a segunda o senso comum que estipula que o segundo gêmeo seria menor que o primeiro.

A primeira questão, sobre os siameses, parte do posicionamento científico em que se busca responder se os dois corpos significariam dois homens diferentes e independentes, ou a disputa por um corpo. Tendo em vista o baixo conhecimento deste tipo de nascimento à época, a possibilidade de separação conferia um estatuto de alto risco para a cirurgia e a certeza de morte para ambas as crianças. Essa questão é perceptível na obra pela

⁴⁵ “Com os dias, e ambos os lados da minha inteligência, a moral e a intelectual, eu me aproximei dessa verdade, por cuja descoberta eu fui condenado a tão terrível naufrágio: que o homem não é verdadeiramente um, mas dois”. Tradução nossa. STEVENSON, p. 42.

⁴⁶ O momento em que a transformação é revelada possui outra característica interessante. Sendo que esta constitui os dois capítulos finais através dos relatos pessoais de Lanyon e Jekyll, se comporta como a leitura individual de mr. Utterson que o leitor acompanha, tendo o conhecimento dos fatos e sentindo a surpresa simultaneamente ao advogado.

⁴⁷ JACKSON, E.A.B. *Twins, Twinship and Robert Louis Stevenson’s ‘Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde’*. *Victorian Review*, Vol. 39. No.1 (Spring, 2013). p. 70-86.

⁴⁸ Em uma reconstituição da propaganda dos *freak shows* na Europa e Estados Unidos, bem como da transformação da sensibilidade frente ao monstruoso, Jean-Jacques Courtine considera como fascínio da gemelaridade, em siameses em especial, a perfeição simétrica do corpo. Com uma nítida linha dividindo a figura, a imagem produzida seria a de um corpo refletido no espelho, de maneira que a monstruosidade seria exibida e apagada simultaneamente. COURTINE, J.J., *O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade*. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 253-340.

impossibilidade de Jekyll assumir as ações de Hyde como sendo suas, por mais que o corpo e espírito sejam compartilhados, apesar de sofrerem com a transformação. Desta forma, Hyde pode aparecer como uma existência parasitária que estaria em constante disputa com uma identidade primeira pelo controle do corpo como um todo. Quanto à separação, assim como nos siameses, também não seria possível, já que a renúncia da existência de um deles acarretaria o fim do outro, e posto que Jekyll admira o imenso desejo e gosto pela vida de Hyde, torna-se inviável um gesto definitivo.

Já em relação ao senso comum sobre os gêmeos, de que a segunda criança seria menor, era dado que a gestação plural teria mais dificuldades do que uma comum, o que seria refletido nas crianças, que apresentariam uma constituição mais frágil e a percepção de uma existência associada. Para Jackson, a narrativa explora esse ponto a partir da imagética dos gêmeos que sugere uma identidade intrinsecamente plural. Essa concepção permite que a ideia de que cada criança se constituiria como o completo oposto da outra, permitindo assim que a visão maniqueísta se mantivesse colada ao fenômeno da gemelaridade. De fato, a narrativa expõe essa segunda existência como menor em relação à existência inicial, mas cabe notar que esse segundo organismo não é um fruto resultante de um nascimento comum, mas foi induzido através de um experimento científico. Outro dado importante é que as duas faces de Jekyll não podem ser tomadas como completamente opostas, pois se o médico possui em si a benevolência e a inclinação para o mal, Hyde possui em meio aos vícios indignos a adoração pela vida que lhe foi dada, elemento próprio de sua constituição que compõe a única positividade de sua existência. Dessa forma, as facetas são opostas, mas não no sentido radical a que são submetidas pelo sentimento comum.



O sufocamento de Jekyll pela transformação em Hyde pelo vencedor do Oscar, Fredric March.

2.1- As publicações científicas do período

Ainda que tais sugestões possam ser relacionadas ao livro, bem como a transformação agonizante de Jekyll para Hyde possa ser relacionada à dor de um parto, essas possibilidades não esgotam os significados da obra, que se mostra ainda mais complexa do que tais temas se revelavam para os pesquisadores contemporâneos do autor⁴⁹. Como exemplo, no número da *Cornhill Magazine* referente a janeiro de 1877 é possível localizar o artigo *Dual*

⁴⁹ Aproveita-se o momento para indicar uma terceira corrente de pesquisa médica desenvolvida especialmente na virada para o século XX, que se estende principalmente no contexto das guerras, consistindo no desenvolvimento da anestesia. Como aponta Anne Marie Moulin, em uma reconstituição da história da medicina entre a virada e o decorrer do século XX, estudos sobre a anestesia no contexto pós cirúrgico e obstétrico passam por um crescente nesse período, sendo célebre a anestesia obstétrica da Rainha Victoria. Ainda que a medicina antiga já tivesse conhecimento de analgésicos naturais, extraídos de plantas e opiáceos, o conhecimento de anestésicos voláteis, como clorofórmio e éter, permite o avanço espetacular da cirurgia no início do século, sendo uma técnica facilitadora do processo. Entretanto, seu efeito sobre o paciente consiste em um sono contra sua vontade, se entregando indefeso ao médico. A autora atenta para os poucos estudos fisiológicos sobre a anestesia nos quais esta era vista como causa de um sono anormal sobre o paciente que, não raro, acordava experimentando grande confusão, alegando estar sendo afogado quando na verdade estava tendo o rosto lavado para ser despertado. Isso mostra como o processo de retomada da consciência e reencontro com a realidade pode ser um processo traumatizante, permitindo supor que a agonia experimentada quando da transformação entre personalidades da obra de Stevenson seja o fim da ação analgésica que a vivência como Hyde oferece para Jekyll e vice-versa. Ainda vale atentar que a anestesia obstétrica entra em contato com os estudos gestacionais apontados por Jackson, uma vez que, como aponta Moulin, marcam a dissociação entre dor e maternidade. A anestesia peridural, injetando um analgésico entre vértebras, provocando a insensibilidade eletiva na parte inferior do corpo, é eficaz na dissipação das dores do parto. Esta hipótese já se encontra na análise decorrida ao longo da presente pesquisa. MOULIN, A.M. *O corpo diante da medicina*. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 15-82.

Consciousness, publicado sem assinatura, que se refere a um texto datado de setembro de 1874⁵⁰. Segundo o redator, nesse estaria proposto que o homem possui dois cérebros, sendo cada um perfeitamente suficiente para a performance completa das funções mentais. Visto que houve muitos que defendessem ou contestassem a teoria, este se preocupa com os casos que dariam suporte à hipótese, buscando lidar não com a questão da dualidade cerebral, mas com a questão da consciência dupla ou intermitente.

O primeiro caso com que se ocupa é registrado pelo dr. Brown-Sequard, e conta a condição de um menino de Notting Hill com duas vidas mentais, sendo bem educado em ambas, mas uma não tinha conhecimento do que a outra fazia. Posto que o estado anormal não durava mais do que algumas horas ao dia e a ausência de memória compartilhada indica a ignorância do estado anormal, o menino da transição só teria acesso ao conhecimento adquirido durante a fração experimentada do dia, levantando suspeita sobre sua educação. Sendo que não houve tempo hábil para o treino de bons modos, o garoto estaria mais propenso a ser malcriado, mas o oposto verificado encaminha para compreensão de que teria havido um compartilhamento de consciência durante a primeira infância, visto que não há menção ao início dessa condição na criança.

Continuando a discussão, ainda que admitindo a excepcionalidade de cada caso, aponta uma ocorrência registrada pelo dr. Carpenter que possui pontos de contato com a desse menino. Aqui, uma moça de temperamento nervoso que sofre todas as formas de desordem histérica, bem como convulsões sonâmbulas, concentra as ideias na morte do irmão, ocorrida anos antes. Visto que eram próximos, a suspeita levantada da origem de sua condição consiste no aniversário de morte do rapaz, que acarretou na inconsciência da jovem para tudo o que não dizia respeito a ele, bem como na falta de reconhecimento de todos ao seu redor, com exceção da irmã, que se encontrava ausente durante a enfermidade do irmão.

Visto que os casos se tocam quando, no momento da alteração mental, os pacientes perdem o contato com a realidade na qual estão inseridos e são impedidos de reter esses eventos na memória, o segundo caso acrescenta um dado para a discussão. Sendo que a alteração da condição mental se complementava com sintomas físicos, como a convulsão, ilustra-se, a partir disso, a dependência do fenômeno mental com a condição física. Segundo a autoria, o distúrbio não pode ser exclusivamente da mente quando afeta o corpo em geral e, posto que sensações e pensamentos dependem de um processo material, como reações

⁵⁰ O artigo com que este texto pretende dialogar é datado logo de início para introduzir a questão do cérebro dividido, contudo, a presente pesquisa, visando averiguar os argumentos contidos neste, não localizou o trabalho no número indicado, sendo levada a concluir que houve um engano do autor no momento de redação.

químicas entre sangue e tecidos musculares, a alteração na circulação sanguínea no cérebro é capaz de provocar pensamentos imprecisos e reações atrasadas.

Isto posto, o texto aproveita desse caso para discutir um outro, agora de H. J. Slack, em que trata de outra jovem, Félida X que, em estado normal, sofria com dores, mas quando em estado alterado, as mesmas dores sumiam e era de temperamento tão alegre quanto qualquer outra adolescente. Esta, diferente dos anteriores, quando no estado anormal, possuía consciência de suas duas vidas, enquanto no estado normal só possuía a de uma, isto é, a que tinha experimentado, ficando à margem da outra parte de sua existência. Com isso, aponta-se uma discussão admitida pelo redator que é a relação entre a condição mental e a responsabilidade, aqui entendida segundo referencial legislativo. Sendo conhecidas notícias de indivíduos alegando desconhecimento das próprias ações quando em estado alterado, é levantada a questão sobre como responder por aquilo de que não se lembra. A complicação se dá pela perspectiva de que o sujeito, apesar de inconsciente das ações quando submetido ao distúrbio de identidade, não está sem posse das faculdades e, portanto, pode ser tomado como responsável pelas atitudes.

Vistos os comportamentos ambíguos segundo uma condição mental dividida sob forma de distúrbios de identidade, retoma-se o artigo recente de Stiles⁵¹, cujo foco no cérebro duplo apresenta uma análise segundo viés mais fisiológico, pois associa a duplicidade da natureza psicológica à diferença existente e de acordo com cada hemisfério cerebral, posto que cada um seria responsável por impulsos diferentes. Atentando para a existência de teorias circulantes que, como afirmam Stiles e o artigo da Cornhill Magazine, defendiam a capacidade de cada hemisfério atuar perfeitamente quando em atividade independente, o caso do Sargento F, descrito no texto do periódico, parece corroborar essa teoria, visto que um trauma causado no cérebro paralisa um lado do corpo, mas o outro continua exercendo suas funções.

Observa-se que, em decorrência da alegação de que cada hemisfério, apesar de capaz de exercer todas as funções, comanda impulsos diversos, compreende-se que a inclinação do sujeito, quando submetido a uma influência externa, pode sofrer alterações, visto que um lado de sua natureza será mais exercitada ao passo que atrofia a outra. Em acréscimo a isso, retoma-se o artigo *Dual Consciousness* a respeito da responsabilidade segundo alegação de estado alterado. Visto o agente externo, o impulso mental traduzido em ação pode ser tratado como deficiência, acrescentando um dado para a averiguação do caso que dificulta

⁵¹ STILES, A. Robert Louis Stevenson's "Jekyll and Hyde" and the double brain. op. cit.

estabelecer o limite da posse das faculdades, ao passo que inclui um elemento para a simulação com o objetivo de evasão da sentença.

Com isso em vista, os textos encontram relação com as diferentes personalidades de Jekyll e Hyde. Considerando as personagens em sua argumentação, para Stiles, a diferença se dá segundo o princípio de que cada uma delas seria representante de um hemisfério cerebral, concordando com as teorias presentes na época, e que perduram até os dias atuais na cultura popular, de que o lado esquerdo condicionaria as ações racionais, sendo representada pelo médico, enquanto o lado direito seria responsável pelo estímulo emocional, encontrando vazão em Hyde. Visto que o período privilegiava o elemento racional, Jekyll, portanto, seria encarado como o ápice da evolução, posto que o domínio da razão sobre as emoções, controlando as ações, organiza o comportamento de forma a tornar a vida social mais agradável, ao passo que Hyde estaria muito abaixo nessa escala, pois o privilégio da emoção sobre a ação encaminha para a satisfação do apetite, insanidade e criminalidade.

Vale notar que a alternância física e mental de um para o outro se dá, assim como a alteração do sargento, a partir de um agente externo, isto é, a poção, de maneira que as ações de Hyde, originadas no descontrole identitário de Jekyll, gera dúvidas quanto ao verdadeiro responsável pelos seus crimes. Ainda segundo o artigo de Stiles, o desequilíbrio da personalidade que gera Hyde também teria início na condição dual do cérebro. Visto que o órgão é composto por duas partes complementares, mas responsáveis por estímulos diferentes, a desarmonia nos processos mentais que conectam as seções acarreta a anomalia do médico, de forma que, segundo Stiles, a obra satiriza a medicina ao parodiar um caso de estudo, dado que se encontra indicado pelo título, visto que é a narrativa do estranho caso de distúrbio de personalidade de um psiquiatra.

Retomando a questão do agente externo, no capítulo final da obra, durante seu testemunho, o médico assume que a recorrência à poção se dava segundo caráter voluntário e que o impulso pela transformação tinha fundamento na possibilidade, tanto quanto na necessidade, de saciar o apetite, apresentando-o com uma face, visando manter a respeitabilidade da outra. Tendo isso em vista, a ação propulsora da metamorfose entra em acordo com a problemática da responsabilidade legal, questão inserida pelo texto acima citado, quando elucida o debate sobre a evasão do crime pela alegação do distúrbio, visto que a criação de uma segunda face, objetivando a máscara inocente da identidade predominante, impõe nova dificuldade no estabelecimento do limite entre identidades.

Nota-se que tanto a questão da responsabilidade quanto a do cérebro dividido estão associadas, pois, quando na descrição da transformação, Jekyll descreve Hyde como mais

jovem e mais baixo e relaciona essa característica física de seu outro eu por esta ser a parte que esteve menos submetida a estímulos e, portanto, sofreu menor desenvolvimento em seu ser. Isto posto, a declaração do médico entra em acordo com a suposição de que o hemisfério cerebral, quando sob maior recepção de estímulos e, assim, mais exercitado, sofre uma ação maior desses agentes e, conseqüentemente, um desenvolvimento superior em comparação com o menos estimulado. Dessa forma, os impulsos sob responsabilidade do hemisfério mais exercitado recebem o status dominante sobre o de seu companheiro, de maneira que as ações de um indivíduo dividido sejam respondidas pela identidade que possui maior desenvolvimento. Posto que Hyde esteve escondido por tanto tempo, teria recebido menos estímulos e se desenvolvido menos, contudo, ainda que essa personalidade apresente plena capacidade de atuar quando posto na posição dominante, a responsabilidade sobre suas ações cabe àquela que cedeu espaço para estas atitudes enquanto poderia tê-las refreado.

Tendo tomado o texto *Dual Consciousness* como ponto de partida, verificamos em *Bodily illness as a mental stimulant* e *Influences of the mind in the body* a continuidade da discussão científica. Sendo que o primeiro apresenta a questão da consciência dual, a descrição dos casos mentais anormais seguidos de sintomas físicos apontam para a discussão, encontrada nesses textos seguintes, que se constitui pelas relações existentes entre corpo e mente, bem como o potencial influenciador conseqüente destas. Isto posto, em *Bodily illness...* encontra-se o desenvolvimento de uma argumentação que privilegia a ação do corpo sobre a mente ao defender que, através de estados especiais do corpo, a mente doente desenvolve capacidades que não possui quando em condições saudáveis, sendo o exame dessas alterações o interesse do texto. Para tanto, o trabalho sem assinatura toma como base o caso de um menino com idiotice congênita que, durante um estado febril, se reconecta ao passado ao suscitar a figura de sua mãe, morta durante a primeira infância do paciente, momentos antes de sucumbir à doença.

A partir desse caso, o raciocínio apresentado permite ao artigo discutir a mudança mental como sinalização do desenvolvimento de uma condição grave que, por sua vez, é sentida pela pessoa que a experimenta. Tendo como base o texto do Dr. Carpenter, a análise do caso se desenvolve de maneira que entra em contato com o caso da irmã devotada, registrada pelo próprio Carpenter e exposto acima, segundo a associação que o médico faz, e o texto apresenta, entre o aumento do grau inteligível à alteração da circulação sanguínea sobre o cérebro, de maneira a se tornar possível compreender que o estado de debilidade nervosa atua nas condições mentais. No caso de rememoração do menino órfão, a circulação sanguínea, alterada pelo estado irregular do corpo, teria atuado sobre o sistema mental do

infante de forma a propiciar o acesso incomum à memória, permitindo ao garoto rever o rosto de sua mãe ausente, se diferenciando do caso da jovem, cujo temperamento nervoso, associado às transformações do corpo, culminam em novos sintomas físicos. Assim, confere-se a particularidade de cada caso, pois, apesar do compartilhamento do mesmo princípio, o menino e a jovem apresentam resultados diferentes.

Já em *Influence of the mind...* podemos notar o exame da relação entre mente e corpo em um sentido inverso. Se até então o corpo doente era responsável pela atuação incomum dos processos da mente, o texto, também de autoria incógnita, dialoga com a pesquisa citada acima ao propor considerar a influência das atividades mentais sobre as atividades autônomas corporais⁵². Segundo o texto, algumas circunstâncias da fisiologia mental são capazes de influenciar voluntária e involuntariamente processos corporais além da circulação e respiração, mas que também possuem responsabilidades com a nutrição do corpo, e tem como objetivo adicionar algumas evidências, de forma a introduzir novidade ao debate.

Para tanto, introduz o dado da consciência, entrando em contato com o primeiro trabalho, e problematiza a ideia de que esta teria seu desenvolvimento a partir de mudanças cerebrais. Ao levantar a concepção de que, na sua forma mais simplificada, a consciência parece ser fruto de repetição automática, o texto direciona a atenção do leitor para a noção de que esta suposição não considera como ou por que certas mudanças em uma parte do corpo é capaz de alterar uma outra, o que restringe a investigação ao caracterizá-la pela submissão a um problema puramente físico. Com isso, o artigo apresenta um avanço sobre a pesquisa anterior ao buscar defender que, a partir da análise de casos conhecidos, pode-se conferir as influências da mente sobre o corpo segundo estímulos emocionais e de expectativas.

Em busca de uma evidência desse movimento, o texto apresenta o caso da pregação de Irving que, segundo o redator, seria de conhecimento de alguns leitores por ser um caso situado na temporada de cólera de 1832, configurando uma distância temporal inferior a cinquenta anos, podendo, portanto, ser considerado de memória recente. Neste, o ministro teria começado a apresentar sintomas da doença durante o desjejum, mas ainda se dirigiu à Igreja, onde teria se detido por alguns instantes diante do fogo, subido ao púlpito e iniciado a rezar ardentemente. Durante a pregação, a dor teria começado a diminuir e, no dia seguinte, segundo o relato, o homem acordou tão sadio como antes do ataque.

⁵² O texto *Influence of the mind in the body* dialoga diretamente com o texto imediatamente anterior selecionado para a pesquisa, *Bodily illness as a mental stimulant*, revelando os autores colaboradores do periódico se colocavam também na posição de leitores da revista e acompanhavam suas publicações. A ausência de assinaturas, podendo levantar suspeitas quanto ao argumento, pois não há impedimento de que um texto dialogue com o outro devido a autoria comum, não será uma questão discutida aqui.

Este caso, dentre outros citados ao longo da argumentação, é apresentado para mostrar que as expectativas, emoções e crenças se inserem efetivamente na influência da mente sobre o corpo. O ministro Irving, ao se submeter a uma oração fervorosa como tratamento da cólera, opta por essa iniciativa por relacionar, em seu sistema de crenças, a doença com o pecado, sendo levado a crer que a doença seria o mal consequente da falta de fé e, através da submissão à religião, teria a atitude corrigida e, assim, poderia restituir a saúde. Em suma, sua convalescença seria dependente da fé, pois esta graça divina seria a única necessidade para todas as indisposições corporais.

Além dessas reflexões sobre o estado do corpo em relação com o estado da mente, os textos apresentam, através de suas leituras, o compartilhamento de uma fonte de pesquisa em comum, isto é, o estudo sobre a fisiologia mental do dr. William Carpenter. Tendo sido referenciado explicitamente em *Bodily illness...*, foi possível buscar seu trabalho *Principles of Mental Physiology* nas plataformas digitais e entrar em contato com a sexta edição dessa pesquisa, cuja publicação data de 1881. Nesta estão incluídos dois prefácios redigidos pelo autor, sendo o primeiro de 1874, provavelmente da primeira edição, e o segundo já da quarta edição do escrito, de 1876⁵³.

A partir do texto de 1874 o leitor toma conhecimento da origem desse tratado, que teve como esboço um trabalho anterior, *Principles of Human Physiology*⁵⁴, e que, sem ter encontrado razões para qualquer mudança importante, a experiência e reflexão do médico confirma a visão fisiológica. O acréscimo sofrido pelo trabalho, assim, consiste na intenção de uma mais rápida apreensão dos princípios a partir do preenchimento das deficiências que o texto original apresenta. Segundo o médico, sua pretensão consiste em suplementar os já existentes Sistemas de Fisiologia e Metafísica de forma a ocupar o espaço existente entre as disciplinas. Porém, confessa não se empenhar na fisiologia dos sentidos, mas no compartilhamento da mente com a interpretação das impressões sensoriais e com a produção dos estados sensíveis como não menos reais do que as provenientes da experiência com objetos externos.

⁵³ A partir da data do primeiro prefácio e da publicação da sexta edição, calcula-se que o trabalho conta com seis edições em um período inferior a uma década (contando com exatos sete anos desde a primeira versão, observa-se que o cálculo desconsidera a possibilidade de reimpressão), evidenciando a popularidade do autor e da vigência do tema na época.

⁵⁴ Segundo o autor, o esboço estaria na quarta e quinta edição desse tratado, datando, respectivamente, de 1852 e 1855, sendo omitido nas edições posteriores para margear uma nova disciplina de caráter mais fisiológico. Além disso, foi tomado pelo governo inglês para prosseguimento sistemático, o que permitiu que o trabalho fosse ampliado e republicado como uma dos Tratados Populares da International Scientific Series. Todavia, o trabalho tomou proporções que excediam os limites da série e foi publicado independentemente.

Para isso, Carpenter enumera um grande número dos principais modos dessa atividade mental, mas também chama a atenção para os estados mentais anormais como um campo promissor dos estudos psicológicos, enfatizando que muitos dos fenômenos anômalos ainda não teriam sido discutidos por um psicólogo. A partir dessa afirmativa, pode-se verificar o posicionamento pioneiro do doutor sobre o tema e, ainda, sua postura diante da necessidade de um estudo que, na sua opinião, parece essencial para a compreensão da relação entre Vontade e a atividade mental automática, sendo essa a questão que inaugurarão o prefácio da quarta edição do trabalho.

Segundo o doutor, o tema do “automatismo humano” chama a atenção, desde o primeiro volume, entre os interessados no assunto pela crença filosófica de que tanto a atividade mental quanto corporal, sendo resultados da potencialidade da matéria, são objetos da condição física apenas. Admitindo que o problema da relação entre mente e corpo excita o intelecto desde Aristóteles, Carpenter é provocativo ao afirmar que apenas o pleno conhecimento das atividades corporais pode excluir a possibilidade de influência da Vontade sobre a Matéria. A afirmação sobre essa possibilidade, segundo a continuidade desse argumento, se sustenta ao ter em vista que as pesquisas emergentes não traziam resultados capazes de abalar a conclusão de uma distinção fundamental não apenas entre razão e movimentos automáticos, mas entre as ações determinadas pela atração de um objeto consciente e aquelas em que há intervenção da vontade e que, portanto, modifica a direção da ação.

Para ilustrar essa diferença fundamental, vale retomar a reflexão de Savarin⁵⁵ sobre a sede. Sendo esse um movimento da alma para manutenção da matéria, ela atua de forma diferente entre os homens e os outros seres vivos, tendo em vista que, um animal, ao sentir sede, busca apenas água para sua saciedade. No caso dos homens, por sua vez, há o impulso pela bebida mesmo sem ter a necessidade da reposição de líquidos. Dessa forma, vê-se a ação de “beber” como ação automática da manutenção da vida pela renovação hídrica do corpo e como ação voluntária de saciar o desejo pelo sabor de uma bebida qualquer.

Através dessa condição chamada vontade, o texto apresenta um novo dado e encaminha a reflexão para o caráter moral desse elemento pela sua relação com o movimento do corpo. Segundo Carpenter,

“if I am attracted by the temptation of an immediate but immoral pleasure, and am deterred from it either by a sense of duty or by the fear of the remote consequences

⁵⁵ SAVARIN, *Da Sede*, op. cit., p. 123-128.

of the sin, I have no more ‘choice’ as to the course I shall take, than has the piece of iron that is attracted in opposite directions by two magnets”⁵⁶.

A partir disso admite-se a existência de uma Ideia que deriva de nenhuma outra fonte além da experiência humana, onde a falta de opção é o sentimento de uma necessidade (física ou moral) que determina a ação. Sendo que a ideia de liberdade, na autoconsciência, envolve a ideia de escolha e indica a existência de uma consciência moral inconsistente com a noção de automatismo, a aprovação ou não da conduta humana através dos sentimentos difere da ação mecânica.

Verifica-se em *Bodily illness...* uma visão sobre a matéria que aponta para uma discussão das condições morais provenientes da alteração da mente segundo a irregularidade do funcionamento corporal, e que entra em diálogo com os casos de *Dual Consciousness*. Tendo em vista que o estado mental doente interfere na compreensão do indivíduo do que há ao redor, o menino com duas vidas e a irmã devotada, bem como o menino doente congenitamente, se mantém à margem da completa apreensão do ambiente, bem como do reconhecimento dos que o cercam e, devido ao contato deficiente com a realidade, estão condicionados a comprometer a apuração dos fatos, de forma que inviabiliza a confiança no testemunho do paciente, dado que é reforçado pela questão da responsabilidade legal que o primeiro trabalho apresenta. Contudo, apesar da discussão sobre o depoimento honesto apresentada nesses casos, é em *Influence of the mind...* que é possível notar uma relação mais estreita e direta com a ideia apresentada por Carpenter. Além de introduzir uma novidade na análise da relação entre mente e corpo, o artigo assume que a importância fisiológica e psicológica existente nesse processo de influências requer um estudo mais cuidadoso e sistemático das suas naturezas e limites. Contudo, apesar de o texto revelar o posicionamento equivocado de manter a discussão em um campo exclusivamente físico, a abertura por ele proposta ainda falha ao desconsiderar um aspecto do caso da pregação citado, que é a relação entre consciência e moral.

O ministro Irving, ao se submeter à oração para curar o mal do seu corpo segundo a crença de que a indisposição era fruto do pecado, se apoia na religião como necessidade única da alma e do corpo. Disso é possível compreender que, no entendimento do religioso, ele teria se entregado a uma disposição condenável e, através da submissão aos princípios

⁵⁶ “se eu sou atraído pela tentação de um imediato mas imoral prazer, e eu sou detido seja por um senso de dever ou pelo medo de uma consequência remota do pecado, eu não tenho mais ‘escolha’ sobre o curso que devo tomar, do que tem um pedaço de ferro que é atraído em direções opostas por dois magnetos”. Tradução nossa. CARPENTER, W.B. Preface to the fourth edition. In: *Principles of Mental Physiology*. Londres: C. Kegan Paul & Co., 1881. 6ª edição. p. XXXI.

religiosos teria sua conduta corrigida e seria capaz de deter as consequências do pecado tanto sobre o corpo quanto sobre a alma, de forma que a prática religiosa se torna uma obrigação e não uma escolha.

Assim, este caso apresenta três elementos, moral, vontade e ação, em uma relação não automática e segundo um senso de dever que, além de estar relacionado com a pesquisa fisiológica da mente, é de fácil vinculação com o conflito da personagem de Stevenson. O respeitável Jekyll, ao confessar a inclinação natural aos vícios simultaneamente em que reconhece o desejo de respeitabilidade, se vê arrastado em duas direções opostas de maneira que cabe à vontade a função de determinar sua ação. Sua disposição pela libertinagem, ao ser confundida com liberdade em relação às amarras que o dever social imporia sobre si, desvia o entendimento de Jekyll sobre o pecado de forma que a personagem perde a capacidade de escolha quando o desejo se torna uma necessidade.

Com isso, nota-se que a fusão existente entre vontade e ação configuram o motor da necessidade pela transformação, mas o decorrer da narrativa leva os dois elementos em direção a uma complexidade crescente ao introduzir a moralidade nessa relação. Ao entrar em contato com as consequências das ações deturpadas pela vontade ímpia, Jekyll se vê detido pelo medo das consequências de seus atos e tenta compensar as digressões através do senso do dever religioso. Para restituir sua composição respeitável, perdida durante o exercício dos vícios enquanto Hyde, o médico se dedica à caridade, princípio fundamental da religião, onde encontra o espaço para suprir a necessidade do exercício voluntário da fé. Contudo, diferente do caso de 1832, onde verifica-se através da recuperação da saúde pelo entusiasmo do indivíduo em relação a sua crença, a atuação de Jekyll é tão frágil quanto sua respeitabilidade e, apesar de modificar a direção da ação, não é capaz de atingir a expectativa almejada, suscitando um conflito.

Esse embate, gerado pelo impulso em duas direções, introduzido na ciência fisiológica por Carpenter, problematizado literariamente por Stevenson, e explicado pela divisão do cérebro por Stiles, dá margem para a referência à gemelaridade que Jackson⁵⁷ defende existir na obra como um dos debates científicos da época. Segundo a autora, uma das preocupações científicas do período vitoriano consistia no estudo gestacional. Essa informação se verifica pela publicação de *Babies and Science*, assinada pelas iniciais J.S., que admite a atração que os infantes estariam recebendo como objeto de observação e reflexão. Ainda que as discussões apresentem divergências, visto que o foco apresentado por Jackson seja

⁵⁷ JACKSON, E.A.B. Twins Twinship and Robert Louis Stevenson's 'Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde'. op. cit.

concentrado nas pesquisas sobre os múltiplos, enquanto o texto do periódico abrange a primeira infância de forma mais ampla, o fundamento de que a biologia depende dos primeiros anos é compartilhado.

A defesa desses estudos, como ressalta a autoria incógnita, tem seguimento na teoria evolutiva, já que os recém-nascidos humanos precisam se adaptar às diversas circunstâncias da vida, enquanto que os bebês das demais espécies exploram, desde o primeiro momento, as condições a serem experimentadas por toda a vida. A partir da adaptação a que o ser humano está submetido desde o nascimento, compreende-se a questão crescente da experiência individual, posto que cada ser, composto por particularidades, tem esta como resultado do aprendizado individual e acúmulo das impressões, assim como função da razão e memória. Dessa forma, no campo psicológico, o desenvolvimento intelectual é entendido pelas conexões exercidas diariamente por cada sujeito, levando ao crescimento das funções da infância através de estímulos externos. Com isso, não apenas se verifica uma relação com o texto de Stiles, pelo desenvolvimento desigual dos hemisférios cerebrais, mas também entende-se que a criança se apresenta como aliada da biologia por apresentar o sistema mental na sua forma mais simplificada, ajudando na compreensão deste conjunto quando da sua complexificação, permitindo igualmente registrar as fases primárias da história mental.

Tendo em vista a complexificação mental pela submissão aos estímulos, o argumento de Jackson entra em contato com o artigo de Stiles através da inserção do dado da gemelaridade que acrescenta informações para a interpretação da obra de Stevenson. A relação se estabelece pois, tendo em vista a constituição idêntica das duas partes cerebrais, esta composição se reflete na formação dos infantes, uma vez que, sendo irmãos, dividem a formação natural e compartilham uma exatidão física, mas ainda estão propensos a seguirem inclinações opostas. Observando o apontamento de Jackson para os casos de siameses, estes acrescentam à relação visto a discussão sobre a possibilidade de serem dois indivíduos separados, já que são perfeitamente capazes de atuarem todas as funções independentemente, ou se há a disputa entre duas naturezas pela posse de um único ser.

Com isso em vista, Jackson baseia seu argumento de que essa referência à gemelaridade seria possível em Jekyll e Hyde visto que o bem e o mal que contemplamos nas personagens formam uma imagem gêmea, tendo em vista que, no plano simbólico, possuem constituições idênticas, mas em sentido oposto. Posta a contraposição de uma constituição simbolicamente gêmea, bem como a formação fisiológica cerebral idêntica, a dicotomia das personalidades retornam na representação que cada uma apresenta de uma polaridade da consciência, respeitando o princípio da peculiaridade pessoal, retomando a base da

experiência e desenvolvimento individual, e indica a noção de identidade intrinsecamente plural que a autora aponta como sendo a sugestão da constituição oposta de uma criança em relação à irmã.

Atentando para a ideia de polaridade consciente, esta reforça o elemento da narrativa de uma consciência compartilhada segundo a proposta de identidade plural. Sendo o caso clínico de um indivíduo com anomalia identitária, a obra apresenta uma consciência dividida de forma que uma parte dela se arrepende de seus atos segundo um senso moral, e a outra permanece impenitente pelo não compartilhamento desses princípios. Dessa maneira, uma polaridade da consciência detém a ação corporal voluntariamente, seja pelo medo das consequências quanto pela noção de dever que Carpenter aponta, enquanto a outra se encaminha para a consumação do desejo devido à necessidade de ação resultante da vontade, ilustrando a continuidade do mesmo pensamento do estudioso.

Ao assumir a consciência dividida pela identidade plural, que Jackson defende ser introduzida pela gemelaridade, segundo dois pólos, bem e mal, assim como o desenvolvimento da imagética gêmea, sendo que o homem é naturalmente formado pela interação entre essas duas verdades, podemos identificar o crescimento da complexidade do problema moral da vontade quando esta é ampliada pela necessidade de integrar a parcela má do homem em um contexto essencialmente bom. Para Jackson, na narrativa, Hyde se torna um problema não onde se insere, mas onde o excluem. De fato, verifica-se o movimento em razão de que sua atuação é problemática por toda a sua existência ser resultado da tendência excluída da vida prática de Jekyll. Dessa forma, sendo um indivíduo solitário, sem interação com as demais esferas da vida, Hyde não possui conexões externas a si mesmo, de maneira que não há para ele outra opção além da satisfação dos próprios desejos. A partir dessa condição isolada, Hyde está condenado a viver bestialmente, sendo que essa sua selvageria se define como insuperável devido à ausência do ensinamento sobre limites sociais e morais que o contato com os outros aplica durante a experiência.

Disto se aponta a necessidade humana de trabalhar a melhor parcela de sua existência, retomando o contato com o princípio de desenvolvimento fisiológico (e moral) segundo a submissão aos devidos estímulos externos, de maneira que verificamos, segundo os artigos científicos publicados simultaneamente e no mesmo periódico que Stevenson, que questões como consciência, influência do corpo sobre a mente e da mente sobre o corpo, assim como a análise da complexificação psicológica segundo estímulos externos, estando em debate na época, possuem relação com a obra, inserindo-a nesta ambientação, de maneira que fomenta a

discussão. Contudo, as leituras revelam uma dificuldade sobre a autonomia da ciência nesse contexto.

Dando suporte às afirmações do artigo de Schmidt⁵⁸, o trabalho de Block Jr.⁵⁹ retoma a informação de que no período em que Leslie Stephen encabeçou a edição da revista, a *Cornhill Magazine* divulgou suas maiores críticas, bem como uma grande variedade de tópicos científicos, com atenção particular à psicologia especulativa. Isto posto, sua análise da temática consiste no trabalho de James Sully, que trata algumas questões da problemática psicológica segundo a teoria evolutiva⁶⁰ e, a partir dessas análises, é possível localizar no periódico as publicações sem assinatura do escritor, como é o caso do texto *Pessimism and Poetry*, impresso em fevereiro de 1878.

Neste, o autor introduz a tristeza como traço da literatura moderna, mas não é sintoma exclusivo da literatura, sendo apresentado já na antiguidade no campo da filosofia, ainda que particularmente ilustrada na poesia, dado que caracteriza o pessimismo como um impulso profundamente enraizado na autoconsciência. Visto que a poesia é a forma mais subjetiva de arte, significando um vasto fluxo de instintos e impulsos do poeta, esse enraizamento do lamento se relaciona com a doutrina evolutiva ao seguir o ensinamento de que aquilo que é essencial à vida é fixado mais cedo no organismo. Posto que a dor é sinal de ferimento no corpo, a expressão desse acontecimento se torna necessária, de forma que a lamentação se constitui como uma exteriorização mais natural do que a alegria.

Tendo em vista a importância da manifestação do sentimento, esse texto se relaciona com os analisados anteriormente ao revelar a influência da emoção que atua na mente criativa. Para Sully, a tristeza estimula a imaginação criativa em grau especial, pois o desapontamento direciona o espírito à fantasia. Em outras palavras, quanto mais insatisfatória a realidade se apresenta para um indivíduo, mais necessário se dá para ele a construção de habitações ideais em sua mente. Ao ter em vista o potencial criativo da tristeza, o autor revela ainda mais um fato essencial para a compreensão da vida, que é o fato de que esta depende de duas ideias correlatas pressupostas em duas experiências, a real e a imaginada. O apontamento permite uma nova compreensão para o aspecto dual da consciência e da existência dupla do homem segundo a administração que o homem faz da própria

⁵⁸ SCHMIDT, B. Q. *Introduction: 'The Cornhill Magazine': Celebrating Success*. op. cit.

⁵⁹ BLOCK JR., E. *Evolutionist Psychology and Aesthetics: The Cornhill Magazine, 1875-1880*. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 45, N°3 (Jul./ Sep. 1984). p. 465-475.

⁶⁰ Tendo essa afirmação em vista, o texto *Babies and Science*, compartilhando desse princípio evolucionista, ao ter sido assinado pelas iniciais J.S., levam à compreensão de que seria de autoria de Sully, embora o texto de Block Jr. não o aborde em sua análise.

insatisfação, contudo, a formação de castelos imaginários aponta para uma vivência que, experimentada em níveis intensos, abordam o tema da insanidade.

2.2- Alienistas e alienados

A ideia de que a mente age sobre o corpo e de que o indivíduo é parte do corpo social refletiu na preocupação presente no século XIX com a saúde física e mental em um contexto coletivo. Segundo Moulin⁶¹, em uma pesquisa de reconstituição da história do olhar médico sobre o corpo, o século XIX reconhece o direito à doença, sendo este assegurado pelo Estado providência e se realizando como direito à assistência médica. Para a autora, o resultado desse movimento se dá por um processo de medicalização sem equivalentes, assumindo e enquadrando um amplo número de atos ordinários da vida, sendo ao mesmo tempo terapia e guia da vida, concorrendo, contudo, com os tradicionais direcionamentos da consciência. Promulgando uma série de regras comportamentais e recomendações, a medicina se justificaria pelos “progressos de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade”⁶².

Esse domínio, como aponta, ganha lugar ao lado da sociedade civil e autoridades políticas, encorajando o sonho do corpo transparente e acessível. Visto o apoio nesses poderes, o médico se torna intermediário obrigatório da gestão dos corpos em redes de obrigação social, como escola, serviço militar e trabalho. Contudo, concomitantemente a esse esforço, a supremacia da medicina encontraria limite na resistência da população de abdicar de sua autonomia, uma vez que as intervenções tocam a integridade do sujeito. Como exemplo, a autora cita a obrigação pela vacinação instituída na França em 1902. O objetivo social se dava com a proteção da saúde pública, mas este entraria em conflito com a liberdade privada.

Tendo isso em vista, de acordo com a pesquisa de Shuttleworth⁶³, a delimitação da insanidade na época vitoriana era uma preocupação que teve impacto nos dados de encarceramento. Segundo a autora, os dementes, na primeira metade do século XIX, seriam encarcerados junto aos criminosos e indigentes, contudo, a ascensão das teorias de tratamento aos doentes teria sofrido com uma transformação radical, em que a crença na possibilidade de recuperação os distinguiria dos demais, promovendo, com isso, a separação entre os grupos.

⁶¹ MOULIN, A.M., O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 15-82.

⁶² *Ibidem*, p. 15.

⁶³ SHUTTLEWORTH, S. Insanity and Selfhood. In: *Charlotte Brontë and Victorian Psychology*. Cambridge University Press, 1996. p. 34-56.

Visto que a loucura se configurava como resultado da atuação das paixões sobre as faculdades mentais, o exercício da razão estaria impedido e o sujeito, com a capacidade de percepção alterada, estaria alienado da realidade. A ênfase sobre o distúrbio, em suma, consistiria neste como qualidade herdada da doença, em que a incapacidade de controle sobre essa condição demandaria a necessidade de trabalho do paciente sobre seu autocontrole, de maneira que a recuperação se daria segundo gerenciamento moral.

Assim, o tratamento consistiria na educação das paixões, de forma que o autocontrole exercido as refrearia e permitiria a lucidez. Contudo, sendo atividade contínua, os pacientes estariam submetidos a tratamento sob vigilância constante. Esta noção implicaria não apenas na manutenção do autocontrole, mas também delimitaria a insanidade por atuação sob o policiamento consciente e inconsciente. Uma vez que a ação externa tem origem em movimentos internos, o autocontrole do paciente consistiria no aprendizado da correta ação externa e no treinamento de seus impulsos mais básicos, persistindo no controle sobre si para si, visando o bem estar deste tanto no plano coletivo como individual. A autora ainda ressalta a necessidade de uma autoridade com o olhar treinado para discernir o princípio da insanidade. Assim, entrando em contato com a afirmação de Moulin a respeito da mediação médica sobre os assuntos públicos, Shuttleworth situa os alienistas do início do século como o estopim da psiquiatria, com estes clamando exclusividade no tratamento de questões mentais e físicas. Sendo que apenas este, como autoridade, poderia detectar a possibilidade de redenção do corpo e mente, a população deveria atuar com ele no princípio da vigilância, denunciando o comportamento suspeito.

A pesquisadora também aponta para a disponibilidade a erupções por parte de todos os indivíduos, de forma que o autocontrole é a única maneira de preveni-las, com a obediência das regras sociais como medida de normalidade. Na obra de Stevenson, a ideia de norma pela média social permite refletir sobre diferentes níveis de insensatez.

Como visto no trabalho de Stiles⁶⁴, as pesquisas científicas da época, cuja análise focavam a compreensão da psique em um processo de complexidade crescente, permitiam a leitura de Jekyll, homem branco e acadêmico, como representante desse ápice evolutivo. Assim, suas atividades incomuns, o isolamento, a ruptura com um colega e repentina reclusão após um período de profunda atividade social, não poderiam ser vistos pelos demais como sintoma de um distúrbio grave. Apenas ao final da narrativa há a manifestação de um funcionário que, estranhando os pedidos do doutor enclausurado no laboratório, e não

⁶⁴ STILES, op. cit.

reconhecendo a voz de seu patrão através da porta, busca ajuda de Utterson por temer um crime físico. Porém, nota-se também que a narrativa localiza esses momentos de isolamento como rotina do doutor, de maneira que a manifestação do funcionário a Utterson é resposta ao apelo desesperado do patrão aos seus fornecedores químicos por uma substância específica, de forma que o foco do estranhamento consiste na expressão passional, sendo essa o elemento incomum.

Entretanto, retomando o comportamento em sociedade, a narrativa coloca Jekyll como uma figura pública. Desta forma, estranha-se que, segundo esse contexto de vigilância, com as inúmeras possibilidades de olhar, seu comportamento seja tão pouco questionado. Nota-se, ainda, o prisma restrito revelado ao leitor, com este conhecendo a história apenas pelo olhar de Utterson, de maneira que a percepção pública sobre o doutor não é conhecida. Contudo, mesmo dentro de um círculo coletivo restrito, a história permite notar que apenas o advogado estranha as alterações súbitas das ações do médico, acarretando no contraponto com o povo comum, reforçando a noção de que a sociedade não estaria apta a detectar indícios de distúrbios da mesma forma que uma autoridade treinada. Assim, além de questionar se a manifestação de insanidade de Jekyll estaria em níveis menores, podemos crer que esta estaria confundida com o comportamento excêntrico de um rico solteirão.

Ainda visando o estabelecimento da normalidade segundo o cumprimento das regras sociais, a narrativa apresenta uma problemática. Com o autocontrole como pilar do comportamento humano saudável, o homem modelo é aquele cuja ação em sociedade corresponde à perfeita atuação segundo o conhecimento dessas regras, treinado para tornar mais aprazível o convívio coletivo. Sob esse ponto de vista, Jekyll se dá como esse homem modelo, uma vez que conhece as regras da sociedade, atuando e se inserindo nesta com naturalidade, sendo mesmo um medidor da convivência, visto os jantares que promove, bem como reconhece a impossibilidade de expressar sua natureza primária, o ânimo de espírito alegre, dentro dela. Assim, a demanda pela criação de Hyde como uma personalidade separada corresponde à necessidade de adequação ao coletivo, sendo uma decisão consciente do médico de isolar o comportamento pelo qual se inclina e que desvia da norma social.

Contudo, essa noção de controle também aponta para a possibilidade de análise sobre o comportamento manipulativo. Visto que o princípio consiste no aprendizado da contenção da paixão individual, o sujeito reconhece e apresenta ao coletivo o comportamento adequado na medida que se espera, escondendo a verdadeira face diante dos demais, dado que levanta o questionamento sobre a possibilidade do homem ser honesto em sociedade. Além disso, o conhecimento sobre as próprias paixões permite tanto agir de acordo com o que a

coletividade espera, entregando e colhendo os frutos lícitos dessa relação, quanto o reconhecimento da mesma disposição passional no outro, de forma que o comportamento de um atua sobre o comportamento do outro, inibindo ou libertando esses impulsos⁶⁵. Com isso, vemos que Jekyll, ao mesmo tempo em que é cidadão modelo, é suspeito, posto que, neste contexto, todo indivíduo é um perigo em potencial, reforçando novamente a necessidade da vigília coletiva.

Atentando para essa dupla possibilidade, a novela de Stevenson permite, em primeiro momento, localizar a polarização em suas personagens. Henry Jekyll pode ser visto como esse homem da sociedade, apresentando um espírito grave e se envolvendo publicamente com caridade, assumindo ambos como resultados de escolhas conscientes de atuação. A falta de suspeitas sobre seu comportamento, portanto, reside no reconhecimento público da adequação de sua conduta às normas do convívio coletivo. Com isso, a infração será delegada para a figura de Hyde, cujo comportamento selvagem que o caracteriza é a inadequação à normalidade, tanto do ponto de vista comportamental quanto da visão clínica. Porém, essa divisão perde a nitidez com o decorrer do enredo, quando as atuações passam a se misturar, visto terem origem na mesma pessoa, revelando a fragilidade da configuração pública de Jekyll que, ao criar um ser para extravasar suas paixões, tentou delegar o reconhecimento de sua loucura para Hyde, mas aprofunda-a em si mesmo e sofre com as consequências das ações de ambos.

Como aponta Shuttleworth, o controle social exercido apresenta sintoma detetivesco, desvendando o olhar treinado que revela a história oculta, sendo este encontrado em Utterson. O advogado, sendo responsável pela proteção dos interesses e patrimônio de Jekyll, estabelece uma relação tensa com Hyde logo no início da narrativa. Visto este ser o herdeiro do médico em caso de desaparecimento deste, o dado levanta suspeitas sobre a legitimidade da relação entre o médico e o protegido, de forma que os possíveis malefícios resultantes desta passam ao interesse do advogado, dando início a sua investigação sobre o protegido. Sua ação, vale notar, se relaciona com o papel popular dentro da sociedade vigilante por ter efetivamente detectado e denunciado um comportamento suspeito.

Retomando a loucura como supremacia da paixão sobre a razão, as explosões de selvageria de Hyde, expressas na narrativa pela violência manifestada tanto pelo evento inaugural da obra, com o espancamento da menina na rua, denunciado a Utterson por seu

⁶⁵ Como exemplo desse perigo potencial da corrupção dos homens em sociedade, o jovem Dorian Gray, do romance de Oscar Wilde, tem seu nome envolvido em diversos escândalos de homens de sociedade que experimentaram a decadência após ceder aos vícios quando envolvidos com o rapaz. WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

primo, mr. Enfield, quanto pelo assassinato do parlamentar, denunciam a falta de controle deste sobre seus impulsos. Mesmo com a narrativa ocultando a maior parte das ações condenáveis de Hyde, estas são dados suficientes para alertar sobre o comportamento suspeito, e a interação com a polícia atesta a gravidade da denúncia de Utterson. Entretanto, a complicação do caso se dá em razão de que a verificação do distúrbio de Hyde por Jekyll implicaria no alienista reconhecer em si o paciente clínico que sua profissão demanda tratar. Vale notar que, deste reconhecimento, Jekyll estaria consciente da falta de controle sobre si, bem como comprovaria que seu status social não corresponde à realidade, de forma que sua percepção dos fatos, estando comprometidas, atestaria novamente sua condição de alienado.

Sendo que o tratamento estipulado partia da sociedade como termômetro das erupções, de acordo com Shuttleworth, os indivíduos em condições marginais se tornam uma questão, uma vez que também adquirem o domínio da psique quando levados à oportunidade de comportamento externo (social), de maneira que se movem gradualmente para uma posição de respeitabilidade social conforme a recuperação proporcionada pelo contato e atuação entre a coletividade. Vemos com isso que, além de estabelecer uma norma comportamental, as leis sociais visam a recuperação moral do indivíduo de forma que o restabelecimento não apenas implica na retomada da sanidade, mas permite problematizar a insanidade no referencial legislativo. Posto que a insanidade é uma atitude contra as leis sociais e morais, o desvio criminal é resultado da paixão desenfreada, de maneira que criminoso e demente se recuperam de acordo com o mesmo princípio, de forma que a recuperação sanitária se dá simultaneamente à recuperação penitenciária. Assim, percebe-se a fragilidade da separação entre os grupos efetuada no início do século, levando ao pensamento que o que difere entre os tratamentos é o nível de monitoramento do sujeito encarcerado ou em observação.

Para a autora, também a moral distingue o lar familiar e a instituição de tratamento através do comportamento egoísta. Uma vez que a norma é a média social, o comportamento praticado segundo padrão individual seria sintoma do egoísmo que indicaria desvio. Tendo isso em vista, ao enclausurar o indivíduo, o asilo re-educaria esse paciente para o redirecionamento de seus impulsos individuais para o bem do todo social, regenerando-o pelo princípio moral da virtude como conectivo social. A autora, contudo, ressalta o egoísmo como base da individualidade, com o risco existente em seu exercício residindo no fato deste agir inconscientemente.

Chama a atenção que a instituição de tratamento, sendo um dos pontos centrais para a regeneração do indivíduo alienado e sua reinserção em sociedade, não seja abordada na obra

de Stevenson. Contudo, verifica-se a relevância da instituição no trabalho do alienista na obra de Machado de Assis, *O Alienista*. Esta, embora situada no Brasil, é contemporânea da narrativa inglesa, permitindo o compartilhamento da temática científica e sua legitimidade como organizadora do bem comum, acrescentando dados para a análise presente.

Como aponta Ivan Teixeira⁶⁶, em sua análise focada na obra machadiana, o contexto brasileiro prévio ao da escrita da novela, publicada em 1882, conta com a fundação do Hospício de Pedro Segundo, em 1841⁶⁷, sugerindo que a ciência médica, psíquica em especial, substituiria a exclusividade da Igreja no auxílio estatal responsável pelo conforto espiritual do povo. Para o autor, com a implementação do hospício, a responsabilidade sobre a “saúde da alma” estaria dividida entre Igreja e Ciência, reconfigurando o status da loucura, com esta deixando de ser vista como dano incurável e passando a ser considerada doença. Desta reformulação acarreta a demanda de reformulação dos estudos médicos, inaugurando procedimentos especiais que se adequassem à singularidade da condição.

Contando ainda com as criações da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Academia Imperial de Medicina, a importância da medicina na vida da cidade sofre intensificação que conferia-lhe crescente poder moral e político, de forma que o alienista Simão Bacamarte consiste em uma paródia dessa convicção instituída. De acordo com o pesquisador, a novela machadiana seria uma denúncia contra a centralização do poder pela ciência, sendo a demência o instrumento de sátira ao autoritarismo científico no século XIX. O autor, em acordo com Shuttleworth, também aponta a existência de um padrão médio de conduta segundo a ideia de civilização, dado que, como afirma, permite destacar a tópica do desconcerto do mundo. Este, por sua vez, se constrói em sentido inverso ao da razão, sendo resultado mais da perversão das matrizes do comportamento, posto a inversão da racionalização dos valores, do que da loucura em si.

No que toca a cosmogonia da obra, Teixeira chama atenção para o cenário civil construído sob quatro instâncias; Igreja, Ciência, Câmara dos Vereadores, sendo representante da política, e Povo. Visto que as primeiras competem à aliança com o poder político, com a polarização representada por Bacamarte como autoridade médica, simultaneamente em que o Padre Lopes contesta essa supremacia, segundo o pesquisador,

⁶⁶ TEIXEIRA, I. *O Altar e o Trono: dinâmica do poder em O Alienista*. Ateliê Editorial (Cotia - SP) & Editora Unicamp (Campinas - SP), 2010

⁶⁷ Como ressalta o pesquisador, o documento coincide com a consagração do Imperador Pedro II, cujo Império é marcado pela assimilação da ciência no núcleo do poder. (TEIXEIRA, Teatro do Mundo e Pressupostos da Encenação, op. cit., p. 17-46). Sendo o Império Britânico da Rainha Victoria contemporâneo, a presente pesquisa confirmou o crescente interesse científico do período inglês, de forma que a supremacia da razão em ambos os governos consiste em ponto de contato entre as obras, permitindo a análise.

estas se relacionam com o debate entre a Teologia e Ciência, suscitando o repertório cultural do Segundo Reinado. Nota-se que três destas instâncias se repetem em Jekyll e Hyde, com a exceção da política, posto o referencial específico do contexto brasileiro. Contudo, embora sem esse ponto de contato, as narrativas compartilham do atrito entre Igreja e Ciência, uma vez que ambas giram em torno do povo como elemento organizacional da ordem civil. Sendo a moral o meio de recuperação do doente, o estatuto da virtude existente nessa noção pertence intrinsecamente à primeira. Porém, visto que sua legitimidade é mediada pelo grupo social, passa pelo processo de racionalização pertencente ao reino da segunda, de forma que o estabelecimento da normalidade tem origem na intercessão entre elas. Assim, como aponta Teixeira, o mote da loucura permite a existência da disputa por domínio de uma instância sobre a outra.

Retomando a preocupação civil, torna-se desaconselhável a reclusão dos loucos em casas de família, bem como a dispersão destes pela cidade, tornando-se uma questão sanitária. O resultado da demanda no campo estatal se dá pela fundação de espaços de reclusão que, como afirma o pesquisador, tanto agiriam na restauração da higiene da cidade quanto para aplicação terapêutica, formando a imagem da medicina como disciplina preocupada com a higiene e moralidade coletiva. Atentando para o caso de Bacamarte, em que a ciência se funde ao poder por sua relação com a Coroa, este se torna o poder apropriado para se projetar na cidade, e a Casa Verde se dá na narrativa como concretização do resultado dessa influência, recolhendo os indivíduos conforme a identificação feita pelo médico. Com a legitimação, as exigências de Bacamarte estão predispostas a serem atendidas, uma vez que a autoridade médica se relaciona com o controle sobre os limites entre saúde e doença. Dessa forma, além da aliança política, a autoridade médica se deve a outra aliança, da medicina com a sociedade, unidas contra malefícios do desvio entre a população.

Na narrativa de Jekyll, por sua vez, em que a instância política é suprimida, a supremacia verificada em Bacamarte não se dá do mesmo modo. Todavia, ainda se verifica a problemática sanitária do sujeito alienado recluso em casa. Ao se isolar da comunidade em sua própria casa, Jekyll não encontra direcionamento para sua recuperação. Visto que a atitude faz com que saia do escopo de observação, sua condição não chega a ser reconhecida, e com o diagnóstico impedido, o tratamento não pode ser aplicado. Entretanto, sendo ele simultaneamente doente e médico, a possibilidade do auto diagnóstico também se dá como uma complicação, uma vez que, para tanto, além da necessidade de Jekyll se reconhecer como paciente, a terapia, para ser efetiva, deve ter aplicação imparcial.

Visto que, em sua narrativa, o médico afirma que a inclinação ao vício, entendida nesse contexto como desvio mental, se deu de forma voluntária e consciente, sua recuperação clínica pela virtude se configura pelo esforço em sentido oposto da sua inclinação. Ainda em seu testemunho do caso, Jekyll se mostra como o terapeuta eficiente que o contexto aponta, envolvendo-se, como paciente, com a caridade, sendo esta o elo de trabalho para o bem comum. Nota-se que, com este movimento, o doutor coloca-se novamente sob a observação pública que, enviesada pelo olhar de Utterson, reconhece-o como reabilitado. Porém, uma vez que o egoísmo, princípio da individualidade, se dá como risco por sua atuação inconsciente, a aplicação terapêutica do doutor sobre si não atinge sua plenitude e, uma vez que seu desejo de recuperação, englobando a coletividade, entra em conflito com a vontade individual de Jekyll, seu processo de recuperação se torna incompleto e deficiente, bem como sua eficiência como terapeuta é contestada.

Chama a atenção que a Casa Verde se mostra como um ponto de contato entre a novela machadiana e a noção de vigilância apontada por Shuttleworth. De acordo com Teixeira, a loucura é condição que necessita de um espectador, se deixando perceber através do seu oposto, o que acarreta a demanda da observação do demente por um terapeuta em um ambiente em que o primeiro esteja sob constante vigia, e conseqüentemente, controle, do segundo. Para o autor, por definir-se pelo contraste, a insanidade permite a emersão da noção de normalidade e desvio. Também vale notar que, uma vez que “o esbanjamento do dinheiro ou a crença em maldições, indicando carência de racionalidade, afastam as pessoas das virtudes de parcimônia e da sapiência, tornando-as vítimas da prodigalidade e da ignorância, vícios que produzem o desvio”⁶⁸, reforça-se a moral como medida da normalidade e sociedade como legitimadora do comportamento aceitável.

Visto que em Machado de Assis há o dado da associação com a Coroa, o poder político atua igualmente na noção da vigilância pelo exercício do controle das massas segundo a intenção coletiva que representa, inserindo a possibilidade criminal dentro das possibilidades de leitura da obra, permitindo outro dado de discussão comum entre as narrativas. Além disso, as massas, ponto de interesse em comum dos textos, se apresentam de formas diversas. Nota-se que, enquanto as ações de Jekyll permanecem na visão pública como excentricidades de um homem rico, com apenas Utterson se aprofundando em sua observação, chegando, acertadamente, a concluir que as atitudes incomuns do médico se

⁶⁸ TEIXEIRA, op. cit, p. 300.

davam por influência do convívio com Hyde, a população de Itaguaí tem participação mais ativa na narrativa.

Contrariamente ao silêncio de Londres, em Itaguaí há a contestação das ações do alienista, segundo Teixeira, por critérios de vida prática. As estatísticas de enclausuramento, em crescimento constante e acelerado, requerendo ampliação da Casa Verde, apontam para modificações radicais do contexto político e social da cidade, uma vez que a população está excluída da vida civil. Dentro da lógica do desconcerto do mundo vista anteriormente, a racionalidade presente nesse movimento consiste no fato de que a proteção da cidade depende da prisão da sua população. Assim, vemos que, ao passo que a vigilância constante de grande parte das pessoas é um fator que inibe atitudes viciosas, agindo na higienização da cidade como medida sanitária e policial, também descaracteriza todo um cenário social.

Como resultado, a instância do povo, tendo início como regulador da ordem, sofre em sentido inverso ao desejado pelas ações daquele que deveria ser seu aliado. Nota-se que as narrativas compartilham o dado da confusão quando ambos os médicos, assimilando o desvio, passam de agente da ordem para origem do distúrbio. Contudo, cada desordem se dá à maneira do alienista, uma vez que a transformação de Jekyll em Hyde gera terror criminal, enquanto Bacamarte desconfigura o lugar, dado que repercute no tom de cada obra e no desfecho dos enredos em si.

Retomando a afirmação de Teixeira de que a autoridade de Simão Bacamarte sobre Itaguaí é sintoma da convicção da supremacia da ciência na recuperação da cidade, com a demência sendo instrumento, a denúncia se dá por meio do ridículo resultante da construção caricata da cidade. Com o riso sendo fruto do imprevisto, o exagero em traços mais genéricos que particulares, segundo o pesquisador, propõe correção moral. Esta, ainda de acordo com Teixeira, se dá pelo fato da novela se apropriar do conceito de sátira de Jonathan Swift, na qual a sátira é espelho em que o observador reconhece todas as faces possíveis, menos a própria. Assim, sendo espelho sem o ser, o leitor se identifica com a ficção sem admitir.

Nota-se que a ideia de espelho se repete na obra de Stevenson, mas sem a possibilidade de comicidade. A descrição feita do laboratório de Jekyll conta com a presença de um espelho que, como afirma o médico em sua declaração, foi encomendado para que este pudesse observar a sua transformação em Hyde. Com isso, transpassa-se a ideia de que o espelho foi alocado para que o doutor pudesse fazer o escrutínio de sua própria inclinação, reconhecendo, assim, seus vícios. Sendo que os prazeres que Jekyll afirma se entregar não são relatados ou nomeados explicitamente, mas são apenas descritos como indignos, a personagem de ficção se torna espelho do leitor que, tendo à frente a possibilidade de

preencher a lacuna do vício de Jekyll segundo seu próprio critério sobre o que é condenável, reconhece neste a própria inclinação. O efeito moral se dá como resultado desse reflexo, pois, a partir desse reconhecimento, o leitor pode corrigir a si mesmo.

O vislumbre do próprio reflexo pela personagem também indica a possibilidade de leitura desta como elemento metonímico. Sendo Jekyll espelho do seu leitor, sua história torna-se exemplo da capacidade humana tanto pela racionalização, através do escrutínio e reconhecimento, quanto pela selvageria, com a inclinação ao vício e à paixão desenfreada. Seguindo para a relação de identificação leitor-personagem, com o médico sendo modelo e espelho, a ficção apresenta uma personagem que possui dado em comum com todos os leitores, permitindo sua sugestão como fragmento de onde se reconhece toda a humanidade.

Em acréscimo ao dado de reconhecimento universal, nota-se a incapacidade de descrição de Hyde. Uma vez que nenhuma pessoa que entra em contato com este é capaz de indicar um traço característico seu, apesar da sensação característica que o homem provoca, vemos que a problemática de sua existência consiste na falta de singularidade que aponta ampla generalização. Nesse movimento, o leitor pode igualmente transpassar características suas para a personagem ao mesmo tempo em que a incapacidade de identificação de Hyde transforma-o em perigo social em potencial. O medo proveniente da incapacidade de identificá-lo e prevenir seus distúrbios contra a ordem social o situa como a monstruosidade que reprime qualquer possibilidade de humor dentro da história, gravidade que reforça a seriedade da temática.

Retomando a análise de Teixeira, sua colocação da loucura na obra de Machado de Assis como resultado do vício entra em acordo com a afirmação de Shuttleworth sobre o desregramento da paixão, uma vez que o vício pode ser visto como uma paixão desenfreada, compartilhando a noção de parcimônia e sapiência como virtudes que atuam sobre o autocontrole. Para o pesquisador, o choque da novela de Machado consiste na descoberta de Bacamarte como o único virtuoso, invertendo a noção de normalidade ao instituir a adesão ao vício como regra, libertando todos os cidadãos encarcerados e trocando de lugar com estes no diagnóstico da insensatez. Observa-se que a estatística de viciosos frente ao virtuoso aponta para a fragilidade da virtude, de maneira que esta se configura não como inclinação, mas resultado de um esforço consciente. Assim, com a inversão de valores instituindo o vício como norma, Bacamarte se depara com a mesma conclusão de Jekyll, que o homem é naturalmente dois, com a razão impulsionando para a virtude, enquanto a natureza humana se inclina ao vício.

Entretanto, vemos que é no resultado dessa compreensão que os alienistas se diferenciam radicalmente. Enquanto Bacamarte, na conclusão de suas observações, invertendo as regras da normalidade, reconhece-se como paciente clínico, encarcera a si mesmo na instituição que teve origem em sua própria iniciativa. Tendo uma vez sido autoridade no processo de análise, passa voluntariamente de um estado ao outro da relação ao se colocar agora como objeto, colaborando com a ciência em posição ambivalente, passando a ser observado depois de ser observador. Por sua vez, Jekyll se dedicou à ciência em movimento contrário, buscando formas de liberar impunemente os ímpetos do próprio vício. A impunidade, nota-se, permanece tendo o campo psicológico como referencial, visto ser resultado do isolamento das consequências do não exercício da virtude sobre sua consciência. Em corolário da divisão, a percepção de Jekyll é afetada e este demora a reconhecer em si mesmo o paciente clínico. Além disso, o sucesso do experimento soma-se ao autoritarismo de sua posição como cientista, acarretando uma ilusão de controle sobre sua outra personalidade. Com isto, recusa-se ao tratamento que o leva à perda de controle. A ironia de seu caso, ao fim, consiste não apenas na inversão de papéis entre observador e observado, mas também na confiança exacerbada no conhecimento, que o colocava como autoridade, dotando-o de grande poder de visão, e cegando-o sobre sua própria deficiência, permitindo que sua condição fosse levada às últimas consequências.

Uma vez verificada a frequência de publicações científicas para o público geral, como o que foi encontrado através da leitura da Cornhill Magazine, encontramos a afirmação das pesquisas citadas sobre o gradual estabelecimento da ciência como autoridade no que toca à normatização da conduta social. Com esta se configurando em um crescente, vale retomar as reflexões de Michel Saler sobre os pilares da modernidade. Como elucidado anteriormente, estes se dariam pela racionalidade, urbanização, secularismo e consumismo e, nesse expediente, ressalta-se a discussão em torno do terceiro. Uma vez que este se baseia na separação entre a instituição religiosa das demais, vemos que esse movimento permite a ascensão das demais ciências naturais como reguladoras sociais, permitindo o crescimento da influência médica que permeia a vida social até os dias atuais, bem como a tensão entre essas instâncias, acarretando o conflito central da obra de Stevenson.

Retomando o panorama oferecido, nos casos de consciência dual, as informações se apresentam sob um cunho muito pouco científico, aparecendo como um pano de fundo, tanto na obra quanto nas publicações da revista, visto a ausência de um relato experimental. Com isso, o periódico deixa transparecer que o estudo científico sobre a psique não se dava apenas em termos médicos, deixando em aberto um campo entre medicina e psicologia que permitia

abordar a questão segundo princípios filosóficos. Ao repassar os textos, encontra-se neles um caráter mais descritivo das anomalias, deixando ao leitor uma lacuna a respeito do processo científico. Na obra encontra-se essa mesma questão, tendo em vista que o experimentalismo ilustrado pela transformação também é um dado oculto ao leitor. Seja pelo testemunho de Jekyll, seja pelo encaminhamento narrativo parcial através do ponto de vista do advogado, a ciência aparece como descrição de um resultado ou anomalia, mas os elementos e a forma com que a interação química reage é mais estranha ao público, que desconhece tanto o procedimento quanto os materiais utilizados, chegando ao máximo do ponto cego ao ter revelado que a substância catalisadora da transformação consistiria em uma impureza desconhecida sobre o material usado, do que o próprio caso descrito. Dessa maneira, a filosofia é capaz de oferecer uma explicação melhor da dicotomia entre as personalidades do que a cientificidade, visto que, além de aparecer como uma tópica, as publicações revelam que a ideia de uma ciência fisiológica não era tão presente no horizonte do público que dialogava com a revista.

Entretanto, ao assumir a existência de um conflito no exame da consciência em relação aos atos corporais como resultado da vontade, como visto em *Carpenter*, sendo que este se apresenta na obra como diálogo entre arte e ciência, é permitido abrir uma discussão sobre a ilusão e o limite do conceito de liberdade do homem tanto em sociedade quanto enclausurado em si mesmo. Ao ser parte de um todo, como Jekyll, o homem não é livre para agir ao ter o olhar do outro como objetivo, impondo uma barreira moral observada apenas por si. Porém, ao ser excluído do contexto coletivo, como Hyde, pode ser senhor e ator de seus desejos, mas as ações continuam tendo complicações em plano mais amplo do que o indivíduo. Com isso, pode-se dizer que Stevenson permanece inserido no contexto cientificista ao montar uma narrativa em que, assim como as observações sobre a ação autônoma em função da vontade, suscita reflexões inconclusivas.

Entretanto, este contexto científico, ao incluir a questão da consciência moral, sofre um apagamento em função de outro tipo de erudição, e aponta, gradativamente, para a inclusão da obra em uma tradição literária. Onde havia em primeiro plano a história oculta de uma doença, tendo no diagnóstico médico e científico a explicação para o enigma, o reconhecimento da consciência atormentada passa a fornecer a articulação entre pecado e conhecimento, que se encontram em comunhão através da personagem fáustica, de forma que o desconhecido representado pelo enigma se metamorfoseia no mistério religioso, discutindo o exercício da vida ética como condição necessária para a salvação da alma sem que, com isso, haja garantia da concessão dessa graça.

Capítulo 3

O conhecimento proibido na tradição literária

Considerando a obra a partir das duas premissas apresentadas – a religião e a ciência –, notamos em Stevenson a capacidade de criar uma história em que estas não se contrapõem, mas sutilmente se complementam. Dessa forma, em *The strange case...* criou-se uma narrativa em que, tendo o tema da natureza humana dual como eixo principal, várias questões que apresentam alguma forma de ruptura, partindo desde a esfera individual, social, científico, até ao religioso, são levantadas a partir de um único objeto: o ser humano, cuja engenhosidade é um dos dons mais assombrosos que se conhece, sendo milenarmente exemplificado em diversas histórias. Um dos mais antigos exemplos é visto em Dédalo.

Cansado do exílio a que estava condenado na ilha de Creta, onde construíra o labirinto para aprisionar o Minotauro, Dédalo “entregou-se a artes desconhecidas e inova a natureza”.⁶⁹ Com linha, penas e cera, construiu asas para ele e seu filho Ícaro escaparem ao domínio do rei Minos, contudo, o aparelho deveria ser usado com cuidado. Se eles voassem muito perto da água, as penas molhadas ficariam muito pesadas; se muito perto do sol, a cera derreteria e as penas se soltariam. Porém, Ícaro, deslumbrado com a visão do céu, voa cada vez mais alto, ignorando o conselho e o bom senso do pai. Logo a cera derreteu, as penas descolaram, e o jovem caiu no mar, se afogando.

Nesse mito, pai e filho são personagens relevantes para uma reflexão. O pai é visto como símbolo da engenhosidade da mente humana, mas desde que haja equilíbrio, pois conhece tanto as limitações de sua mente quanto as de suas criações, respeitando ambas, enquanto o filho faz o oposto. Fazendo uso de um recurso que lhe foi ofertado, zomba do bom senso e segue o primeiro impulso. Cedendo ao deslumbramento diante do Sol, esquece que deve respeitar certo limite e sucumbe por isso.

⁶⁹ OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 429.



A queda de Ícaro, por Bernard Picart

Tendo em vista a leitura do mito como fonte de ensinamento, fica claro que o papel do pai, por ser mais velho e experiente, serve para reforçar a necessidade de discernimento sobre os atos e de ponderação diante das escolhas, em contraste com o filho, cuja ação transgressora salta aos olhos. Este possui o engenho e as instruções de como garantir seu bom funcionamento para alcançar o objetivo traçado inicialmente, mas se desvia das recomendações e cai, fixando uma imagem da elevação indevida seguida por uma queda merecida pela sua desobediência.

Ao notar que o Sol também é simbólico por ser fonte de luz e calor, ambos vitais para a existência humana, este se encontra muito associado a um linguajar referente ao conhecimento. A expressão “trazer luz sobre” um determinado argumento significa esclarecer um ponto de vista e, portanto, indica a função de ampliar o conhecimento sobre um determinado assunto. Dessa forma, é fácil perceber o quanto a viagem de Ícaro em direção ao Sol se relaciona com textos posteriores, como a peça de Marlowe, *A trágica história do dr. Fausto*, em que Fausto, desejando ascender através do conhecimento, é posto em pé de igualdade com o jovem alado, tão transgressor quanto ele, ignorando o bom senso e contemplando a sua tão esperada queda.

A personagem Fausto, ao se encontrar em um ponto em que a natureza humana e os recursos que possui não lhe permitem adquirir mais conhecimento do que aqueles que já possui, somados a uma ascensão acadêmica precoce, desenvolve um impasse sobre o que deve fazer. Para Ian Watt⁷⁰, a origem desse desejo desmesurado por conhecimento tem origem não apenas na sapiência em si, mas também no prestígio que ela carrega, tendo em vista que o conhecimento acadêmico confere um reconhecimento que, se expandido, seria capaz de tornar a protagonista um homem poderoso. Com a característica única de ser inspirada em uma personagem histórica, a personagem da peça tem sua constituição colada a uma autodeclaração de Jorge Faust, em que ele se afirma como sendo o “segundo mago”, o que implica, segundo Watt⁷¹, no pertencimento a uma tradição herética que ajuda a explicar o conflito entre Fausto e os acadêmicos humanistas, pois, na época, era senso comum que o mundo era regido por forças invisíveis e os eruditos acreditavam que o estudo de obras antigas levariam ao domínio sobre essas.

Assim, o conflito de Fausto se dá pelo fato de que ele está impedido de ascender pelas suas condições, já que é um homem *mortal* e chegou ao limite permitido à humanidade. Não por acaso, na primeira aparição do coro, sabemos que

Pois supera aqueles com quem discute
Divinos temas da Teologia,
Até que, tolo, se enche de arrogância.
Suas asas de cera o alçam longe,
Mas derretem: é o céu que o derruba.⁷²

O dramaturgo, nestes poucos versos, faz uma síntese do enredo e da problemática que o leitor está prestes a conhecer: aqui se expõe a alta posição de Fausto, revela essa intenção de elevar-se ainda mais, e faz referência direta ao mito de Ícaro, através de uma metáfora da situação do douto, já prevendo o desfecho de sua busca. Aqui nota-se ainda uma curiosa característica que consiste em uma ambição cuja queda não é apenas enunciada por uma simples falha, mas uma falha que foi planejada por forças que excedem os domínios humanos. Dessa forma, percebe-se que, ao anunciar que a fonte de conhecimento será a

⁷⁰ WATT, I. A Trágica História da vida e morte do Dr. Fausto. In: *Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p.41-59.

⁷¹ WATT, I. De Jorge Faust ao Faustbuch. Ibidem, p.19-40.

⁷² MARLOWE, C. *A História Trágica do Doutor Fausto*. Editora Unicamp (Campinas - SP) & Ateliê Editorial (Cotia - SP), 2018. p. 39. No original “Excelling all whose sweet delight disputes/ In heavenly matters of theology;/ Till, swollen with cunning of a self-conceit,/His waxen wings did mount above his reach,/ And, melting, heavens conspired his overthrow”. Ibid. p. 38.

mesma de sua ruína, a história se refere a outro mito, tão antigo quanto o de Ícaro, mas agora inserido em uma tradição monoteísta, ou seja, a história do pecado original.

Assim como os primeiros seres humanos da criação, Fausto ambiciona o fruto do conhecimento, que lhe é proibido. Dessa forma, resta a Fausto, da mesma forma que Eva, ceder aos conselhos que levam a caminhos obscuros⁷³. Enquanto a primeira mulher sofre pela interferência de um animal rastejante, a caminhada de Fausto é incitada pelos seus amigos, Valdez e Cornélio, que usam a própria experiência com esse saber inalcançado pela maior parte dos mortais para aconselharem Fausto. Da mesma forma agiu a serpente, que sabia que o fruto nascido no Éden daria aos humanos o discernimento entre o bem e o mal, bem como suas consequências. Com isso, a serpente consegue suplantar a obediência a Deus e se torna símbolo da presunção de que apenas as artes diabólicas são capazes de satisfazer os desejos mundanos⁷⁴.

Apesar de Fausto ser incitado inicialmente por dois humanos como ele, enquanto Eva cede ao que a serpente do Éden, também criação primária de Deus, sugere, ele também é influenciado por alguém que possui origem nesse plano imaterial. A manifestação de um anjo mau primeiro o aconselha a ser “Senhor, Comandante dos elementos”⁷⁵, o que confere uma solução para Fausto e sua limitação como mortal: ele pode abraçar as artes malignas e, através desses recursos transcendentais, alcançar o conhecimento que o iguala a Deus e extrapolar os limites da condição humana, o que se prova como um desejo difícil de conter. Mesmo quando os indícios sugerem caminhar para a direção oposta, pois Lúcifer, o senhor dos infernos, também já cometeu esse erro e por sua cobiça foi privado dos prazeres celestiais, tendo agora seu júbilo em desviar as almas amadas pelo Pai para compartilhar de seu infortúnio, Fausto persiste na tentação e cria uma espécie de espelhamento com o Senhor do Inferno.

Ainda que o desejo de obtenção do conhecimento aproxime o doutor dos primeiros pais, a ambição destes não vai além da desobediência em relação ao consumo do fruto do conhecimento, enquanto tanto Fausto como Lúcifer possuem a ambição como cerne de suas ações que visam, primariamente, a ascensão de posição na hierarquia em que pertencem. Devido a essa ambição, se rebelam contra as leis divinas segundo a manifestação ilusória de superioridade que lhes confere a segurança para continuar em seus respectivos propósitos. Sendo a vantagem um engano, assim como a sensação divina de Ícaro, a queda do posto

⁷³ Gênesis 3:4-6.

⁷⁴ WATT, op. cit, p. 28.

⁷⁵ MARLOWE, op. cit. p. 49. No original, “Lord and commander of these elements”. Ibidem, p. 48.

alcançado não faz com que eles retornem para o plano inicial, mas caem em um buraco de desesperança e sofrimento. Estes dois sentimentos se justificam pela verificação de que a conquista da posição almejada não poderia ser configurada como algo além de uma superação falsa através de um trapaça, e perda da posição original. Os banidos do amor de Deus, portanto, não voltam à estaca zero, mas chegam ainda mais embaixo, onde não há meios de retorno e, conseqüentemente, possibilidades para tramas de um novo plano de rebelião.

Contudo, é interessante notar o contraste entre a expulsão do anjo e dos homens. Enquanto o anjo cai sem nenhuma possibilidade de perdão, Eva, por sua vez, recebe um castigo que reflete sobre sua descendência⁷⁶, visto que esta carrega a esperança da bondade divina, ainda que tentada pelo pecado, que aparecerá para testar, comprovar e fortalecer o caráter dos justos⁷⁷.

As expulsões também diferem por Deus ter plantado no Éden não apenas a árvore do conhecimento, mas também a da vida. Tendo se alimentado da primeira, Adão e Eva se dotaram da sabedoria divina. Da mesma forma a segunda os dotaria de uma capacidade excepcional, isto é, a vida eterna. Porém, sendo agora responsáveis pela promoção da esperança através da reprodução, se o casal comesse desse outro fruto a renovação da vida e da fé não poderia ser efetuada. Sendo imortais, a ausência da morte não permite um fim para que haja um recomeço e, dessa forma, não há motivo para a humanidade nutrir esperanças pela bondade do Pai Supremo e seguir Suas ordens segundo esse objetivo.

Além disso, a única pena imposta por Ele para evitar que o pomo do conhecimento fosse consumido é que o ato teria a morte como paga⁷⁸. Dessa forma, compreende-se que a punição e a recompensa já estavam pré-determinados quando da Criação. Se os primeiros pais escolhessem a obediência, teriam a vida no paraíso como recompensa. Contudo, ao desobedecerem, estariam invertendo a própria sorte e se condenando a uma vida mortal, cuja consequência intrínseca da nova condição se dá pela morte e tentações do pecado. Assim, a

⁷⁶ Gn 3:16.

⁷⁷ O ato de inimizade estabelecido entre a descendência da mulher e da serpente consiste em uma ferir a outra (Gn 3: 15). Ou seja, a serpente voltará em forma de pecado para ferir a descendência humana, que, por sua vez, ferirá a descendência da serpente resistindo à tentação. Vale lembrar que Fausto, ao pedir uma esposa a Mefistófeles, é dissuadido da ideia pelo demônio, que promete trazer Helena de Tróia para ser amante do doutor. Ainda que no *Faustbuch* seja dado o nascimento de uma criança dessa ligação, esse mesmo infante desaparece, junto com sua mãe, quando da morte de Fausto. Dessa forma, a existência dessa família não passa de um truque ilusório das trevas que desvia a atenção do doutor da necessidade do matrimônio. Em suma, em ambas as versões, ao evitar o casamento, o servo consegue evitar o plano inicial de Deus em que os mortais se casam e se reproduzem como dita a Sua lei.

⁷⁸ Gn 2: 15-17 e Gn 3:2.

expulsão dos homens se configura como o resultado de uma regra já estabelecida, que tem como objetivo reforçar a justiça divina.

Vale retornar ao coro, que já anunciou que um mau fim está sendo arquitetado para o doutor. Como foi elucidado por Watt, os eruditos do século XV acreditavam na existência das forças invisíveis, mas, ainda segundo o autor⁷⁹, não acreditavam no poder de Fausto. Já os luteranos, por sua vez, acreditavam que os poderes do doutor eram reais, mas atribuíam a fonte ao Diabo, o que proporcionou ao ato de abraçar esse desejo e se associar ao mal o significado de dar algo em troca daquilo que recebe, ou seja, deveria existir um acordo entre as partes. A conjura faz com que Mefistófeles escute o desacato ao nome do Senhor e encaminha as exigências do trato após o consentimento de Lúcifer, que pode entregar o que Fausto pede, mas exige sua alma como recompensa. De fato, as exigências do douto (os vinte e quatro anos de poder e o serviço de Mefistófeles) não implicam em um empecilho para o mal, contanto que a posse de sua alma pelo Inferno esteja garantida. Para isso, os demônios, assim como a serpente, atribuem valor superior às vantagens terrenas, evitando que a alma do bem amado do Senhor se arrependa e possa obter Seu perdão através de garantias consecutivas dessas satisfações.

Ainda um outro acadêmico, bem posterior a Fausto, contemplou sua queda. Escrita na França do século XIX, a personagem Dom Claude Frollo, arqui-diácono da catedral de *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, é apresentada de forma que entra em contato com essa tradição literária. A referência é clara quando, nas palavras do autor, sua câmara se assemelha àquela que Rembrandt pintou e que

“representa, pelo que se supõe, o doutor Fausto, e que é impossível contemplá-la sem deslumbramento. É uma sombria célula. No meio, uma mesa carregada de objetos hediondos [...] O doutor está diante dessa mesa [...] Só se vê metade de seu corpo [...] e observa, com curiosidade e terror, um grande círculo luminoso, formado de letras mágicas [...] É terrível e belo”⁸⁰

Isto posto, a somatória dos elementos que constituem a ambientação que circunda essa personagem apresenta a configuração da discussão faustiana segundo a concepção estética de Victor Hugo. Segundo o professor Jefferson Cano⁸¹, Hugo estava inserido no debate literário do início do século XIX que polarizava a produção artística entre clássicos e românticos, cuja problemática se constituía pela situação da crítica que, devendo perceber e

⁷⁹ WATT, op. cit, p.31.

⁸⁰ HUGO, V. *Notre-Dame de Paris*. São Paulo: Estação Liberdade, 2010. p. 309.

⁸¹ CANO, J. *Notre Dame de Paris: Romance Dramático? Remate de Males* Vol. 35. No 1. (Jan/ Jun. 2015). p. 199-214.

determinar as relações entre a arte e o belo, deveria conciliar o caráter efêmero da primeira com a estabilidade do segundo.

Visto que a arte é mutável, o conflito com o campo do belo se dá pela sua integração histórica, levando-a a constituir a expressão de uma sociedade. O professor prossegue a análise estabelecendo o ideal de belo, segundo a contraposição que Stendhal coloca entre Shakespeare e Racine, dentro da concepção aristotélica de que o belo é aquilo que causa prazer e, a partir desse contraponto de nomes, suscita um contraponto de atitudes que define a polarização como sendo o clássico aquilo que dava prazer aos antigos, e romântico aquilo que dá prazer segundo o estado atual de hábitos e crenças.

Dessa maneira, o chamado “clássico” já teria sido um dia “romântico”, mas visto o elemento da historicidade, os modelos tradicionais não causariam mais prazer, necessitando renovação. Ainda segundo Cano, Stendhal veria no romance o avanço sobre a tragédia, constituindo uma renovação pelo entremeio de descrições que levariam ao “prazer dramático” e não mais ao “prazer épico”. Segundo esse raciocínio, de acordo com o professor, Hugo veria no romance o compromisso histórico, sendo uma arte aproximada da natureza e, assim, devendo exprimir uma verdade útil segundo o desenvolvimento da humanidade de acordo com a era vigente.

Assim, para Hugo⁸², a idade do mundo se divide em três tempos, sendo eles primitivo, antigo e moderno. O primeiro se caracteriza pela comunhão entre homem e poesia em relação comunitária, o segundo pela ampliação das esferas, gerando guerras e viagens, deixando para a poesia a função de contar os feitos, e o terceiro se caracteriza pela superação do paganismo material pela religião espiritualista que cimenta a moral. Segundo Hugo, a moral carrega o germe do mundo moderno, ensinando ao homem que este é duplo, pois possui uma vida terrena e outra imortal. Para ele, desse ensinamento se desenvolve um sentimento grave, porém não triste, ou seja, a melancolia.

O cristianismo, portanto, leva a poesia à verdade, enxergando agora o belo ao lado do feio, o bem ao lado do mal e o sublime ao lado do grotesco, sendo essa fusão entre sublime e grotesco aquilo que resulta no gênero moderno. A mistura entre eles gera contraste e, através da quebra da uniformidade, não há necessidade de descanso na leitura, pois esta se tornou mais fluida. Nessa nova poesia, o sublime representa a alma purificada pela moral cristã enquanto o grotesco consiste na bestialidade da carne, dando espaço para a representação dos vícios e paixões, dando margem para a luxúria, hipocrisia e mesmo covardia. Assim, o tempo

⁸² HUGO, V. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2007.

moderno apresenta uma complexidade cujo cerne é o drama, pois este pinta a realidade da vida. Ou seja, o drama estabelece a união entre arte e natureza tendo em vista que é espelho da vida. No caso de não cumprimento das leis naturais, o reflexo perde definição, mas o contrário resulta em arte.

Visto que o romance é o avanço da tragédia, as descrições entremeadas permitem a introdução desses opostos em convivência constante de forma que o realismo se constrói em função dos contrastes⁸³. Logo, a narrativa de Fausto apresentada por Marlowe sofre alterações e se reformula em uma complexidade maior na figura de Dom Frollo. Como aponta Cano, o nome da personagem se relaciona com o verbo francês *froler*, cujo significado de gerar atrito resume o conflito da personagem, da mesma forma que o coro anunciava o enredo de Fausto, visto que sua rigidez e sobriedade de padre entram em choque com seus desejos de homem.

Ainda que, ao contrário de Fausto, de origem abastada, visto ser senhor de um feudo, Claude Frollo também baixou os olhos para os livros teológicos desde muito cedo, versou em latim e foi encerrado na universidade. Foi “uma criança triste, grave, séria, que estudava de forma ardente e aprendia rápido”⁸⁴, de forma que “com dezesseis anos, o jovem clérigo podia enfrentar em teologia mística um padre de igreja; em teologia canônica, um padre dos conselhos; em teologia clássica, um doutor da Sorbonne”⁸⁵, caracterizando a ascensão arrivista de mesma natureza que seu anterior ao superar os doutores teológicos, levando as duas narrativas a encontrarem eco e resumo pela afirmação “Com dezoito anos, concluíra quatro faculdades. Parecia que o jovem tinha uma única meta na vida: saber”⁸⁶.

Tendo o conhecimento como meta única da vida, Frollo compartilha do desejo faustiano pelo conhecimento e também encaminha sua busca para seu limite humano. Entretanto, diferencia-se de Fausto, visto que este queria o conhecimento para se equiparar a Deus através do reconhecimento de seus semelhantes como um homem poderoso, enquanto que, para o segundo teólogo, o ápice da divindade estaria na capacidade alquímica de transformar metal em ouro e, como diz Cano, a “ambição de dominar os segredos da alquimia apenas traduzia a mesma imagem do fruto proibido”⁸⁷, trazendo para a disciplina a possibilidade de vislumbre da onipotência divina, mas não o seu alcance. Desta condição, há a experimentação do limite humano que, figurado na angústia impotente, margeia a ambição de superação que o incitaria em direção à sua queda, bem como Fausto e os primeiros pais.

⁸³ CANO, op. cit. p. 204.

⁸⁴ HUGO, V. *Notre-Dame de Paris*, op. cit. p. 183.

⁸⁵ *Ibid.* p. 184.

⁸⁶ *Ibid.*

⁸⁷ CANO, op. cit. p. 209.

Sendo que a posição divina se concentra no desejo pelo poder, esta implica na construção de uma hierarquia que coloca aquele que detém mais força em uma posição mais alta. Posto que a condição de superioridade pressupõe uma equivalente em sentido inverso, segundo essa lógica, Frollo, estando acima dos demais, necessitaria de um servo, alguém para quem sua vontade seja lei e sobre quem pode exercer seu poder. Logo, é fácil situar nessa função o emblemático Quasimodo, que se encaixa nessa narrativa de forma que ajuda a situá-la no mito de Fausto, pois

“Nada impedia de o arqui-diácono ser considerado pelas doudas cabeças do capítulo como uma alma aventurada nos vestibulos do inferno [...] Quasimodo passava por demônio e Claude Frollo por feiticeiro. Era evidente que o sineiro deveria servir o arqui-diácono durante um tempo, ao termo do qual levaria sua alma à guisa de pagamento”⁸⁸,

de forma que a relação de suposto laço afetivo, gerado na caridade de adotar uma criança abandonada, atravessada pela interpretação do vulgo, passa a constituir a ideia de pacto demoníaco, deslocando para Quasimodo a função de Mefistófeles.

Ao aproveitar da deformação física de Quasimodo para deturpá-lo em outro sentido, verifica-se aquilo que Stevenson aponta em seu texto sobre os romances de Victor Hugo, publicado na *Cornhill Magazine*, de que a finalidade moral dessa história seria denunciar a fatalidade externa que recai sobre os homens em forma de tola superstição. Uma vez deturpado pela natureza, essa fatalidade intrínseca de sua constituição acarreta uma fatalidade externa visto que, diferenciando-se dos homens por sua aparência, a superstição pública age sobre sua essência ao condicioná-la como não humana através das ações de rejeição que a urbe, movidas por essa mesma superstição, exerce sobre este e transforma-o em demônio.

A ideia de fatalidade na obra de Hugo está expressa desde o início do romance e, segundo Cano, esta exerce domínio sobre toda a narrativa sob a ideia de um destino trágico que os personagens não podem escapar, isto é, a morte. Atentando para o fim de Frollo, percebe-se o quanto essa fatalidade se relaciona com o mago que o antecede, visto sua morte, dada pela queda dos telhados da catedral, sendo observado pelas esculturas “sem terror para elas nem piedade para ele”⁸⁹ leva à compreensão de que o elemento trágico e inevitável consiste no destino aguardado para a alma do praticante das más ações.

Essa ideia, expressa na primeira fala de Fausto na peça, de que “O que há de ser, será”⁹⁰ implica na ideia de servidão que obriga, tanto Fausto quanto Frollo, à escravidão ao próprio apetite, trazendo para o cerne do drama trágico a obrigação com a própria vontade.

⁸⁸ HUGO, op. cit., p. 184.

⁸⁹ Ibid. p. 565.

⁹⁰ MARLOWE, op. cit., p. 45. No original “What will be, shall be?”. Ibidem, p. 44.

Sendo que a vontade é inescapável, as ações provenientes dela são de ordem natural e, uma vez que não se pode escapar do impulso do pecado, a morte eterna que este tem como paga configura a fatalidade pela inserção neste contexto não apenas pela entrega voluntária, mas também pela tomada de consciência da própria essência que leva à recusa da resistência. Nota-se que, ao tempo que a consciência da natureza determina a ação do indivíduo, a noção do irremediável aponta para um dado da tradição calvinista, isto é, a predestinação. Visto que, segundo essa doutrina, existiriam alguns eleitos de Deus destinados para a salvação, também existiriam os nascidos para a condenação independente do caminho transcorrido em vida, de forma que se justifica tanto a salvação de um vagabundo quanto a condenação de um teólogo.



A célula do doutor Fausto, por Rembrandt

Visto que a inevitabilidade indica uma finalidade moral, nota-se que tanto a meta quanto os objetivos já estavam definidos na vida de Frollo, e que estes planos prévios apresentam complicações quando o atrito, que está implícito em seu nome, vem à tona. Sendo arqui-diácono, sua vida estaria centrada na catedral de Notre-Dame de maneira que a igreja tomaria a forma do “desafio da inteligência que tentava a humanidade desde o primeiro pecado, refazendo o caminho da queda original. Assim, o pecado que imergia na angústia de buscar iguala-se a Deus precedia - se é que não preparava - o conflito interior que o domina quando encontra Esmeralda”⁹¹, de modo que o desejo da carne se sobressai quando do conhecimento da jovem cigana e altera a configuração que o clérigo tinha estabelecido para

⁹¹ CANO, op. cit. p. 210.

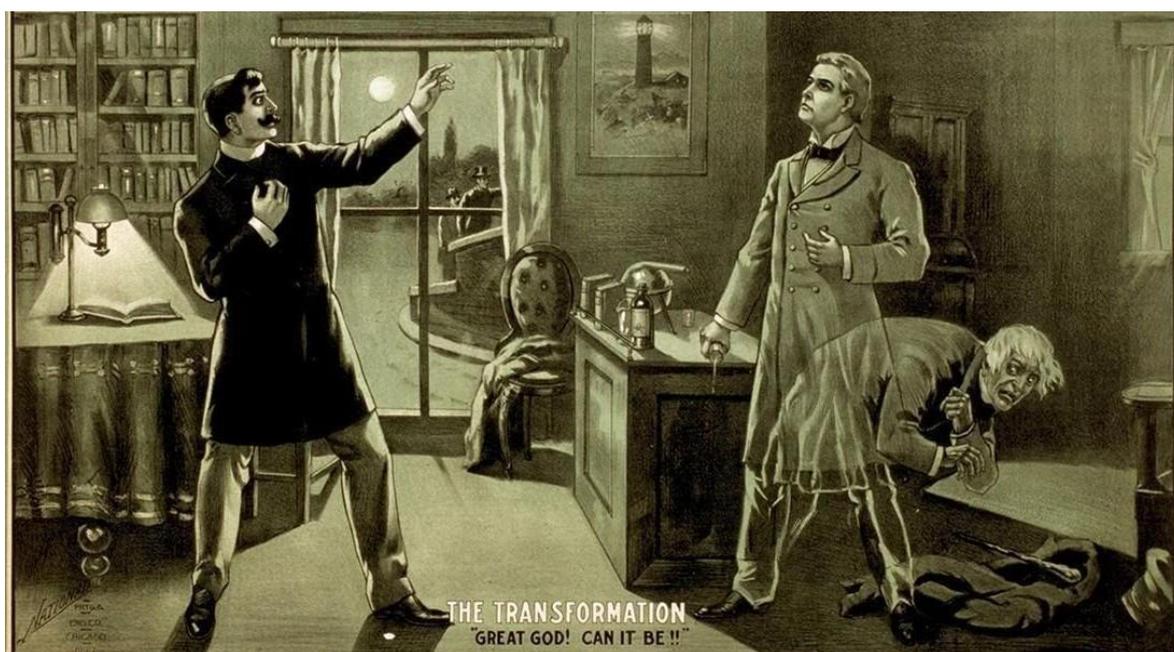
si. Com essa influência, o sujeito entra em conflito consigo mesmo, não conseguindo se debruçar sobre os livros da forma que costumava ao ter seu pensamento nas formas encantadoras da dançarina de rua. Ao não estar apto ao estudo, sua condição mortal se sobressai e revela tanto a fragilidade da existência quanto reforça a condição subalterna ao Criador, bem como a posição ambiciosa, irrealista e prepotente que existe nesse desejo de superação do pai supremo, além de expandir a angústia da impotência.

Aqui, nesse atrito, está parte da convivência entre sublime e grotesco, alto e baixo, pela oposição entre vontade do corpo e do espírito, que é o cerne do conflito de Frollo, e que forma o realismo que leva ao exercício da verdade útil. Essa verdade, por sua vez, ainda que indicada aqui, se pode ver mais claramente quando na fala do renomado dr. Henry Jekyll, personagem de *The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde*, em que o homem “is not truly one, but truly two”⁹². Este também tem no fundamento de sua narrativa um paralelo com o pecado original, pois compartilha desse “saber e orgulho inchado” do mago, o que se agrava pela natureza do proveito pessoal que, assim como Frollo, o leva a ceder ao mal. Sendo que já não precisa buscar a ascensão social através do saber, como era necessário para Fausto, já que teve nascimento ainda mais auspicioso que o do clérigo, com riquezas e influências garantidas pelo nome familiar, seu erro conflui na mesma direção que o do francês, ou seja, o desejo ser reconhecido por uma gravidade de ânimo e atitudes maior que seu espírito era capaz de admitir, direcionando-o ao rompimento entre sua constituição regida pela disciplina, árdua como o bem, e a constituição inclinada para os vícios, prazerosos como o mal, de sua personalidade.

A revelação do compartilhamento do corpo por dois homens da obra de Stevenson leva ao entendimento do crime e se concentra nos dois capítulos finais da obra, pelas narrativas de Lanyon e do próprio Jekyll. Ainda que pistas sejam dadas durante toda a narrativa, é na redação do colega de Jekyll, que se dá após a época em que o médico exerce o maior empenho no convívio social desde a aparição de Hyde, a partir de condições e um pedido insólito, mas tão enternecido que não se pode contrariar, que o enigma da obra se decifra. Até então, eram já conhecidas do leitor as divergências científicas entre Jekyll e Lanyon, mas só ao fim do relato descobre-se que essas diferenças resultaram na produção de outro ser a partir do rompimento físico de uma única pessoa, permitindo que Jekyll e Hyde fossem um único indivíduo.

⁹² “não verdadeiramente um, mas verdadeiramente dois”. Tradução nossa. STEVENSON, p. 43.

Além dessa criação ir contra as leis divinas, pois um único indivíduo não pode gerar outro, Lanyon, ao revistar o conteúdo da gaveta de Jekyll, encontra em seu caderno anotações nada conclusivas de seus experimentos e resume “Here were a phial of some tincture, a paper of some salt, and the record of a series of experiments that had led (like too many of Jekyll’s investigations) to no end of practical usefulness”⁹³. Ao menos assim pensava o médico, pois a declaração do caso feita pelo colega revela que essa tintura e sal lhe eram úteis para libertá-lo para os vícios aos quais tinha prazer em se entregar. Ao somá-los, a poção resultante fazia com que ocorresse uma transformação física, transformando um homem em outro, mas com a mesma alma e lucidez. Assim, Jekyll se aproveita do anonimato gerado pelo experimento para cometer seus pecados, se escondendo atrás de uma inocência hipócrita.



O choque de Lanyon quando testemunha a transformação de Hyde em Jekyll.

A partir dessa inclinação para o vício em contraste com a vida árdua de estudos, Jekyll se aproxima de Frodo ao criar uma vida dupla muito antes da tomada de consciência do fato, abrindo margem para que a fenda entre o bem e mal que o constitui possa ter origem e se agrave em relação aos seus anteriores. Até então, seus estudos o direcionavam para a promoção do conhecimento e alívio do sofrimento, o que parece estar de acordo tanto com os estudos de Lanyon quanto com os de Fausto, mas se afasta do antigo amigo de colégio e se aproxima do outro pecador. Diferentemente do francês, que conheceu seu conflito pelo

⁹³ “Continha algum tipo de tintura, um papel com algum tipo de sal, e o registro de uma série de experimentos que levavam (como muitas das investigações de Jekyll) a nenhuma finalidade prática”. Tradução nossa. Ibid. p.38.

encontro com a cigana, foi através dessa dedicação científica que sua mente foi iluminada para a batalha interna entre as duas naturezas e deu o estopim para o sonho de alcançar a dicotomia da alma que poria fim ao “insuportável”, ou seja, ao remorso e à culpa. Apesar de seus estudos não terem relação com a necromancia, conseguem transpor o limite da solidez da matéria, quebra as leis naturais e encontra uma forma de romper a unidade do corpo. A ciência aqui é culpada pela criação de Hyde pelo fato de que o médico já tinha desistido de aperfeiçoar sua melhor parte, deixando com que o pior pudesse se manifestar. Apesar da poção receber o status de neutralidade, tendo em vista que esta não liberta o mal, mas apenas aquilo que está em maior tendência e concentração na personalidade de quem faz uso dela, é o meio utilizado para alcançar esse desfecho maligno.

A submissão dos doutores ao poder do pecado não é o único ponto em que as histórias se conectam. O pacto leva Fausto ao reconhecimento que tanto desejava, mas como foi estabelecido um prazo para a prestação dos serviços de Mefistófeles e de sua glória, este deve expirar em breve, portanto, ser reverenciado pelo Imperador da Alemanha não é gratificante como esperava-se no início. A entrega de sua alma é o que constitui o tormento do fim, e este se dá com frequência e força em graduação cada vez mais crescente. O mesmo pode ser visto nos seus posteriores. Com Frollo, a condenação se dá pela perda gradual do controle da razão sobre a entrega ao vício que está contido nas sensações afloradas pela cigana. A ruptura que o encontro causa na rotina de sua vida faz com que ele questione tudo aquilo que conhece e mude sua visão de forma que este, em determinado momento, vá de encontro com a tentação e “à medida que mergulhava mais fundo, sentia em si mesmo rebentar um riso de Satã”⁹⁴, revelando que a profundidade da inclinação ímpia avança de acordo com o crescente da vontade, sendo que essa atua sobre o destino de Frollo, desconfigurando-o como homem e sendo substituído por demônio. Quanto a Jekyll, este se desespera cada vez mais com a perda de controle sobre as transformações e com o agravante de sua outra personalidade ser procurada como autora de um assassinato. As histórias de Dédalo, Fausto, Frollo e Jekyll se tocam no momento em que decidem concentrar suas mentes sobre artes que desafiam a natureza, mas enquanto Dédalo encaminha ingenuamente o próprio filho a um termo infeliz, os demais doutores se colocam espontaneamente nas posições que levam suas cabeças a prêmio e condenam suas almas, tendo em vista que seus corações se inclinaram com muita profundidade ao mal e não conseguiram o retorno.

⁹⁴ HUGO, *ND*, p. 408.

Levando em consideração que a temática faustiana se resume em três tópicos principais de desenvolvimento: excitação pelo conhecimento, entusiasmo pela beleza terrena e a danação espiritual⁹⁵, ela contribui para a exposição das qualidades e o levantamento das complexidades que a obra de Stevenson apresenta. Os dois primeiros tópicos, que dão o fundamento básico dos enredos, se encontram no episódio do Gênesis; somados, apontam para o desenvolvimento do terceiro, que dialoga diretamente com outra passagem da Bíblia, que se encontra em Romanos, ou seja, o conflito interno individual. Logo, em *The strange case...*, vemos a continuação da discussão na qual os pólos do bem e do mal não são mais parte de uma disputa entre Deus e o Diabo, mas entre o homem e sua alma, que já estava sugerida nos eventos da catedral.

Segundo Watt, a sociedade humana raramente viveu sem alguma forma de sistematização de crenças em um mundo invisível e o mito de Fausto teria despontado em um momento em que o cristianismo pensava ter polarizado os mundos humano e sobrenatural em um conflito entre o bem e o mal, dando um novo vigor à luta⁹⁶. Para elucidar o fato, o autor recorre a Lutero, que indicava o diabo para explicar cada tentação, dúvida ou desagrado em sua vida, concebendo esta como um combate perpétuo contra Satanás. Em acréscimo, para Patrícia da Silva Cardoso, Fausto representa “a condição humana e o papel dos indivíduos em relação uns com os outros e com as forças que os ultrapassam”⁹⁷ e explora um conjunto de preocupações bases para as culturas judaico-cristãs, como a distinção entre bem e mal, como lidar com essa dicotomia e o desejo de superação de limites.

A partir da leitura da epístola de Paulo pode-se notar que o domínio de Satanás sobre o mundo é reconhecido a partir de um compartilhamento entre as perspectivas da tese em que a tentação atua sobre a fraqueza e que cabe ao homem lutar para manter sua resistência contra ela e seu serviço ao Senhor. Logo em seus capítulos iniciais, o apóstolo declara que não cabe aos homens julgar os demais indivíduos, pois estes são seus iguais e, portanto, todos estão propensos a cederem aos mesmos erros. Além disso, o julgamento, ou seja, a sentença resultante do exercício da justiça, é um dever de Deus⁹⁸, tendo em vista que este é o autor e autoridade máxima das leis. Dessa maneira, os homens devem se diferenciar entre bons e maus através da obediência dessa premissa, princípio que se mostra fácil de obedecer por uma parcela da humanidade, já que os bons possuem a lei divina gravada no coração, fazendo

⁹⁵ WATT, op. cit, p. 42.

⁹⁶ Ibidem, p. 27.

⁹⁷ CARDOSO, P.S. “Farei uma Ponte, Moverei Montanhas” - Fausto e a História da Vontade Individual. In: *A Trágica História do Doutor Fausto*. Editora Unicamp (Campinas - SP) & Ateliê Editorial (Cotia - SP), 2018. p. 456.

⁹⁸ Romanos 2:1.

com que seus atos sejam acusados por sua consciência. Ao aceitar e assumir a falta de necessidade de um igual para definir seu veredicto através da autorreflexão, compreende-se que a lei nada mais faz que revelar o erro para o qual a natureza se inclina⁹⁹. Os que são acusados por suas consciências, portanto bons, têm a paz como veredicto positivo do Senhor, sendo essa uma esperança que atravessa os atos e escolhas dos homens. Porém, a lei precisa ser concretizada, e o meio para isso é o exercício da fé¹⁰⁰, sendo esta o justo elemento que falta para as personagens de Marlowe, Hugo e Stevenson.

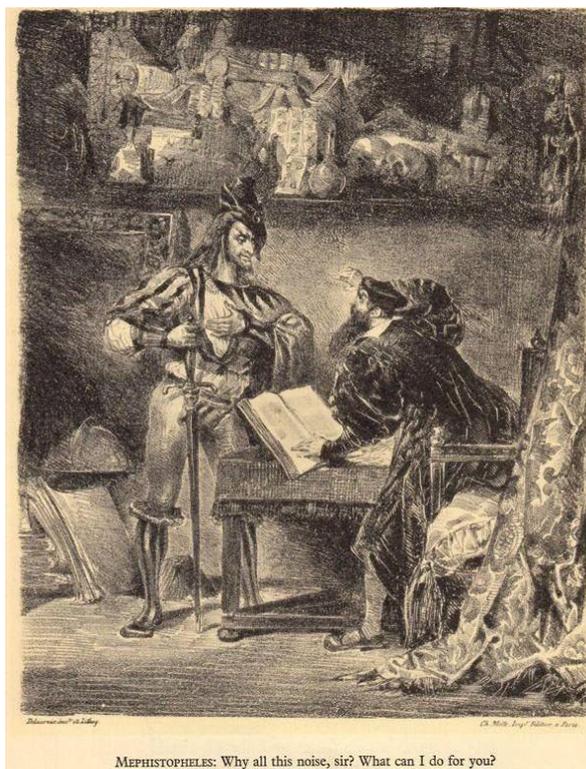
O horror do inferno, a imortalidade da alma e a danação, itens essenciais para o efeito dramático das narrativas, também são fundamentais para a contrarreforma¹⁰¹ e estão fortemente relacionados com a tese da recompensa adiada¹⁰², que defende que a adoração a Deus e cumprimento de suas leis serão atos recompensados quando o espírito se separar do invólucro carnal, enquanto que o não cumprimento das mesmas leis e adoração serão castigados. As três protagonistas, quando em olhar retrospectivo sobre suas ações, reconhecem seus pecados, mas enquanto Fausto e Jekyll não possuem fé de que o sacrifício de Cristo teria expiado os pecados dos homens, de maneira que não são capazes de desenvolver esperança na confissão, ato de arrependimento que levaria à absolvição e redenção, para Frollo essa não se torna uma questão, aceitando sua perdição como mais um nome na história da fatalidade.

⁹⁹ Rm 2:13-16.

¹⁰⁰ Rm 3: 21-29.

¹⁰¹ WATT, op. cit, p. 55.

¹⁰² Ibidem, p. 39.



Mefistófeles apresenta seus serviços à Fausto, por Delacroix

Convém notar que, na peça, ainda que o ancião tenha tentado dar esperança à Fausto com as palavras “Tem pena, Fausto, de teu Salvador/ Só seu sangue salvará tua culpa”¹⁰³, provando que o pecado do mundo já foi lavado com o sangue do filho de Deus, o doutor continua resignado com sua danação, tendo em vista que desistiu de se redimir dos seus atos, maus pelo fato de não serem movidos pelo desejo de paz, mas pela dedicação em fazer o necessário para o renome e glória atribuído pelos seus iguais, logo que inicia seu pacto, e permanece não acreditando que o alcance da paz através da salvação fosse possível em qualquer momento. Em suma, ao ter consciência de que todos os seus esforços têm como objetivo o julgamento dos homens, atribuindo valor mais ao material e mundano do que ao espiritual e eterno, ainda que refletindo sobre a remissão, Fausto não possui esperança suficiente para a concretização da fé e, na falta dessas duas graças, não pode obter a terceira delas em forma de redenção.

Tempos depois de Fausto, ainda que sob as devidas particularidades, tanto Frodo quanto Jekyll se entregam ao desejo de valorização pelos seus semelhantes e caminham contra o julgamento definido como justo pelo apóstolo. Ainda que o alcance do conhecimento destes não tenha vindo de uma ação com o sobrenatural, a complicação a qual estão submetidos é o

¹⁰³ MARLOWE, p.191. No original “But mercy, Faustus, of thy Savior sweet/ Whose blood alone must wash away thy guilty”. Ibid. p. 190.

rompimento de suas individualidades. Sendo que ambos possuem o entendimento de que suas naturezas se inclinam para uma direção que não acompanha o objetivo que decidiram traçar para suas vidas, constroem para si uma máscara de respeitabilidade e optam por deturpar o conhecimento para poder sucumbir ao pecado. No caso do arqui-diácono, este alcança uma alta posição na hierarquia clerical pela rotina longa e intensa de estudos, mas, ao se deparar com verdade de sua paixão, se aproveita da posição elevada de teólogo, usando dos trajes solenes para esconder a inclinação ao impulso sob a luz de todos, permitindo que pecador e confessor sejam a mesma pessoa sem a desconfiança ou perda de reconhecimento do povo.

Tendo visto que Stevenson era leitor dos romances de Hugo, pode-se notar a aproximação entre as narrativas, de forma que tanto o crime quanto a constituição deste pecador permitem encontrar o germe de Jekyll, contudo, com este, a deturpação do conhecimento soma outra complicação. Sendo que sua alta posição social não provém do clero, não possui um traje pronto para se esconder, logo, é a partir de seus experimentos que se torna capaz de criar um ser repulsivo para poder se livrar da máscara e mostrar sua verdadeira face, entregando-se aos vícios pelos quais simpatiza sem que essa imagem social (e infundada no seu espírito) fosse abalada. Chama igualmente a atenção a repulsa emanada por este ser criado. Sendo que nada nele indica uma deformação física que justifique a rejeição, como está explícito no caso de Quasímodo, a sensação proveniente dele se forma de maneira quase sobrenatural, e que está relacionada com o fascínio produzido pela cigana, que se dá não por sua composição em si mesma, mas “em meio a uma ação e seu efeito. [...] Esmeralda é uma criatura sobrenatural [...] porque vemos tudo isso em movimento”¹⁰⁴, de forma que Hyde possa ser repellido pelos que o conhecem pelo dado que suas ações permitem que estes reconheçam nele a essência vil que contrapõe o espírito daquele nascido deformado. Ainda que os interlocutores de Hyde, bem como de Frollo, possam identificar o encaminhamento dessas almas deste pelo estranhamento que causam, ao contrário de Fausto, suas condenações são um tormento observado individualmente e, portanto, não recebem um conselho equivalente ao do velho.

Ao restituir a trajetória de Frollo, nota-se aqui a dimensão que isso ocupa, visto que o clérigo aparece como um homem que foi direcionado para o sacerdócio por uma vontade que não a sua, fazendo emergir a questão da vocação. Sendo que foi forçado de início nessa lógica, apenas permanece nela por ambição, dado perfeitamente humano que acaba por reforçar a condição subalterna ao pai criador. Logo, a falta de vocação e a mundanidade que a

¹⁰⁴ CANO, op. cit, p. 206.

ambição reforça, somadas, apontam para a condição natural de homem e o impulso da carne pela carne que, visto ser princípio básico para a reprodução, aqui se configura como crime pela recusa do clérigo de abandonar o prestígio que sua posição concede para viver como homem, criando sua vida dupla. Posto que é um homem como todos os outros para si, mas esconde essa realidade sob a vista de todos ao usar a batina como disfarce de sua verdadeira natureza, é sob essa máscara que Frollo se sente confortável para agir conforme seus desejos sem medo do julgamento dos homens, mas será nesse excesso de confiança que encontra a ruína.

A partir da inclinação de Utterson “to Cain’s heresy”¹⁰⁵ nota-se a relação entre a tese da recompensa adiada com os privilégios e penitências do livre arbítrio. A partir da afirmação “I let my brother go to devil in his own way”¹⁰⁶ encontramos a liberdade concedida por Deus à humanidade para que cada indivíduo opte em se inclinar ao bem ou a se entregar ao mal. Apesar de binária, a escolha demanda uma ponderação profunda, tendo em vista que a segunda alternativa aproxima o sujeito da danação eterna, mas esta só se encontra disponível para aqueles que estiverem conscientes e dispostos a perder a alma. O pensamento do advogado ainda encontra eco na carta de Paulo, pois esta nos revela que o homem se torna escravo daquilo que escolhe obedecer¹⁰⁷ e, de fato, os maus fins das histórias se dão pelas escolhas das protagonistas. O psiquiatra opta por sucumbir ao pecado quando desenvolve sua personalidade viciosa ao invés de se inclinar à justiça divina e aperfeiçoar seu lado virtuoso.

Conforme aumenta a recorrência no pecado, este acaba por criar um hábito que se transforma em um vício de cunho moral. Libertando a pior parte de sua personalidade e instintos, o médico rompe não apenas com seu juramento de fazer o bem, mas igualmente com qualquer responsabilidade moral e legal. Tendo em vista que o vício se refere à realização dos desejos individuais, sendo o próprio prazer e satisfação com o mal do outro o motor para a reincidência, se estabelece um estatuto de neutralidade para a ciência, pois a substância que causa a transformação apenas rompe as barreiras que seguravam a maior tendência do homem. A possibilidade rejeitada poderia adestrar seu ânimo de forma a se tornar compatível com a imagem grave que aspirou durante tanto tempo, fazendo com que da transformação “had come forth an angel”¹⁰⁸, ou mesmo um Quasímodo além do quase, no entanto, o resultado de sua escolha se desenvolve ao ponto de acarretar na transformação automática, condicionando-o a um escravo do vício que tomou conta de seu ser. O mesmo

¹⁰⁵ “à heresia de Cain”. Tradução nossa. STEVENSON, p.1.

¹⁰⁶ “Eu deixo que meu irmão se condene à sua maneira”. Tradução nossa. Ibidem.

¹⁰⁷ Romanos 6:16-20.

¹⁰⁸ “tivesse surgido um anjo”. Tradução nossa. STEVENSON, p. 45

desenvolvimento é visto no clérigo, que gradualmente vai se transformando de homem em demônio conforme se entrega aos descumprimentos das ordens eclesiásticas que profere. Por fim, também na escolha de Fausto se encontra essa submissão completa quando, ao decidir renegar o nome de Deus, se torna escravo de uma vida de ofensas e altera o vocabulário santo para, no lugar, preencher com referências infernais.

Ao observar as escolhas podemos perceber o que o apóstolo continua afirmando, em sua comunicação, de que o pecado usa da lei para fazer com que a humanidade peque, como a serpente fez com Eva, mostrando que a distorção da lei pelo pecado prova que a lei é boa¹⁰⁹. Se esta não fosse justa e trouxesse proveito para os que a seguem, o mal não teria razões para deformá-la e arrastar seus seguidores para o caminho oposto. Assim, vale retomar os capítulos iniciais da epístola que afirmam que os bons têm a consciência acusada. Tendo em vista que esses podem dizer que sabem estar errando, isso prova a justiça da lei, logo, quem erra é o mal que está nele e não ele em si e, sendo que quem erra é a carne e não o espírito¹¹⁰, o justo tem a certeza de poder dobrar a ação do diabo¹¹¹ e ser salvo através do arrependimento, resultado do exame do espírito, e súplica pelo perdão presentes no ato da confissão¹¹².

De fato, Fausto, Frollo e Jekyll são vítimas de uma guerra interna, em que impulso e razão competem pela posse do ser. A disputa entre natureza humana e espírito se verifica no fato de que todos foram tentados pelo mal e cederam a ele, mas enquanto Fausto e Jekyll permaneceram refletindo sobre seus atos, visando a possibilidade de retorno, Frollo, ao aceitar a submissão aos vícios, avança com mais ardor sobre seus objetivos, de forma que continua margeando a noção de pacto com Quasímodo ao entrar na lógica luterana de que, ao abraçar o mal, este lhe daria poderes através de um acordo mútuo. Entretanto, vale notar as manifestações das tentações para cada douto. Ainda que um tenha sido seduzido de forma mais direta do que o outro, pois Fausto recebeu a sugestão diretamente da boca de seus amigos e do anjo mal, Jekyll sentiu a influência por reconhecer que o nome de sua família demandava um prestígio que o doutor não poderia entregar devido a sua natureza, deixando para Frollo um lugar intermediário, visto que não foi apenas a influência social que o impeliu nesse caminho, mas também não teve um ser celestial intercedendo em seu destino. Com isso, o primeiro ainda tem a possibilidade de dividir a responsabilidade do mal com uma influência externa, enquanto o segundo só pode culpar a si mesmo.

¹⁰⁹ Rm 7:5-12.

¹¹⁰ Rm 7:12-16.

¹¹¹ WATT, op. cit, p. 28.

¹¹² Rm 10: 9-10.

Dessa forma, o mago é impedido de sentir arrependimento efetivo ou de acreditar que pode obter o perdão após todos seus atos de crueldade e, mesmo quando começa a desenvolver culpa e remorso, é proibido de alcançar a paz pelos seres infernais que o redirecionam para o mal. Tendo isso em vista, pode-se dizer que Frollo estipula um avanço sobre Fausto visto que, ao assumir a posição impenitente, tomando a decisão de servir a própria vontade de forma incondicional, sem arrependimentos ou desvios, aceita entrar em comunhão com seus vícios. Porém, Jekyll, por sua vez, reconfigura esse avanço ao retomar o conflito da vontade mutável e reforçar o drama ao trazer para o primeiro plano a tentativa efetiva de redenção bem como a angústia do fracasso.

Retomando a posição na humanidade, Frollo persiste na busca da superação humana e o alcance da divindade a partir da luta contra a atração sentida, mas esta se dá apenas enquanto no estágio inicial e sem perspectiva conhecida de rivais. Ao ouvir uma conversa entre seu irmão mais novo, Jehan, e o capitão Châteaupers, na qual o segundo se vangloria da sedução que está para encaminhar Esmeralda, é levado a notar que a dançarina é uma mulher de carne e, como ele, está sujeita a direcionar suas atenções para um homem. Levado à consciência de que este homem é outro que não ele e, sendo livre das amarras que a condição clerical impõe sobre si, podendo realizar as ações que a natureza impele, Frollo toma a iniciativa que irá corrompê-lo, visto que desiste de resistir ao impulso carnal segundo o domínio da razão, e é levado à criação de sua vida dupla. Essa configuração tem início pelo fato que tanto cathedral quanto mulher são facetas de uma mesma paixão, experimentada entre vislumbres da onipotência divina, que o projeta num abismo moral, fazendo com que Frollo possa se referir a si mesmo como simultaneamente aranha e mosca¹¹³, isto é, se enxergando como vítima da própria armadilha.

Sendo que o padre vive os ardores de um homem quando enclausurado em si mesmo, revelando diretamente essa condição, ou seja, a de homem, apenas para o objeto de seus anseios, aos demais continua escondendo essa face, posto que, ao esfaquear Phoebus, se esconde e deixa a jovem para ser julgada em seu lugar, delegando a uma outra pessoa a condenação material de seu crime. Essa injustiça, por sua vez, prepara a revolta de seu destino. Visto que a batina garantia a execução de seus pecados sem que sofresse qualquer privação, a extrema confiança que depositava em seu disfarce não previa nenhuma ação que pudesse contrariar sua vontade, mas a interferência de um espírito nobre sobre suas ações alteram os planos e o encaminham para o limite, fazendo com que Frollo se afunde cada vez

¹¹³ CANO, op. cit, p. 210.

mais em meio aos pecados que recusa reconsiderar. Quanto a sua outra faceta, isto é, clérigo, nesta está a condição que faz com que a recusa da cigana exponha o maior horror. Sendo já um homem definido como velho pelo contexto da época que a história se passa, o cerne da repulsa de Esmeralda não está centralizado na diferença de idade entre eles, mas visto que Frollo é um homem dedicado aos estudos teológicos, divinos, inserido no clero e ocupando um alto posto nesta hierarquia, o descumprimento das normas tão altas, solenes, justas e santas consiste em um crime ainda mais grave que o ataque ao capitão, visto que este reflete diretamente no espírito, enquanto que o atentado permanece no plano material.

Por sua vez, Jekyll revela a competição entre matéria e espírito pela posse do ser de forma mais evidente. Logo após sua decisão de romper seu hábito de transformação, este mostra que seu arrependimento é verdadeiro pela tentativa de se redimir ao trabalhar a lei através do exercício de novas obras, sendo que se apresentam pela dedicação e retorno ao convívio em sociedade. Contudo, estas não são suficientes para salvá-lo, pois lhe falta a concretização pela fé, fato que se nota quando Henry Jekyll, ao sentar em uma praça e lembrar de seus atos passados, sente a leve tontura que o leva a se transformar novamente em Edward Hyde. A espontaneidade da transformação leva a crer que a ruptura de sua alma, resultado de uma atividade ambivalente, faz com que o arrependimento não seja completo, dado que seu outro eu, vicioso e frequentemente exercitado, não compartilha desse sentimento. Dessa maneira, qualquer que fosse o bem que tentasse produzir, o resultado não seria mais do que hipócrita, pois a benevolência não seria tanto um fruto enraizado em sua natureza, mas um artifício que visa o empate entre seus dois impulsos.

Ao desvendar o enigma, contando a história pelo seu ponto de vista, o médico confessa sempre ter vivido uma vida dupla, escondendo “a certain impatient gaiety of disposition”¹¹⁴, disposição de espírito que seria incompatível com o desejo de aparentar maior seriedade que a respeitabilidade cuja posição social e renome que buscou enquanto jovem impõe. O testamento do médico aparece como encerramento da questão final, e crítica ao comportamento humano, quando, enfim, a conduta ambígua se revela, mostrando a hipocrisia de atitude e a propensão à crueldade encontrada em uma figura que possuía tantos atributos e considerações perante toda a sociedade. Além disso, a incapacidade de reparar o mal através do trabalho presente retoma as ideias de fatalidade e predestinação calvinista. Desta forma, permite que a obra entre em contato com a doutrina seguida pelo seu autor, mas ainda deixa

¹¹⁴ “uma certa alegria impaciente de disposição”. Tradução nossa. STEVENSON, p.42.

em aberto tanto a possibilidade da condenação do indivíduo ser fruto da alma rompida pela impiedade quanto pela não eleição do homem.

Para Kreitzer¹¹⁵, o confronto entre fazer o bem ou mal se constitui na obra de Stevenson como o dilema da alma humana, elemento para o qual chama a atenção em seu artigo quando discute a guerra dos membros que, segundo ele, está tanto nas confissões de Jekyll quanto na Epístola de Paulo aos Romanos, que, segundo Kreitzer, era de conhecimento do autor, dada sua criação, e teria influenciado muito sua narrativa. Apenas no último capítulo percebemos melhor a relação entre as peças literárias. A guerra dos membros se fundamenta no conflito entre o não fazer o que se deseja ao mesmo tempo em que faz o que não quer, embate ao qual o homem está submetido por esta sua própria condição. Em suma, a contradição se dá entre as duas partes constituintes do ser humano, carne e espírito, uma relação rompida na narrativa, tendo o processo científico como meio de alcançá-la.

O crime de Jekyll contra as leis de Deus, resultante de seu experimento, chega ao seu conhecimento apenas quando ele reconhece a crescente violência de seus instintos como Hyde. Este movimento de compreensão é simultâneo à perda gradual do controle sobre a transformação, o que se configura como uma pena para o seu crime. Com o limite entre as personalidades se apagando cada vez mais, os conflitos entre elas se tornam mais insolúveis. Ambos começam a sentir a necessidade de viver separadamente, mas são impossibilitados pois constituem uma única pessoa. Contudo, o momento da morte de um difere da morte do outro. É Jekyll quem morre primeiro, deixando o cadáver de Hyde a ser descoberto, sendo que o suicídio que condena ambos é um só. Percebe-se que, ao final, Jekyll se arrepende de seus crimes, podendo, assim, ser salvo. Ao mesmo tempo, Hyde não se arrepende, portanto, não lhe resta a possibilidade de salvação. Desse modo, o desfecho da história exemplifica, através do dado da consciência acusada, que leva ao arrependimento, a importância da problemática religiosa para a sua construção.

Para Cardoso, o elemento da consciência consiste na transformação do ser através do tempo. Este passaria de parte da coletividade para representar o choque entre a vontade pessoal e as leis comuns, fortalecendo-se em vontade soberana até se consolidar em tirania¹¹⁶, sendo essa potência da vontade absoluta que levou os cultos à ruína. Da mesma maneira, a professora observa a mutação do pacto através do tempo e chama a atenção ao fato de que, no *Faustbuch*, o pacto exige que o doutor abdique o intermédio da Virgem Maria, enquanto, em

¹¹⁵ KREITZER, L. R. L. Stevenson's 'Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde' and Romans 7: 14-25: images of the moral duality of human nature. *Literature and Theology*, Vol. 6. No. 2 (June, 1992). p. 125-144.

¹¹⁶ CARDOSO, op. cit., p. 456.

Marlowe, o contexto da Reforma recusa a existência da ação intermediária. Dessa maneira, o Fausto inglês reforça a ideia de que a humanidade é responsável pelas próprias ações, bem como a ideia de que a luta contra o mal é dever particular¹¹⁷, visto que o destino da alma também é individual. Com isso, a representação da temática fáustica sofre um desvio, passando de coerção religiosa para reflexão sobre poder e limite individual, ou seja, o intuito da história deixa de ser o pecado para ser a consequência das ações, fazendo com que o pecador esteja no inferno ainda em vida através do exame da própria consciência¹¹⁸.

Logo, a condenação dos três é o preço pela alma dividida e só resta aos doutores lastimarem e maldizerem o conhecimento que tanto buscaram outrora, percebendo tardiamente o preço de seus atos. Ambos poderiam ter escolhido um outro caminho e aceitado o que a condição como humanos lhes conferia. Podemos verificar ainda em Gênesis que, no episódio da Torre de Babel¹¹⁹, Deus atribui diversas línguas aos homens para, inicialmente, confundi-los e evitar que estes se reúnam para produzir o impossível, o que diminuiria sua autoridade como produtor de milagres. Contudo, mais do que garantir Sua posição como supremo senhor, em Babel é estipulada e reforçada a condição de que nenhum mortal está propenso ou permitido a abranger todo o conhecimento que o mundo tem a oferecer. Assim, a humanidade é levada a refletir sobre o conhecimento e admitir que é preciso saber dosar a busca por ele, ponderar as condições de sua aquisição e, além disso, saber como usá-lo, pois, ao perceber a que fim sua criação levou seu filho, também Dédalo lamentou suas habilidades.

¹¹⁷ Ibidem, p. 459..

¹¹⁸ Ibidem, p. 467.

¹¹⁹ Gn 11:1-9.

Considerações Finais

A partir do levantamento das publicações de Stevenson na Cornhill Magazine, podemos verificar que grande parte da sua produção, no intervalo selecionado, é compatível com a afirmação de Schmidt de que essa etapa da revista teria foco acadêmico. Isso se dá pela recorrente produção de ensaios e críticas, bem como biografias que o autor produz, e que consistem na maior parte de seus escritos. Destes, conforme aponta o levantamento, apenas cinco apresentam caráter cujo foco se dá sob a luz do entretenimento. Contudo, vale notar que a frequência desse tipo de publicação se dá no momento final do comando editorial de Stephen e às vésperas da ação de James Payn, que encabeçaria a revista segundo viés voltado ao entretenimento, levando a compreensão de que Stevenson estaria acompanhando um movimento próprio da revista, se adequando às mudanças da publicação. Em acréscimo, visto que o foco da revista acompanhava a observação da demanda do público, nota-se que no intervalo de 1883 e 1896, quando a revista estava sob o comando de Payn, Stevenson publicou os dois romances que estabeleceram seu nome como literato. Assim, não apenas pode-se dizer que o autor alterou sua atividade para acompanhar um movimento do periódico, mas que também soube identificar e suprir a demanda do público autonomamente.

Entretanto, tendo em vista sua posição como crítico, o interesse nessa condição consiste no reflexo que este tipo de texto apresenta de Stevenson como leitor, posto que seu foco como autor de crítica é mais representativo quando pensa a questão da pluralidade da consciência vista nas obras de Victor Hugo. A reflexão dessa condição da psique humana, somada a sua preocupação como contista, que se revela pela preocupação com o resultado das ações e desejos humanos, bem como ensaísta, que analisa as relações humanas, seja do sujeito com ele mesmo ou com os demais, apontam para uma questão que se pode notar tanto por uma vertente cientificista quanto filosófica. Esta se constitui pelo estudo da mente que se apresenta tanto por artigos na revista quanto sob a intensidade e referência de uma tradição literária que aponta para o pecado do conhecimento quando este se transforma em meio de suprir uma vontade tirânica, e por isso deficiente, que aqui se analisa sob a figura fáustica.

No entanto, retomando tanto as publicações do autor como o momento acadêmico da revista, é possível localizar entre as publicações artigos científicos cuja leitura apontam para um contexto cientificista muito pouco autônomo, visto que o conteúdo apresentado possui característica mais especulativa e descritiva do que comprobatória. Essa marca se repete na novela de Stevenson ao notar-se que a fórmula que acarreta a transformação não se estabelece segundo a metodologia técnica precisa, mas é seu resultado que encontra descrição mais

cuidadosa ao longo dos testemunhos finais. Dessa forma, o campo médico psicológico, ao não conseguir fundamentos na fisiologia, abre espaço para que a questão mental seja pensada e abordada segundo uma concepção filosófica e mesmo moral.

A relação entre corpo e mente, como revela a leitura dos textos publicados na *Cornhill Magazine*, tem princípios fisiológicos na origem da discussão, como a capacidade de um distúrbio mental acarretar em sintomas físicos e a possibilidade de alterações na circulação sanguínea condicionar atividade mental anormal, permitindo encaminhar a compreensão da obra de Stevenson segundo a proposta de Stiles, em que a origem do distúrbio derivaria de uma falha fisiológica causada pelo desequilíbrio entre os hemisférios cerebrais do médico, incluindo-se no contexto cientificista da época. Entretanto, os artigos também mostram que esse debate abrange planos mais amplos, incluindo o elemento moral. Uma vez que a vontade do indivíduo, formada na subjetividade impalpável segundo um conjunto de valores, direciona sua ação, esta terá reflexo no mundo material. Dessa forma, o mundo interior do indivíduo passa a ser de interesse coletivo, uma vez que a exteriorização dos seus conjuntos de valores terá efeito sobre a comunidade, levantando tanto a problemática da insanidade quanto das formas de controle e recuperação do sujeito, sendo que ambas se concretizam na atuação do alienista.

Sendo que a insanidade era vista como resultado da paixão desenfreada, a sanidade teria como fundamento a capacidade de controle do indivíduo sobre suas vontades, sendo que o filtro se daria pelas normas sociais, garantindo a boa convivência. Com isso, o alienista seria a figura cujo olhar especializado descobriria o desviante e, sendo capaz do reconhecimento, também teria autoridade sobre a recuperação e reabilitação do paciente na sociedade. Assim, a figura do alienista na obra se torna ponto de interesse tanto pela questão da vigilância, que remete ao romance policial, quanto pela autoridade que se atribui ao conhecimento científico, sobretudo médico, sobre as atividades sociais. Vale notar que ambos os pontos se tocam pelo fato do criminoso sob vigia e o responsável por sua recuperação serem a mesma pessoa, de maneira que a autoridade médica é ironizada na narrativa devido ao fato de que o responsável pela ordem ser também aquele que causa a desordem.

Retomando o postulado de que a sanidade tem em sua base o exercício da razão refreando o vício, resultado da paixão descontrolada, a racionalidade se instaura como filtro da atividade virtuosa. Contudo, o caso relatado aqui apresenta uma problemática que se origina na exacerbação dessa razão, posto que é na confiança extrema no conhecimento que impossibilita o médico de perceber a si mesmo como um caso clínico. Assim, razão e virtude passam a coexistir em uma relação contraditória, uma vez que é na posse e exercício do

conhecimento que Jekyll se encaminha para a derrocada, já que é através do uso da ciência que este liberta o desregramento que determina seu fim. Dessa forma, a obra entra em acordo com a temática do conhecimento proibido, em que a discussão sobre a ambição que tem origem no saber estipula um limite para sua aquisição e exercício, de maneira que insere o conflito da protagonista na tradição fáustica.

O contato entre Jekyll e Fausto tem origem no compartilhamento destes pela ambição à vida de estudos não apenas pelo conhecimento, mas também pelos privilégios que dela resultam. O reconhecimento da condição de estudioso tem poder tanto de conferir um status de importância entre o vulgo quanto de atribuir uma posição elevada na hierarquia do meio acadêmico e, somados, acarretam em um estado de poder e autoridade. Porém, ambos se encontram em uma condição mortal, que se define pela existência de um limite a respeitar, e é pela insatisfação em relação a essa condição humana que os doutores se encaminham para a queda. O inconformismo com os corolários da humanidade confere o estopim para a batalha entre corpo carnal limitado e impulso do espírito eterno que encontra espaço nas atividades dos homens, de maneira que suas histórias são ilustrações para luta dos membros descrita no texto bíblico de Paulo para os Romanos.

A intenção de se libertar de amarras mortais configura conflito tanto para Fausto quanto para Jekyll de maneiras diferentes que resultam em um mesmo fim. Enquanto Fausto opta por se aliar aos seres infernais, condenando-se de forma direta através do pacto, a proximidade do fim levanta questões em sua consciência sobre o caminho que tomou, porém, não encontrando fé na salvação, não luta contra sua condenação e aceita o mal que causa a si já contra sua vontade. Já em Jekyll, a intenção de extrapolar o limite se dá pelo desejo de se libertar da culpa do mal causado, entretanto, a tentativa apenas acarreta na formação de uma criatura que comete ações cada vez mais intensas e vis, legando ao criador as dores do tormento. Assim, a luta de Jekyll se dá de forma mais nítida, uma vez que tenta, motivado pelo remorso que tentou se libertar, remir os crimes como Hyde, através de atividades como Jekyll, para salvar a alma que recrimina o mal causado através do exame da consciência. Contudo, uma vez que essa outra parte não compartilha desse arrependimento, este não é completo, de forma que a possibilidade de salvação não pode ser aplicada a esse espírito corrompido e a alma compartilhada se condena.

Em visão geral da pesquisa aqui produzida, vemos que o elemento comum que perpassa os capítulos se dá pela preocupação de Stevenson em refletir sobre a pluralidade da existência humana. Como leitor, Stevenson ressalta as qualidades de Hugo por este ser um autor cuja obra revela uma consciência plural da humanidade, uma consideração semelhante

àquela que o escocês demonstra quando reflete sobre os diversos estilos de vida em prol da existência com base na tolerância com o próximo.

Também vale notar que a pluralidade de consciência reconhecida pelo autor nos textos do francês se antecipa e relaciona com os estudos científicos contemporâneos que debatem sobre a consciência múltipla como fenômeno atrelado a distúrbios fisiológicos. Entretanto, vemos que esse campo de análise não se esgota, visto que a formação do homem como ser social também é fator condicionante de atividades mentais, que retornará ao mundo material, em uma relação cíclica regida por questões morais. Estas, por sua vez, serão determinantes das escolhas do indivíduo ao longo da vida, definindo os caminhos pelos quais o sujeito irá caminhar, levando-o ao destino respectivo ao que escolher obedecer.

Assim, podemos dizer que a obra de Stevenson fornece e permite uma multiplicidade de leituras, dando margem para diversas hipóteses que encontram fundamento em questões de diversos campos. Sendo a existência plural um dado recorrente ao longo desta análise, a narrativa a inclui em diversos níveis de compreensão que, ao que se pode verificar, não foram esgotadas pelas pesquisas até hoje.

Fontes e bibliografia

- Fontes

The Cornhill Magazine, volume 30.

The Cornhill magazine, volumes 33 - 46.

- Bibliografia

ARAÚJO, R. Criptografia e Perversidade: Lógica da Maldade ou Crime como Arte. In: Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p.49-55.

_____. O Fantástico Mundo dos Crimes. In: Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 69-90.

BLOCK JR., E. Evolucionist Psychology and Aesthetics: The Cornhill Magazine, 1875-1880. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 45, N°3 (Jul./ Sep. 1984). p. 465-475.

BRESCIANI, M. S. M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense.

_____. Metrópoles: as faces do monstro urbano(as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, Vol. 5, n°8/9 (Set. 1984/ Abr. 1985). p. 35-68.

BRIGGS, K. M. Folklore in Nineteenth-Century English Literature. *Folklore*, Vol.83. No.3 (Autumn, 1972). p. 194-209.

BRILLAT-SAVARIN, J. A. *A Fisiologia do Gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURRISS, E. E. The Classical Culture of Robert Louis Stevenson. *The Classical Journal*, Vol. 20. No. 5 (Feb, 1925). p. 271-279.

CANO, J. Notre Dame de Paris: Romance Dramático? Remate de Males. Vol. 35. No 1. (Jan/ Jun. 2015). p. 199-214.

CARPENTER, W. B. Preface. In: *Principles of Mental Physiology*. Londres: C. Kegan Paul & Co., 1881. 6° edição.

_____. Preface to the fourth edition. In: *Principles of Mental Physiology*. Londres: C. Kegan Paul & Co., 1881. 6° edição.

COMITINI, P. The strange case of addiction in RLS's 'Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde'. *Victorian Review*, Vol. 38. No. 1 (Spring, 2012). p. 113-131.

CONAN DOYLE, A. The Adventure of the Copper Beeches. *The Strand Magazine* (jun. 1892). p. 613-628.

- COURTINE, J.J., O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 253-340.
- COURTINE, J.J., & VIGARELLO, G. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 341-361.
- CZYZEWSKA, U. & GLAB, G. R.L.Stevenson philosophically: dualismo and existentialism within the gothic convention. *Annals of Philosophy*, Vol. 62. No. 3 (2014). p. 19-33.
- DOMSCH, S. Monsters against Empire: The Politics and Poetics of Neo-Victorian Metafiction in *The League of Extraordinary Gentlemen*, em *Neo- Victorian Gothics: Horror, Violence and Degeneration in the Re-Imagined Nineteenth Century*. Brill & Rodopi, 2012. p. 97- 121.
- FREUD, S. O Estranho. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917~1918)*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996. p.235-273.
- GAY, P. O reencantamento do mundo. In: *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Victoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.p.49-118.
- GEISSINGER, J. A. Robert Louis Stevenson as an Interpreter of Life. *The Harvard Theological Review*, Vol. 2, n°1 (Jan, 1909). p. 85-94.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- HUGO, V. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2007.
- _____. *Notre-dame de Paris*. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- HUME, Robert D. Gothic versus Romantic: A Revaluation of the Gothic Novel. *PMLA*, Vol. 84, n° 2 (Mar., 1969). p. 282-290
- JACKSON, E. A. B. Twins, Twinship and Robert Louis Stevenson's 'Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde'. *Victorian Review*, Vol. 39. No.1 (Spring, 2013). p. 70-86.
- JAUSS, H. R. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- KREITZER, L. R. L. Stevenson's 'Strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde' and Romans 7: 14-25: images of the moral duality of human nature. *Literature and Theology*, Vol. 6. No. 2 (June, 1992). p. 125-144.

- MACDUFFIE, A. Irreversible Transformations: Robert Louis Stevenson's Dr. Jekyll and Hyde and Scottish Energy Science. *Representations*, Vol.96. No.1 (Fall, 2006). p. 1-20.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. O Alienista. In: *Papéis Avulsos I*. São Paulo: Editora Globo, 1997. p. 3-61.
- MANGUEL, A. Marta e Maria e as cascatas de Reichenbach: Stevenson e Conan Doyle. In: *À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 149-154.
- MARLOWE, C. *A História Trágica do Doutor Fausto*. São Paulo: Editora Hedra Ltda., 2011.
- _____. *The Tragical History of Doctor Faustus*. Westminster, Londres: Francis Griffiths, 1907. Disponível em <<https://archive.org/details/tragicalhistory01marlgoog>>.
- _____. *A Trágica História do Doutor Fausto*. Editora Unicamp (Campinas - SP) & Ateliê Editorial (Cotia - SP), 2018.
- MOULIN, A.M., O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J. & VIGARELLO, G. (Org). *História do Corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 15-82.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 429.
- PARSONS, C. O. Stevenson's Use of Witchcraft in 'Thrawn Janet'. *Studies in Philology*, Vol. 43, nº 3 (Jul., 1946). p. 551-571.
- ROUSSET, C. *O Real e seu Duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda., 2008.
- SALER, M. Clap if you believe in Sherlock Holmes: mass culture and the re-enchantment of modernity, c. 1890-c.1940. *The Historical Journal*, vol. 46, n. 3, 2003. p. 599-622.
- SCHMIDT, B. Q. Introduction: 'The Cornhill Magazine': Celebrating Success. *Victorian Periodicals Review*. Vol.32, Nº3 (Fall 1999). p. 202-208.
- SHUTTLEWORTH, S. Insanity and Selfhood. In: *Charlotte Brontë and Victorian Psychology*. Cambridge University Press, 1996. p. 34-56.
- STEVENSON, R.L. *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2016.

STILES, A. Robert Louis Stevenson's 'Jekyll and Hyde' and the double brain. *Studies in English Literature. 1500-1900*, Vol.46. No.4 The Nineteenth Century (Autumn, 2006). p. 879-900.

TEIXEIRA, I. Teatro do Mundo e Pressupostos da encenação. In: *O Altar e o Trono: Dinâmica de Poder em O Alienista*. Ateliê Editorial (Cotia - SP) & Editora da Unicamp (Campinas - SP), 2010. p. 17-45.

_____. Irônica Invenção do Mundo. In: _____. *O Altar e o Trono: Dinâmica de Poder em O Alienista*. Ateliê Editorial (Cotia - SP) & Editora da Unicamp (Campinas - SP), 2010. p. 139-160.

_____. Racionalidade e Poder. In: _____. *O Altar e o Trono: Dinâmica de Poder em O Alienista*. Ateliê Editorial (Cotia - SP) & Editora da Unicamp (Campinas - SP), 2010. p. 271-305.

THORPE, D. Calvin, Darwin and the double: the problem of divided nature in Hogg, MacDonald and Stevenson. *Newsletter of the Victorian Studies Association of Western Canada*, Vol. 11. No. 1 (Spring, 1885). p. 6- 22.

TODOROV, T. Tipologia do Romance Policial. In: *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 93-104.

_____. *Introdução à literatura fantástica (cap. 1, 2 e 3)*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WARNER JR, F.B. Stevenson's First Scottish Story. *Nineteenth-Century Fiction*, Vol.24. No.3 (Dec, 1969). p. 335-344.

WATT, I. De Jorge Faust ao Faustbuch. In: _____. *Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahaar Editor, 1997. p.19-40.

_____. A Trágica História da vida e morte do Dr. Fausto. In: _____. *Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahaar Editor, 1997. p.41-59.

WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.